

3298

MARCEL PROUST

O TEMPO REDESCOBERTO

Tradução
Lúcia Miguel Pereira

Ensaaios críticos
Olgária Chaim Féres Matos
Leda Tenorio da Motta

12ª Edição, revista por
Olgária Chaim Féres Matos



PQ 2600-86

P 968 tP

12. ed.

e, 2

Titulo do original francês:
Le temps retrouvé

Capa: Moema Cavalcanti

Direitos desta edição adquiridos por
EDITORA GLOBO S.A.
Rua Domingos Sérgio dos Anjos, 277
CEP 05136-170 – Fax: (011) 836-7098, São Paulo, SP.
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte – Câmara Brasileira do Livro, SP

Proust, Marcel, 1871-1922.

O tempo redescoberto / Marcel Proust ; tradução Lúcia Miguel Pereira ; ensaios críticos Olgária Chaim Féres Matos, Leda Tenório da Motta. – 12. ed. rev. por Olgária Chaim Féres Matos. – São Paulo : Globo, 1995. (Em busca do tempo perdido; 7)

ISBN 85-250-0424-3 (obra completa)
ISBN 85-250-0610-6 (volume 7)

1. Romance francês I. Pereira, Lúcia Miguel. II. Título. III. Série.

88-0918

CDD-843.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura francesa 843.91
2. Século 20 : Romances : Literatura francesa 843.91

SUMÁRIO

Tansonville 9

O sr. de Charlus durante a guerra;
suas opiniões, seus divertimentos 33

A recepção da princesa de Guermantes 137

Traduzir Proust 293

A história de um texto 297

A RECEPÇÃO DA PRINCESA DE GUERMANTES

A nova casa de saúde a que então me recolhi, tal como a primeira, não me conseguiu curar; e nela passei muito tempo. No trajeto de trem, a caminho de Paris, a convicção da ausência em mim de dons literários, descoberta outrora nos arredores de Guermantes, verificada com maior tristeza ainda em Tansonville, nos passeios cotidianos com Gilberte, antes de voltar para jantar muito tarde, já noite fechada, e que, na véspera de deixar aquela propriedade, lendo algumas páginas do diário dos Goncourt, eu mais ou menos identificara com a vaidade, a mentira da literatura, essa convicção menos dolorosa talvez, porém mais melancólica quando a atribuía, não a minha própria e peculiar deficiência, mas à inexistência do ideal em que acreditara, essa convicção, que havia muito não me acudia ao espírito, assaltou-me novamente e com força mais acabrunhadora do que nunca. Foi, bem me lembro, numa parada do trem em pleno campo. O sol iluminava até meia altura um renque de árvores que margeava a estrada de ferro. “Árvores”, pensei, “não tendes mais nada a dizer-me, meu frígido coração já não vos ouve. Estou no seio da natureza, e todavia é com indiferença, com tédio que meus olhos contemplam a linha que vos separa a fronde luminosa do tronco sombrio. Se alguma vez me imaginei poeta, agora sei que não o sou. Talvez, na nova fase que se abre em minha vida ressequida, os homens me possam sugerir o que não mais me segreda a natureza. Mas os anos em que porventura me fosse dado cantá-la não voltarão jamais.” Ao dar-me, porém, a esperança de uma possível observação humana substituir a inspiração impossível, eu a sabia apenas um consolo, sobre cujo valor não me iludia. Se possuísse realmente alma de artista, que prazer não experimentaria diante dessa cortina vegetal, batida

pelo sol poente, diante das humildes flores do talude, a se alçarem até quase o estribo do vagão, cujas pétalas poderia contar, e das quais nem ousaria descrever as cores, como faria um escritor autêntico, pois como tentar transmitir ao leitor um prazer não sentido? Pouco depois, vira com a mesma apatia as pastilhas de ouro e laranja de que o sol no ocaso criava as janelas de uma casa; enfim, como avançasse o crepúsculo, outra vivenda me pareceu construída com uma substância de um róseo estranho. Mas verificava tudo isso com a mesma indiferença com que, se passeando no jardim ao lado de uma senhora, visse uma folha de vidro, e, mais além, algum objeto de matéria análoga ao alabastro, cuja rara coloração não me vencesse o dolente tédio, e, por polidez para com minha companheira, a fim de dizer alguma coisa e mostrar que notara a cor, designasse de passagem o vidro colorido e o pedaço de estuque. Assim também, por desencargo de consciência, assinalava a mim mesmo, como a alguém que estivesse comigo e fosse mais capaz de apreciá-los, os reflexos de fogo nas vidraças e a transparência rósea da casa. Mas o interlocutor a quem indicava esses efeitos curiosos não possuía sem dúvida o feitio entusiasta das pessoas cordiais, que se deslumbram com tais espetáculos, pois tomou conhecimento das cores sem nenhuma espécie de prazer.

Minha longa ausência de Paris não impedira alguns velhos amigos de continuarem, porque meu nome constava das listas, a mandar-me fielmente convites, e quando ao chegar encontrei — com um para o chá dado pela Berma em honra da filha e do genro — outro para uma recepção, na mesma tarde, na casa do príncipe de Guermantes, as tristes reflexões feitas no trem não foram dos menores motivos que me aconselharam a ir. Não valia a pena privar-me de vida social, dizia a mim mesmo, já que do famoso “trabalho” ao qual há tanto tempo esperava cada dia consagrar-me no seguinte, não estava, ou já não estava mais à altura, e que talvez até ele não correspondesse a nenhuma realidade. No fundo, esta razão, toda negativa, apenas destruía as que me poderiam desviar do concerto mundano. O que me decidi a ir foi o nome de Guermantes, bastante afastado de minhas cogitações para que, lido num cartão, me despertasse um lampejo de atenção, suscitasse, nos desvãos de minha memória, um trecho de seu passado, envolto em todas as imagens de florestas senhoriais ou de floridos arbustos que então o escoltavam, e readquirisse para mim o encanto e a significação que lhe emprestava em Combray, quando ao passar, de volta a casa, pela Rue de l’Oiseau, via de fora, como uma laca escura, o vitral de Gilbert le Mauvais, senhor de Guer-

mantes. Por um momento, os Guermantes se me afiguraram de novo completamente diversos da gente de sociedade, não sofrendo confronto com ela, nem com nenhum ser vivo, embora fosse um soberano: reapareciam-me como frutos do cruzamento do ar ácido e virtuoso daquela sombria cidade de Combray onde decorrera minha infância, com o passado que, junto do vitral, aí se vislumbrava na rua estreita. Desejava ir à festa dos Guermantes como se assim me pudesse aproximar da infância e das profundezas da memória onde a avistava. E continuei a reler o convite até que, revoltadas, as letras componentes desse nome familiar e misterioso como o de Combray retomassem sua independência e desenhassem ante meus olhos fatigados um apelido estranho.

Como justamente mamãe ia a um chá íntimo em casa da sra. Sazerat, não tive o menor escrúpulo em sair para a recepção da princesa de Guermantes. Tomei um carro, pois o príncipe já não habitava seu antigo palacete, mas outro, magnífico, que mandara construir na Avenue du Bois. Erra a gente de sociedade, não entendendo que, para impor-se a nós, deveria começar por ter fé em si mesma ou ao menos respeitar os elementos essenciais de nossa crença. Ao tempo em que, embora me afirmassem o contrário, eu não admitia que os Guermantes habitassem tal ou qual palácio senão em virtude de um direito hereditário, penetrar na morada do feiticeiro ou da fada, ver abrirem-se diante de mim portas que só cedem à fórmula mágica, parecia-me tão difícil como obter uma entrevista com o próprio feiticeiro ou a própria fada. Convencia-me ingenuamente de que o velho criado, alugado na véspera ou fornecido por Potel e Chabot, era filho, neto, descendente dos que muito antes da Revolução já serviam à família, e, com infinita boa vontade, considerava retrato de antepassado o que fora adquirido um mês antes a Bernhei filho. Mas um sortilégio não se transporta, não se dividem recordações, e do príncipe de Guermantes, desde que, ao se mudar para a Avenue du Bois, destruía por si mesmo as ilusões de minha fé, já pouco restava. Os tetos que eu temera ver desabarem ao som de meu nome, e sob os quais vagaria ainda para mim parte do encanto e dos receios de outrora, abrigariam os saraus de uma americana qualquer. Naturalmente, as coisas não têm poder em si mesmas, e, como somos nós quem o emprestamos a elas, algum jovem colegial burguês experimentaria neste momento, diante da residência da Avenue du Bois, sentimentos idênticos aos meus diante da antiga casa do príncipe de Guermantes. É que estaria ainda na idade das crenças, mas eu já a transpusera e fora privado de seus privilégios, como, após a primeira in-

fância, perde-se a faculdade peculiar às crianças de dissociar em frações digeríveis o leite que absorvem, o que lhes permite mamar indefinidamente, sem tomar fôlego, ao passo que, por prudência, os adultos precisam beber leite em pequenas doses. A mudança do príncipe de Guermantes trouxe-me ao menos a vantagem de obrigar o carro que me fora buscar, no qual me vinham estas reflexões, a atravessar as ruas do percurso até os Campos Elísios. Eram muito mal calçadas naquela época, mas, nem por isso, apenas nelas penetrei, deixou de distrair-me de meus pensamentos uma sensação de extrema doçura; dir-se-ia que de repente começara o carro a rodar mais facilmente, mais suavemente, sem ruído, como quando, transposto o portão de um parque, desliza-se sobre alamedas cobertas de fina areia ou de folhas secas; materialmente, nada mudara, mas eu sentia a súbita supressão dos obstáculos exteriores, como se não me fossem mais exigidos os esforços de adaptação ou de atenção que, à nossa revelia, fazemos diante das coisas novas; as ruas já esquecidas por onde passava naquele momento eram as que tomava antigamente com Françoise para ir aos Campos Elísios. O próprio solo sabia aonde conduzia; sua resistência estava vencida. E, como o aviador até então penosamente preso à terra decola de pronto, eu subia aos poucos para as alturas silenciosas da memória. Em Paris, estas ruas se destacarão sempre para mim, substancialmente diversas das outras. Na esquina da Rue Royale, onde se vendiam outrora, ao ar livre, as fotografias tão do gosto de Françoise, pensei que o carro, impulsionado por centenas de curvas antigas, não poderia deixar de virar por si mesmo. Eu não percorria as mesmas ruas que os transeuntes daquele dia, mas um passado escorregadio, triste e doce. Sendo, aliás, composto de tantos passados diferentes, era-me difícil distinguir a causa de minha melancolia, saber se se devia à espera de Gilberte e ao receio de que não viesse, à proximidade de certa casa onde me disseram que Albertine fora com André, à significação filosófica que parece assumir um caminho mil vezes seguido com paixão extinta e estéril, como aquele no qual, depois do almoço, eu andava apressadamente, febrilmente, para contemplar, ainda úmidos de cola, os cartazes de *Fedra* e do *Domino noir*. Chegado aos Campos Elísios, não querendo ouvir todo o concerto dado em casa dos Guermantes, mandei parar o carro, e preparava-me para descer e caminhar um pouco, quando chamou-me a atenção outro carro que também se detinha. Um homem de olhos fixos, muito curvo, antes colocado do que sentado no fundo, fazia para aprumar-se esforços semelhantes aos de uma criança a quem se houvesse recomendado

juízo. Mas sob o chapéu de palha via-se uma floresta indômita de cabelos inteiramente brancos, e uma barba branca, como as que a neve põe nas estátuas dos rios dos jardins públicos, escorria-lhe do queixo. Era, ao lado de Jupien, que o cercava de cuidados, o sr. de Charlus, convalescente de um ataque de apoplexia que eu ignorava (soubera apenas que havia perdido a vista, perturbação passageira, pois via de novo muito bem), e, a menos que até então se pintassem e lhe houvessem proibido tal esforço, tendo conseguido, como num precipitado químico, tornar visível e brilhante todo o metal de que se saturavam e lançavam, à guisa de gêiseres, as mechas agora de pura prata da cabeleira e barba, que entretanto conferiam ao velho príncipe decaído a majestade shakespeariana de um rei Lear. Os olhos não escaparam a essa convulsão, a essa alteração metalúrgica da cabeça. Mas, por um fenômeno inverso, haviam perdido todo o brilho. E ainda comovia mais sentir-se que esse brilho perdido era o da altivez moral, e, conseqüentemente, que a existência física e até a intelectual do sr. de Charlus sobrevivia ao orgulho aristocrático, do qual parecera inseparável. Assim, naquele instante, dirigindo-se também sem dúvida à casa do príncipe de Guermantes, passou numa vitória a sra. de Sainte-Euverte, outrora tida pelo barão na conta de socialmente inferior. Jupien, que o tratava como criança, soprou-lhe ao ouvido que se tratava de uma pessoa de suas relações, a sra. de Sainte-Euverte. E logo, com dificuldade infinita e toda a aplicação de um enfermo deseioso de mostrar-se capaz de movimentos ainda custosos, o sr. de Charlus se descobriu, inclinou-se e saudou a sra. de Sainte-Euverte com tanto respeito como se fosse a rainha da França. Talvez, já que os enfermos, como os reis, exageram a polidez, residisse na própria dificuldade em executar esse movimento um motivo para levá-lo a cabo o sr. de Charlus, certo de ser mais uma ação que, dolorosa para um doente, duplica o mérito de quem a pratica e a homenagem àquela a quem visa. Talvez entrasse também nos movimentos do barão a descoordenação consecutiva às perturbações da espinha e do cérebro, e os gestos lhe ultrapassassem a intenção. Quanto a mim, vi neles sobretudo uma espécie de doçura quase física, de desapego às realidades da vida, tão sensíveis naqueles sobre os quais a morte já projeta sua sombra. A descoberta das jazidas argêneas da cabeleira revelava mudança menos profunda do que essa inconsciente humildade mundana a inverter todas as relações sociais, a rebaixar ante a sra. de Sainte-Euverte, como rebaixaria — patenteando-lhe a fragilidade — ante a última das americanas (enfim, alvo da polidez até então para ela inacessível do ba-

rão) o mais sobranceiro esnobismo. Porque o barão ainda vivia, ainda pensava; sua inteligência não fora atingida. Nenhum coro de Sófocles sobre o orgulho abatido de Édipo nem a própria morte, nem qualquer oração fúnebre proclamaria melhor a vaidade do amor às grandezas terrenas e de toda humana soberbia do que o cumprimento reverente e humilde do barão à sra. de Sainte-Euverte. O sr. de Charlus, que até há pouco se recusaria a jantar com a sra. de Sainte-Euverte, cortejava-a agora até o chão. Talvez o fizesse por ignorar a hierarquia social da pessoa a quem saudava (os artigos do código social podendo ser destruídos como qualquer outra parte da memória por um ataque), talvez por uma descoordenação a transpor para o plano da humildade aparente a dúvida — do contrário arrogante — sobre a identidade da senhora que passava. Saudou-a enfim com a amabilidade das crianças vindo, ao chamado materno, dar bom-dia aos adultos. E criança de fato se tornara, porém sem a altivez infantil. Receber a homenagem do sr. de Charlus era para a sra. de Sainte-Euverte puro esnobismo, como puro esnobismo fora para o barão lho recusar. Ora, o temperamento inacessível e precioso que conseguira fazer a sra. de Sainte-Euverte julgar-lhe parte essencial da personalidade, o sr. de Charlus arrasou-o de um golpe ao tirar, com atenta timidez e zelo medroso, o chapéu do qual, com a eloqüência de Bossuet, jorram, enquanto manteve, por deferência, descoberta a cabeça, as torrentes prateadas da cabeleira. Tendo Jupien ajudado o barão a descer e o havendo eu cumprimentado, ele se pôs a falar-me muito depressa, em voz tão sumida que mal se lhe distinguiam as palavras, o que lhe arrancou, quando pela terceira vez o fiz repetir, um gesto de impaciência em contraste com a impassibilidade antes revelada pela face, certamente devida a um resto de paralisia. Mas quando cheguei a entender as frases sussurradas, percebi que o doente conservara absolutamente intata a inteligência. Havia, aliás, descontados os mais, dois homens no sr. de Charlus. Dos dois, o intelectual vivia a queixar-se de estar ficando afásico, de pronunciar uma palavra, uma sílaba por outra. Mas sempre que tal sucedia, o outro Charlus, o subconsciente, que desejava tanto ser injetado quanto lastimado o primeiro, interrompia logo, como um maestro cujos músicos erram, a frase começada, e, com infinito engenho, prendia-lhe o fim do vocábulo na realidade pronunciado por outrem, mas que ele simulava haver escolhido. Até sua memória era perfeita; timbrava, é verdade, a despeito da árdua aplicação que isso lhe exigia, em evocar casos antigos, sem maior importância, relacionados comigo, a fim de provar-me que guarda-

va ou recobrava a nitidez de espírito. Sem mexer a cabeça ou os olhos, sem alterar a inflexão vocal, disse-me, por exemplo: “Veja naquele poste um cartaz semelhante àquele em cuja frente eu estava quando o vi pela primeira vez em Avranches, não, é engano, em Balbec”. Tratava-se, com efeito, de um anúncio do mesmo produto. De início, eu mal percebera o que dizia, como quase nada se vê ao entrar num quarto de cortinas cerradas. Mas, como os olhos à penumbra, meus ouvidos logo se habituaram a esse *pianissimo*. Creio também que este se elevava à medida que o barão falava, talvez por provir em parte a fraqueza da voz de uma apreensão nervosa, que se dissipava quando, distraído pelo interlocutor, a esquecia; talvez, ao contrário, por corresponder-lhe tal fraqueza ao verdadeiro estado, sendo a momentânea energia de expressão determinada por uma excitação factícia, passageira e antes funesta, que levava os estranhos a dizerem: “Já está melhor, não deve pensar na doença”, mas de fato agravava o mal que não tardava a recrudescer. Seja como for, neste momento (mesmo levando em conta minha adaptação) o barão emitia com mais força as palavras, como a maré, nos dias de mau tempo, as suas pequenas ondas retorcidas. E o que lhe restava do recente ataque fazia ressoar no fundo de suas palavras como um ruído de seixos rolados. Continuando a falar do passado, sem dúvida para melhor mostrar-me que não perdera a memória, evocava-o de modo fúnebre, porém sem tristeza. Enumerava longamente todos os membros de sua família ou de sua roda já falecidos, dando a impressão de ter menos pena de já não existirem do que satisfação em sobreviver-lhes. Lembrar as mortes alheias como que lhe dava mais clara consciência da própria volta à vida. Era com dureza triunfal que repetia em tom uniforme, gaguejando um pouco, e com surdas ressonâncias sepulcrais: “Hannibal de Bréauté, morto! Antoine de Mouchy, morto! Charles Swann, morto! Adalbert de Montmorency, morto! Boson de Tayllerand, morto! Sosthène de Doudeauville, morto!” E, cada vez, a palavra “morto” parecia cair sobre os defuntos como uma pá de terra mais pesada, lançada por um coveiro que os quisesse prender mais profundamente ao túmulo.

A duquesa de Létourville, que não ia à festa da princesa de Guermantes porque estivera muito doente, passou naquele instante junto de nós, e vendo o barão, cujo recente ataque ignorava, deteve-se para dar-lhe bom-dia. A doença que sofrera não a tornara mais compreensiva aos males alheios, cujo espetáculo suportava, ao contrário, impacientemente, com mau humor nervoso, talvez mesclado de piedade. Ouvindo o barão pronunciar com difi-

culdade e erradamente certas palavras, vendo-o mover a custo o braço, fitava ora a mim ora a Jupien, como a nos pedir explicação de tão desagradável fenômeno. Como nada lhe disséssemos, foi ao próprio sr. de Charlus que dirigiu um longo olhar carregado de tristeza mas também de censura. Parecia exprobrar-lhe estar a seu lado, na rua, em atitude tão insólita como se estivesse saído sem gravata ou descalço. Ante novo erro de pronúncia cometido pelo barão, a dor e a indignação da duquesa crescendo juntas, ela exclamou: “Palamède!”, no tom interrogativo e exasperado dos nervosos que não admitem esperar um minuto e que, se os mandamos entrar logo, desculpando-nos por nos estarmos acabando de vestir, dizem amargamente, não para escusar-se, mas para acusar: “Mas eu estou incomodando!”, como se fosse crime ser incomodado. Deixou-nos, afinal, mostrando-se cada vez mais desolada, aconselhando ao barão: “Seria melhor voltar para casa”.

O sr. de Charlus pediu uma cadeira para sentar-se enquanto Jupien e eu andaríamos um pouco, e tirou com dificuldade do bolso um livro que me pareceu de orações. Apreciei a oportunidade para ter informações detalhadas sobre o estado de saúde do barão. “Quero muito conversar com o senhor”, disse-me Jupien, “mas só podemos ir até a praça. Graças a Deus, o barão está melhor agora, mas não ousa deixá-lo sozinho muito tempo, é sempre o mesmo, bom demais, daria aos outros tudo quanto tem, e depois, não é só isso, continua ardente como um rapaz, e eu preciso abrir os olhos.” “Tanto mais quanto ele recobrou os seus”, respondi, “entristeceu-me muito saber que perdera a vista.” “De fato a paralisia atingiu-a, não via absolutamente nada. Imagine que, durante o tratamento, que aliás lhe fez tanto bem, estive vários meses como um cego de nascença.” “Ao menos assim você ficou livre de boa parte de seus cuidados, não?” “Qual nada! Mal chegava a algum hotel, perguntava-me como eram os empregados. Eu garantia serem todos horrorosos. Mas ele logo via que isso não podia ser universal, que muitas vezes eu devia estar mentindo. É um velhaco! E depois, tinha uma espécie de faro, talvez por causa da voz, não sei bem. Então inventava alguma coisa para eu comprar com urgência. Um dia — desculpe-me tocar nisso, mas o senhor entrou uma vez, por acaso, no Templo do Impudor, não posso lhe esconder nada” (note-se que sempre tivera uma satisfação desagradável em publicar os segredos alheios) “voltava eu de uma dessas saídas pretensamente urgentes, tanto mais depressa quanto já a imaginava arranjada de propósito, quando, ao aproximar-me do quarto do barão, ouvi uma voz que dizia: ‘O quê?’ ‘Como’, res-

pondia o barão, ‘então foi a primeira vez?’ Entrei sem bater, e qual não foi o meu susto. O barão, iludido pela voz, de fato mais forte do que habitualmente em tal idade (estava então completamente cego) atirara-se, ele que preferia outrora pessoas maduras, a um menino de menos de dez anos.”

Contaram-me que naquela época o sr. de Charlus fora quase cotidianamente sujeito a crises de depressão mental, caracterizada, não precisamente pela divagação, mas pela confissão em voz alta — diante de terceiros de cuja presença ou severidade se esquecia — de opiniões que ordinário ocultava, seu germanofilismo, por exemplo. Assim, muito depois de terminada a guerra, deplorava a derrota dos alemães, entre os que se incluía, e dizia orgulhosamente: “É entretanto impossível que não tenhamos nossa desforra, pois provamos nossa maior capacidade de resistência e a superioridade de nossa organização”. Suas confidências assumiam por vezes outro tom, e exclamava, irritado: “Que *lord X.* ou o príncipe *X.* não me venham repetir o que disseram ontem, precisei dominar-me para não responder: ‘Vocês sabem que o são pelo menos tanto quanto eu’ ”. Inútil acrescentar que, quando o sr. de Charlus fazia, nos momentos, como se diz, de “ausência”, tais declarações germanófilas e outras, as pessoas amigas que se achavam a seu lado, como Jupien ou a duquesa de Guermantes, costumavam interromper as palavras imprudentes e lhes dar, para os ouvintes menos íntimos e mais indiscretos, uma interpretação forçada, porém honrosa. “Mas, meu Deus!”, exclamou Jupien, “eu tinha razão em não querer que nos afastássemos, ele já achou jeito de entrar em conversa com um jardineiro. Adeus, é melhor eu despedir-me do senhor e não deixar nem um instante sozinho o meu doente, que não passa de uma criança grande.”

Desci novamente do carro pouco antes de chegar à porta da princesa de Guermantes, e recomecei a pensar no cansaço e no tédio com os quais, na véspera, tentara notar a linha que, num dos campos repontados mais belos da França, separava nas árvores a sombra da luz. Certo, as conclusões intelectuais que daí tirara já não me afetavam tão cruelmente a sensibilidade. Continuavam as mesmas. Mas, como sempre que me acontecia ser arrancado aos meus hábitos, sair em hora diferente, para lugar novo, experimentava um vivo prazer.

O de hoje me parecia puramente frívolo, pois cifrava-se à ida a uma recepção dada pela sra. de Guermantes. Mas, já que agora

sabia não poder alcançar senão prazeres frívolos, porque os negaria a mim mesmo? Repetia comigo que não tivera, ao esboçar aquela descrição, a menor parcela do entusiasmo que é não o único, mas o primeiro sinal do talento. Tentava extrair da memória outros “instantâneos”, notadamente os tomados em Veneza, mas esta palavra bastava para me tornar fastidiosa como uma exposição de fotografias, e não me descobria então mais gosto, mais dons para descrever o que vira outrora do que no dia anterior para fixar imediatamente o que observava com olhos minuciosos e entediados. Dentro de um instante, muitos amigos há longo tempo perdidos de vista instariam sem dúvida para que não me isolasse tanto e lhes consagrasse meus dias. E não teria razão alguma para recusar, pois estava provado que nada faria, que a literatura não me daria mais a menor alegria, não sei se por culpa minha, de minha incapacidade, ou sua, se de fato era menos carregada de realismo do que eu supusera.

Lembrando-me das palavras de Bergotte: “Você é doente, mas não merece lástima, já que tem as alegrias do espírito”, verificava como se enganara a meu respeito. Quão pouca alegria havia nessa lucidez estéril. Acrescento que, se algumas vezes encontrei prazeres — não os da inteligência —, sempre os desperdicei com mulheres diversas; de sorte que o Destino, se me concedesse mais cem anos de vida, e de vida sadia, não teria senão aumentado, com emendas sucessivas, uma existência toda em comprimento que não interessava alongar ainda mais e sobretudo por muito tempo.

Quanto às “alegrias da inteligência”, poderia dar tal nome às frias verificações a que meu olhar clarividente e meu raciocínio preciso procediam sem nenhum prazer, e que permaneciam infelizes? Mas é muitas vezes quando tudo nos parece perdido que sobrevém o aviso graças ao qual nos conseguimos salvar: bateu-se em todas as portas que a nada conduzem, e na única por onde se poderia entrar, e que se procuraria em vão durante cem anos, esbarra-se por acaso, e ela se abre.

Ruminando as tristes reflexões a que acabo de aludir, entrara eu no pátio da residência dos Guermantes, e com minha distração não vi um carro que se aproximava; ao grito do *wattman* só tive tempo de afastar-me rapidamente, recuando tanto, sem querer, que tropecei nas pedras irregulares do calçamento em frente à cocheira. Mas no momento em que, procurando equilibrar-me, firmei o pé numa pedra um pouco mais baixa do que a vizinha, todo o meu desânimo se desvaneceu, ante a mesma felicidade em épocas diversas de minha vida suscitada pela vista das árvores que eu jul-

gara reconhecer num passeio de carro pelos arredores de Balbec, ou dos campanários de Martinville, pelo sabor da *madeleine* ume-decida numa infusão por tantas outras sensações das quais já falei e me pareciam sintetizar-se nas últimas obras de Vinteuil. Como quando provei a *madeleine*, dissiparam-se quaisquer inquietações com o futuro, quaisquer dúvidas intelectuais. As que há pouco me assaltaram, sobre a realidade de meus dons literários e até da própria literatura, haviam desaparecido como por encanto. Desta vez eu estava bem resolvido a não mais me resignar, como no dia em que saboreara a *madeleine* molhada no chá a ignorar por que, sem haver eu feito nenhum novo raciocínio nem achado nenhum argumento decisivo, perderam toda importância as dificuldades, insólitas minutos antes. A felicidade que acabava de experimentar era, efetivamente, a mesma que sentira ao comer a *madeleine*, e de cujas causas profundas adiarda até então a busca. A diferença, puramente material, residia nas imagens evocadas. Um azul intenso ofuscava-me os olhos, impressões de frescura, de luz deslumbrante rodopiavam junto de mim e, na ânsia de captá-las, siderado como ao degustar o sabor da *madeleine*, tentando distinguir o que me lembrava, com o risco de provocar o riso da turba inumerável dos *wattmen*, eu continuava, como havia pouco, a titubear, um pé na pedra mais alta, outro na mais baixa. Cada vez que refazia, materialmente apenas, esse mesmo passo, ele se revelava inútil; mas se conseguia, esquecendo a recepção dos Guermantes, reconstituir o que sentira ao pousar assim os pés, de novo a visão deslumbrante e indistinta me roçava, como a dizer: “Detém-te se para tanto tens força e tenta resolver o enigma de felicidade que te proponho”. E logo a seguir, bem a reconheci, surgiu-me Veneza, da qual nunca me satisfizeram meus ensaios descritivos e os pretensos instantâneos tomados pela memória, e me era agora devolvida pela sensação outrora experimentada sobre dois azulejos desiguais do batistério de São Marcos, juntamente com todas as outras sensações àquela somadas no mesmo dia, que haviam ficado à espera, em seu lugar na fila dos dias esquecidos, de onde um súbito acaso as fazia imperiosamente sair. Tal como o gosto da pequena *madeleine* me recordava Combray. Mas por que me tinham, num como noutro momento, comunicado as imagens de Combray e de Veneza uma alegria semelhante à da certeza, e suficiente para, sem mais provas, tornar-me indiferente a idéia da morte? Fazendo a mim mesmo esta pergunta e resolvido a encontrar-lhe hoje a resposta, entrei em casa dos Guermantes, pois damos sempre preferência, sobre o trabalho interior que nos incumbe, ao papel aparente que

representamos, e, naquele dia, era o de convidado. Chegado, porém, ao primeiro andar, um laçao convidou-me a entrar um instante numa pequena sala-biblioteca contígua ao bufê, até terminar o trecho começado, tendo a princesa proibido que se abrissem as portas durante a execução. Ora, naquele momento um segundo aviso veio reforçar o que me havia dado a pavimentação irregular e exortar-me a perseverar em minha tarefa. Com efeito, um copeiro, procurando em vão não fazer barulho, acabava de bater com uma colher num prato. Invadiu-me um bem-estar do mesmo gênero do causado pelas pedras irregulares; às sensações também ainda frescas, mas muito diversas, misturava-se agora um cheiro de fumaça, abrandado pelos eflúvios de uma paisagem silvestre; e, no que me parecia tão agradável, reconheci o mesmo renque de árvores que me entediara observar e descrever, em frente ao qual, abrindo a caneca de cerveja que levava no vagão, acreditei por um instante, numa espécie de vertigem, ainda estar, tanto quanto o ruído idêntico da colher esbarrando no prato me dera, antes de cair em mim, a ilusão do martelo de um empregado que consertara alguma coisa numa roda do trem quando paramos na orla da pequena mata. Dir-se-ia até que os sinais destinados a, naquele dia, arrancar-me ao desânimo e restituir-me a fé nas letras timbravam em multiplicar-se, pois um copeiro, antigo no serviço do príncipe de Guermantes, tendo-me reconhecido e trazido à biblioteca onde me achava, para evitar-me a ida ao bufê, um prato de *petits-fours* e um copo de laranja, enxuguei a boca no guardanapo que me deu; mas logo, como a personagem das *Mil e uma noites* que, sem o saber, cumpre precisamente o rito que faz surgir, visível só para ela, um dócil gênio pronto a transportá-la ao longe, nova visão cerúlea me passou ante os olhos; era pura e salina, e arredondou-se em mamelões azulados; a impressão foi tão intensa que tomei pelo atual o momento imaginário, e, mais tonto do que quando indagava mentalmente se seria mesmo recebido pela princesa de Guermantes ou se tudo ia desabar, julguei que o criado tinha aberto uma janela sobre a praia e que tudo me convidava a um passeio no cais, com a maré alta; o guardanapo onde limpara a boca, engomado exatamente como a toalha com a qual tivera tanta dificuldade em enxugar-me defronte da janela no dia de minha chegada a Balbec, estendia, tirada de suas dobras quebradiças, a plumagem de um oceano verde e azul como uma cauda de pavão. E eu não gozava apenas as cores, mas toda uma fase de minha vida que as soerguia, que sem dúvida a elas aspirara, da qual uma sensação de fadiga ou de tristeza me frustrara em Balbec, e agora,

livre das imperfeições da percepção exterior, pura e desencarnada, enchia-me de alegria. A música em execução podia terminar de um momento para outro, e eu seria obrigado a entrar no salão. Por isso procurava discernir o mais claramente possível a natureza dos prazeres idênticos que, três vezes em alguns minutos, acabava de experimentar, procurando em seguida a lição a tirar daí. Sobre a extrema diferença entre a impressão real que recebemos uma coisa e a impressão fictícia que determinamos quando voluntariamente a buscamos representar, não me detinha; lembrando-me muito bem da relativa indiferença com que Swann pudera outrora falar dos dias em que fora amado, porque as palavras lhe suscitavam lembranças outras, e da dor súbita causada pela curta frase de Vinteuil, que lhe restituía aqueles mesmos dias tais como os sentira, eu compreendia que as sensações em mim despertadas pelo contato das pedras desiguais, a goma do guardanapo e o gosto da *madeleine* não se prendiam de modo algum às tentativas de evocar Veneza, Balbec, Combray por meio da memória sem cambiantes; e compreendia também como a vida podia parecer medíocre, embora tão bela se mostrasse em certos momentos, sendo, no primeiro caso, apreciada e depreciada através de coisas a ela alheias, de imagens que não a reproduzem. Registrei quando muito, acidentalmente, que a diferença entre cada uma das impressões reais — diferenças que explicam por que não pode ser a pintura uniforme da vida — derivava provavelmente do seguinte: a mínima palavra dita em determinada época de nossa existência, o gesto mais insignificante deixavam-se banhar e impregnar pelo reflexo de algo logicamente estranho, do qual os separava a inteligência a cujos raciocínios não eram necessários, mas onde — aqui na rósea luz crepuscular a bater no muro florido de um albergue campestre, na sensação de fome, no desejo de mulheres; ali em volutas azuis do mar matinal a envolverem frases musicais delas emergindo parcialmente como ombros de ondinas — o gesto, o mais simples ato era encerrado como em mil vasos fechados, dos quais cada um contivesse uma substância de cor, cheiro e temperatura absolutamente diversas; sem contar que esses vasos, dispostos ao longo de muitos anos durante os quais não cessáramos de mudar, ao menos de sonhos e idéias, situam-se em altitudes diferentes e nos fornecem sensações de atmosfera extremamente várias. É certo que tais mudanças, nós as sofremos insensivelmente; mas entre a lembrança surgida inopinadamente e nosso estado atual, assim como entre duas reminiscências de datas, lugares e horas diversas, a distância é tal que, ainda deixando de lado a originalidade específica,

bastaria para tornar impossível qualquer comparação. Sim, se, graças ao esquecimento, não pôde estabelecer nenhum laço, tecer malha alguma entre si e o momento presente, se ficou em seu lugar, em seu tempo, se conservou sua distância, seu isolamento no côncavo de um vale ou no cimo de uma montanha, a recordação faz-nos respirar de repente um ar novo, precisamente por ser um ar outrora respirado, o ar mais puro que os poetas tentaram em vão fazer reinar no Paraíso, e que não determinaria essa sensação profunda de renovação se já não houvesse sido respirado, pois os verdadeiros paraísos são os que perdemos. E, de passagem, notei que haveria, na obra de arte que já me sentia, sem ter tomado nenhuma resolução consciente, prestes a empreender, grandes dificuldades. Pois deveria compor-lhe as partes sucessivas com material em certo sentido diferente. Divergiria o conveniente às evocações das manhãs à beira-mar do apropriado a uma tarde em Veneza, substância sempre peculiar, nova, de transparência, de sonoridade especial, compacta, fresca e rósea, que se deveria também alterar se eu quisesse descrever as tardes de Rivebelle, na sala de jantar abrindo para o jardim, o calor começava a desfazer-se, a cair, a depositar-se, enquanto uma última claridade iluminava ainda as rosas das paredes do restaurante e as derradeiras aquarelas do dia eram ainda visíveis no céu. Deslizei célere sobre tudo isso, mais imperiosamente solicitado como estava a procurar a causa dessa felicidade, do caráter de certeza com que se impunha, busca outrora adiada. Ora, essa causa, eu a adivinhava confrontando entre si as diversas impressões bem-aventuradas, que tinham em comum a faculdade de serem sentidas simultaneamente no momento atual e no pretérito, o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da *madeleine* fazendo o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo. Assim se explicava que, ao reconhecer eu o gosto da pequena *madeleine*, houvessem cessado minhas inquietações acerca da morte, pois o ser que me habitara naquele instante era extratemporal, por conseguinte alheio às vicissitudes do futuro. Tal ser nunca me aparecera, nunca se manifestara senão longe da ação, da satisfação imediata, senão quando o milagre de uma analogia me permitia escapar ao presente. Só ele tinha

o poder de me fazer recobrar os dias escoados, o Tempo perdido, ante o qual se haviam malgrado os esforços da memória e da inteligência.

E talvez, se há pouco me parecera ter Bergotte errado outrora ao aludir às alegrias da vida espiritual, fosse porque eu dava então o nome de vida espiritual a raciocínios lógicos sem ligação com ela, com o que em mim já existia — exatamente como se achasse fastidiosos o mundo e a vida por julgá-los através de falsas recordações, quando, ao contrário, tinha tanta sede de viver, agora que, por três vezes, renascera em mim um verdadeiro momento passado.

Apenas um momento do passado? Muito mais, talvez: alguma coisa que, comum ao passado e ao presente, é mais essencial do que ambos.

Muitas vezes, no decurso da existência, a realidade me decepcionara porque, ao vislumbrá-la, minha imaginação, meu único órgão para sentir a beleza, não se lhe podia aplicar, devido à lei inevitável em virtude da qual só é possível imaginar-se o ausente. E eis que repentinamente se neutralizava, se sustinha o efeito dessa dura lei, pelo expediente maravilhoso da natureza, fazendo cintilar a mesma sensação — ruído da colher e do martelo, irregularidade semelhante do calçamento — tanto no passado, o que permitia à imaginação gozá-la, como no presente, onde o abalo efetivo dos sentidos, pelo som, pelo contato, acrescentara aos sonhos da fantasia aquilo de que são habitualmente desprovidos, a idéia da existência, e graças a esse subterfúgio, me fora dado obter, isolar, imobilizar o que nunca antes apreendera: um pouco de tempo em estado puro. O ente que em mim renascera quando, com tal frêmito de felicidade, ouvira o ruído comum à colher esbarrando no prato e ao martelo batendo na roda, sentira sob os pés a pavimentação igualmente irregular do pátio dos Guermantes e do batistério de São Marcos, tal ente só se nutre da essência das coisas, só nela encontra subsistência e delícias. Deperece na observação do presente, onde não lha fornecem os sentidos, na investigação de um passado ressecado pela inteligência, na expectativa de um futuro que a vontade constrói com fragmentos do presente e do passado, dos quais extrai ainda mais a realidade, só conservando o necessário aos fins utilitários, estreitamente humanos, que lhes fixa. Mas que um som já ouvido, um olor outrora aspirado, o sejam de novo, tanto no presente como no passado, reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos, logo se libera a essência permanente das coisas, ordinariamente escondida, e nosso verdadeiro eu, que parecia morto, por vezes havia muito, desperta, anima-se ao

receber o celeste alimento que lhe trazem. Um minuto livre da ordem do tempo recriou em nós, para o podermos sentir, o homem livre da ordem do tempo. E é compreensível que este, em sua alegria, seja confiante, apesar do simples gosto de uma *madeleine* não parecer logicamente encerrar as causas de tal alegria, é compreensível que a palavra “morte” perca para ele a significação; situado fora do tempo, que poderá temer do porvir? Mas era efêmera a ilusão que colocava junto a mim um momento, do passado incompatível com o presente. Certamente podem-se prolongar os espetáculos da memória voluntária, não demandando esforço maior do que o de folhear um livro de figuras. Assim como outrora, por exemplo, no dia em que ia visitar pela primeira vez a princesa de Guermantes, do pátio ensolarado de nossa casa de Paris eu contemplava preguiçosamente, à minha escolha, ora a praça da igreja em Combray, ora a praia de Balbec, como teria enchido de paisagens a claridade reinante folheando um caderno de aquarelas feitas nos diversos lugares onde estivera e, com prazer egoísta de colecionador, dissera a mim mesmo, ao catalogar destarte as estampas de minha memória: “Afinal, vi muita coisa bela em minha vida”. A memória me afirmara sem dúvida então as diferenças de sensações, mas nada fazia além de combinar entre si elementos homogêneos. Não sucedia o mesmo com as três lembranças que me acabavam de assaltar e nas quais, em vez de colher uma idéia mais lisonjeira de mim mesmo, encontrara, ao contrário, quase a dúvida da realidade atual de meu eu. Como ao molhar a *madeleine* na infusão quente, onde quer que me achasse (em meu quarto de Paris, como então, ou como hoje, na biblioteca do príncipe de Guermantes neste momento, um pouco antes no pátio de sua casa) nascia em mim, irradiando de uma estreita zona em meu redor, uma sensação (sabor da *madeleine* umedecida, ruído metálico, pavimentação irregular) comum a este sítio (onde me encontrava) e também a outro (quarto de minha tia Léonie, vagão da estrada de ferro, batistério de São Marcos). Enquanto refletia sobre isso, o barulho estridente de um encanamento de água, inteiramente semelhante aos longos apelos que por vezes, no verão, os iates de passeio faziam ressoar à noite ao largo de Combray, comunicou-me (como já fizera uma vez em Paris, num grande restaurante, a vista de uma luxuosa sala de jantar meio vazia, estival e quente) uma sensação mais do que simplesmente análoga à que experimentava ao cair da tarde em Balbec, quando, já guarnecidas de toalhas e talheres todas as mesas, bem abertas para o grande dique, sem um só intervalo, um só espaço recoberto por vidro ou por pe-

dra, as largas janelas envidraçadas, no momento em que o sol descambava lentamente para o mar onde começavam a errar os navios, eu não precisava, para encontrar Albertine e as amigas, que passeavam no cais, senão transpor o caixilho de madeira, pouco mais alto do que minha canela, para dentro do qual, a fim de facilitar a aeração do hotel, corriam todas as vidraças a se seguirem sem interrupção. Não era, aliás, tão-somente um eco, uma ressonância da sensação passada que acabava de despertar o ruído do encanamento, mas essa mesma sensação. Neste caso, como em todos os precedentes, a sensação comum buscara recriar em torno de si o lugar antigo, enquanto o atual que o substituía opunha-se com toda a resistência de sua matéria a essa imigração, para uma casa de Paris, de uma praia normanda ou de um talude de estrada de ferro. A marítima sala de jantar de Balbec, como seu linho adamascado preparado como toalhas de altar para receber o pôr-do-sol, tentara abalar a solidez do palacete Guermantes, forçara-lhe as portas e fizera um instante vacilarem a minha volta os sofás, como fizera de outra vez com as mesas de um restaurante parisiense. Sempre, nessas ressurreições, o lugar distante, engendrado em torno da sensação comum, agarrava-se por um instante, como um lutador, ao lugar atual. Sempre este saía vencedor; sempre o vencido me parecia o mais belo, tanto que ficara em êxtase sobre as pedras desiguais como ante a xícara de chá, tentando reter quando surgiam, invocar se me escapavam, aquele Combray, aquela Veneza, aquela Balbec invasores e sopitados que se erguiam para abandonar-me em seguida no seio destes lugares novos, mas permeáveis ao passado. E se o lugar presente não fosse logo vitorioso, creio que desfaleceria; pois essas ressurreições do pretérito, durante sua fugaz duração, são tão totais que não se limitam a impedir nossos olhos de ver o quarto onde se acham para contemplar uma estrada ladeada de árvores ou a maré subindo. Forçam-nos as narinas a respirar a atmosfera de sítios todavia remotos, a vontade a optar entre os diversos projetos que nos sugerem, a pessoa inteira a crer-se em seu âmago, ou pelo menos a tropeçar entre eles e os locais presentes, na vertigem de uma incerteza semelhante à que nos provoca por vezes, ao adormecermos, uma visão infável.

Assim, o que acabava de deleitar o ser três ou quatro vezes suscitado em mim talvez fossem mesmo fragmentos de existência subtraídos ao tempo, mas essa contemplação, embora de eternidade, era fugidia. E não obstante eu sentia *como o único fecundo e verdadeiro* o prazer que ela me concedera em raros intervalos de minha vida. O sinal da irrealidade dos outros revela-se de sobejo,

quer em sua impossibilidade de nos satisfazer, como, por exemplo, no caso dos prazeres mundanos, geradores quando muito do mal-estar comparável ao produzido pela ingestão de alimentos abjetos, ou no dos da amizade, simples simulação, já que, ainda quando o faz por motivos éticos, o artista que renuncia a uma hora de trabalho para conversar com um amigo sabe ter sacrificado uma realidade a algo inexistente (os amigos só o sendo graças à doce loucura que nos acompanha ao longo de toda a vida, à qual nos prestamos, mas que no fundo de nossa inteligência sabemos ser o desvario de um demente imaginando vivos os móveis e com eles conversando), quer pela tristeza que se lhes segue à satisfação, como a minha ao ser apresentado a Albertine, por ter feito esforços, entretanto ligeiros, para conseguir uma coisa — conhecer aquela moça — que, uma vez alcançada, me pareceu insignificante. Até um gozo mais profundo, como poderia ter sido o meu amando Albertine, só se deixava, de fato, perceber inversamente, pela angústia da ausência, pois a certeza de sua vinda, como no dia em que voltou do Trocadéro apenas me comunicava um vago tédio, ao passo que me exaltava cada vez mais, à proporção que analisava mais profundamente o ruído da colher ou o sabor da infusão, a alegria crescente de haver transportado para o meu o quarto de tia Léonie, e, com este, todo Combray e seus dois lados. Por isso, essa contemplação da essência das coisas, estava agora bem resolvido a retê-la, a fixá-la, mas como? Por que meios? Sem dúvida, no momento em que a goma do guardanapo me restituíra Balbec e me acariciara de relance a imaginação, não somente com a vista do mar tal como se mostrara naquela manhã, mas com o cheiro do quarto, a velocidade do vento, a vontade de almoçar, a hesitação entre diversas excursões, tudo isso preso à sensação de alto-mar, como rodas de barcas em rapidez vertiginosa; sem dúvida, quando a irregularidade das pedras prolongara em todos os sentidos e dimensões, com todas as sensações lá experimentadas, as imagens secas e nuas que me restavam de Veneza e de São Marcos, unindo a praça à igreja, o embarcadouro à praça, o canal ao embarcadouro, e a tudo quanto os olhos alcançam do mundo dos desejos, só percebido realmente pelo espírito, eu me deixei tentar, se não devido à estação, por um passeio nas águas para mim sobretudo primaveris de Veneza, ao menos por uma ida a Balbec. Mas não me deteve um segundo esta idéia; sabia as terras distantes muito diversas, não apenas do que me sugeriam seus nomes, como da impressão que me deixaram. Só dormindo, só em sonhos, via estender-se a minha frente uma localidade constituída por ma-

téria pura, inteiramente distinta das coisas comuns, que se vêem, que se tocam. Mesmo em se tratando de imagens de outro gênero, as da lembrança, eu sabia não ter descoberto a beleza de Balbec quando lá estivera, nem ter encontrado, lá regressando, a formosura guardada na memória. Já verificara demasiadamente a impossibilidade de atingir na realidade o que havia em meu íntimo. Não seria na praça de São Marcos, como não fora na segunda viagem a Balbec, ou a Tansonville, em visita a Gilberte, que acharia o Tempo perdido, e a jornada, que só me daria mais uma vez a ilusão da existência, fora de mim, no canto de certa praça, dessas impressões antigas, não podia ser o meio que buscava. Não me queria deixar novamente embair, pois precisava saber afinal se era possível atingir aquilo que, sempre decepcionado pelos sítios e pelos seres (apesar de me ter uma vez parecido insinuar o contrário a peça para concerto de Vinteuil), acabara por acreditar irrealizável. Logo, não tentaria novas experiências em caminho que há muito verificara sem saída. Impressões como as que procurava fixar só se poderiam evanescer ao contato do gozo direto, que fora impotente para suscitá-las. O único modo de apreciá-las melhor seria tentar conhecê-las mais completamente lá onde se achavam, isto é, em mim mesmo, torná-las claras até em suas profundezas. Não conhecera o prazer em Balbec, como não conhecera o de viver com Albertine, que só posteriormente se me tornara perceptível. E, ao recapitular as decepções de minha vida enquanto vivida, tendentes a convencer-me de que a realidade desta devia residir fora da ação e não se uniam apenas fortuitamente, segundo as vicissitudes da existência, os diversos desapontamentos, concluía que as decepções de viagem e de amor não eram independentes, e sim o vário aspecto assumido, de acordo com o fato ao qual se aplica, por nossa incapacidade de nos realizarmos no gozo material, na ação efetiva. Tornando a pensar na alegria extratemporal determinada, já pelo tilintar da colher, já pelo sabor da *madeleine*, dizia para mim mesmo: “Seria esta a felicidade sugerida pela frase da sonata a Swann, que errou assimilando-a ao prazer amoroso, e não a soube encontrar na criação artística; a felicidade que, ainda mais do que a frase da sonata, me fez pressentir supraterrestre o apelo rubro e misterioso do septeto que Swann não chegou a conhecer, tendo morrido, como tantos outros, antes de ser revelada a verdade para ele feita?” Aliás, de nada lhe valeria a frase, já que podia simbolizar um apelo, mas não suscitar forças e transformá-lo no escritor que não era. Entretanto, percebo ao cabo de um momento, depois de refletir sobre essas ressurreições da

memória, que, de outro modo, impressões obscuras me haviam, já em Combray, no caminho de Guermantes, solicitado, tal como essas reminiscências, a atenção, encerrando porém não uma velha sensação, mas uma verdade nova, uma imagem preciosa que eu tentava desvendar por meio de esforços semelhantes aos que fazemos para recordar alguma coisa, como se nossas mais belas idéias fossem músicas que nos voltassem sem nunca as termos ouvido e buscássemos escutar, transcrever. Lembrei-me com prazer, porque significava que eu já era então o mesmo, e se marcava assim um traço fundamental de minha natureza, com tristeza também, porque não fizera nenhum progresso, de em Combray ter fixado atentamente em meu espírito uma imagem qualquer que se me impusera à vista, uma nuvem, um triângulo, um campanário, uma flor, um seixo, sentido que talvez houvesse, sob esses sinais, algo diferente que devia procurar descobrir, uma idéia traduzida à maneira dos hieróglifos, que se suporiam representar apenas objetos materiais. Decifração sem dúvida difícil, mas que unicamente nos permitia ler a verdade. Porque as verdades diretas e claramente apreendidas pela inteligência no mundo da plena luz são de qualquer modo mais superficiais do que as que a vida nos comunica à nossa revelia numa impressão física, já que entrou pelos sentidos, mas da qual podemos extrair o espírito. Em suma, num como noutro caso, quer se tratassem de impressões como as que me provocara a vista dos campanários de Martinville, quer de reminiscências como a da desigualdade de dois passos ou o gosto da *madeleine*, era mister tentar interpretar as sensações como signos de outras tantas leis e idéias, procurando pensar, isto é, fazer sair da penumbra o que sentira, convertê-lo em seu equivalente espiritual. Ora, esse meio que se me afigurava o único, que era senão a feitura de uma obra de arte? E já as conseqüências me enchiam a mente; pois, reminiscências como o ruído da colher e o sabor da *madeleine*, ou verdades escritas por figuras cujo sentido eu buscava em minha cabeça, onde campanários, plantas sem nome, compunham um alfarrábio complicado e florido, todas, logo de início, privavam-me da liberdade de escolher entre elas, obrigavam-me a aceitá-las tais como me vinham. E via nisso a marca de sua autenticidade. Não procurara as duas pedras em que tropeçara no pátio. Mas o modo fortuito, inevitável por que surgira a sensação constituía justamente uma prova da verdade do passado que ressuscitava, das imagens que desencadeava, pois percebemos seu esforço para aflorar à luz, sentimos a alegria do real recapturado. A sensação assim vinda atesta a legitimidade do quadro de impressões contemporâneas, que

arrasta após si com aquela infalível proporção de luz e sombra, de relevo e omissão, de lembrança e olvido, que a memória ou a observação consciente sempre ignorarão.

Do livro subjetivo composto por esses sinais desconhecidos (sinais em relevo, dir-se-ia, que minha atenção, explorando o inconsciente, procurava, roçava, contornava como um mergulhador em suas sondagens), ninguém me poderia, com regra alguma, facilitar a leitura, consistindo esta num ato criador que não admite suplentes nem colaboradores. Muitos, por isso, deixam de escrevê-lo, substituem-nos por tarefas várias. Qualquer acontecimento, o caso Dreyfus, a guerra, servia aos escritores de pretexto para abandonarem a decifração daquele livro; queriam assegurar o triunfo da justiça, restituir à nação sua unidade moral, não lhes sobrava tempo para cogitar de literatura. Meras desculpas de quem não tinha — ou já não tinha — gênio, isto é, instinto. Porque o instinto dita o dever e a inteligência fornece escusas para elidi-lo. Apenas, não as aceita a arte, onde não se registram intenções, onde o artista deve sempre obedecer a seu instinto, e é por isso, além de real acima de todas as coisas, a mais austera escola de vida, o verdadeiro Juízo Final. Aquele livro, difícil de decifrar como nenhum outro, é também o único jamais ditado pela realidade, único cuja “impressão” ela mesma efetuou. De qualquer idéia deixada em nós pela vida, a representação material, indício da impressão que nos causou, é sempre o penhor da verdade necessária. As idéias formadas pela inteligência pura só possuindo uma verdade lógica, uma verdade possível, sua seleção tornara-se arbitrária. O livro de caracteres figurados, não traçados por nós, é nosso único livro. Não que as idéias por nós elaboradas não possam ser logicamente certas, mas não sabemos se são verdadeiras. Só a impressão, por mofina que lhe pareça a matéria e inverossímeis as pegadas, é um critério de verdade e como tal deve ser exclusivamente apreendida pelo espírito, sendo, se ele lhe souber extrair a verdade, a única apta a conduzi-lo à perfeição, a enchê-lo de perfeita alegria. A impressão é para o escritor o mesmo que a experimentação para o sábio, com a diferença de ser neste anterior e naquele posterior o trabalho da inteligência. O que não precisamos decifrar, deslindar a nossa custa, o que já antes de nós era claro, não nos pertence. Só vem de nós o que tiramos da obscuridade reinante em nosso íntimo, o que os outros não conhecem. E como a arte recompõe exatamente a vida, em torno dessas verdades dentro de nós atingidas flutua uma atmosfera de poesia, a doçura de um mistério que não é senão a penumbra que atravessamos. Um raio oblíquo do

poente sugere-me instantaneamente uma época esquecida de minha primeira infância, quando, tendo tia Léonie adoecido, com uma febre que o dr. Percepied receava tifóide, mandaram-me passar uma semana no quarto de Eulalie, na praça da igreja, onde só havia uma esteira no chão e na janela uma cortina de percal, sempre ressoante de um sol a que eu não estava habituado. E vendo como a lembrança desse pobre quarto de antiga empregada acrescentava de repente a minha vida passada um longo trecho, diferente do resto e delicioso, pensei por contraste que nenhuma impressão marcante haviam deixado em minha existência as festas mais suntuosas dos mais principescos palácios. A única nota tristonha do quarto de Eulalie era ouvir-se à noite, devido à proximidade do viaduto, os uivos dos trens. Mas, sabendo-os emanados de máquinas dirigidas, tais mugidos não me alarmavam como teriam feito, nas eras pré-históricas, os gritos de um mamute vizinho em seu passeio livre e desordenado.

Chegara eu assim à conclusão de que não somos de modo algum livres diante da obra de arte, que não a fazemos como queremos, mas que, sendo preexistente, compete-nos, porque é necessária e oculta e porque o fariamos se se tratasse de uma lei da natureza, descobri-la. Mas essa descoberta a que nos obriga a arte não seria, no fundo, a do que temos de mais precioso e em regra nos permanece para sempre ignorado, nossa verdadeira vida, a realidade tal como a sentimos, tão diversa do que se nos afigura que transbordamos de felicidade se o acaso nos traz dela uma lembrança verdadeira? Convencia-me disso a própria falsidade da arte tida como realista, que não seria tão mentirosa se houvésemos contraído na vida o hábito de dar ao que sentimos uma expressão totalmente falsa, que tomamos, ao cabo de algum tempo, pela realidade mesma. Não me deveria, bem o percebia, preocupar com as várias teorias literárias que por um momento me haviam perturbado — notadamente as desenvolvidas pela crítica durante a questão Dreyfus e retomadas durante a guerra, tendentes a “fazer o artista sair da torre de marfim”, não tratar de assuntos frívolos ou sentimentais, pintar os grandes movimentos operários e, em falta de massas, ao menos nunca vadios insignificantes — “Confesso que não me interessa a descrição desses inúteis”, dizia Bloch — e sim nobres intelectuais ou heróis. Aliás, antes mesmo de lhes discutir o conteúdo lógico, essas teorias me pareciam constituir em quem as sustentava prova de inferioridade moral, como uma criança realmente bem-educada, ao ouvir as pessoas em cuja casa a mandaram almoçar proclamarem: “Nós não escondemos nada, somos

francos”, sente que isso denota um nível moral inferior ao da boa ação pura e simples, sem palavras. A verdadeira arte prescinde de manifestos e se realiza em silêncio. Além do mais, os doutrinadores empregavam frases feitas extraordinariamente parecidas com as dos imbecis que censuravam. E talvez se aquilate melhor pela qualidade da linguagem do que pelo gênero estético o grau de perfeição do labor intelectual e moral. Mas, inversamente, essa qualidade da linguagem (e até, para estudar as leis do caráter, servem tanto os temas sérios quanto os frívolos, como um dissecador estuda as da anatomia indiferentemente no corpo de um imbecil ou no de um homem de talento: as grandes leis morais, como as da circulação do sangue ou da eliminação renal, pouco variam segundo o valor intelectual dos indivíduos), da qual se crêem dispensados os teóricos, os admiradores destes convencem-se facilmente de que não é prova de superioridade intelectual, superioridade que, para discernir, precisam ver exprimir-se diretamente, pois não a induzem da beleza de uma imagem. Daí a tentação grosseira para os escritores de escrever obras intelectuais. Grande indelicadeza. Um livro eivado de teorias é como um objeto com etiqueta de preço. E esta exprime ao menos um valor que, ao contrário, em literatura o raciocínio lógico diminui. Raciocina-se, isto é, vagabundeia-se, quando não se consegue fazer passar uma impressão por todos os estados sucessivos que conduzem a sua fixação, à expressão de sua realidade. A realidade a traduzir dependia, só agora o entendia, não da aparência do assunto, mas do grau de penetração dessa impressão nas profundezas onde nada significa a aparência, como simbolizavam aquele tilintar da colher no prato, aquela dureza engomada do guardanapo, mais importantes para minha renovação espiritual do que muitas conversas humanitárias patrióticas, internacionalistas. “Abaixo o estilo”, ouvira eu então, “abaixo a literatura, só queremos a vida.” Já se vê que até as ingênuas teorias do sr. de Norpois “contra os flautistas” ganharam com a guerra novo vigor. Porque para todos quantos, privados de senso artístico, isto é, de submissão à realidade, gozam entretanto da faculdade de raciocinar interminavelmente diante de uma obra de arte, sobretudo se, diplomatas ou financistas, lidarem com as “realidades” do momento, a literatura reduz-se ao mero jogo do espírito, destinado a ir de futuro gradualmente desaparecendo. Alguns queriam fazer do romance uma espécie de desfile cinematográfico das coisas. Concepção absurda. Nada se afasta mais daquilo que de fato percebemos do que a visão cinematográfica. Como, ao entrar nessa biblioteca, tinham-me justamente ocorrido as palavras dos

Goncourt sobre as belas condições originais nela existentes, resolvei vê-las enquanto ali estava. E, sem parar de refletir, ia tirando um a um, sem maior atenção, os preciosos volumes, quando, ao abrir distraidamente um deles, *François le champi*, de George Sand, assaltou-me uma impressão de início desagradável, como se contrariasse o rumo atual de meu pensamento, mas que depois, comovido até as lágrimas, reconheci estar bem de acordo com ele. Tal como numa câmara ardente, quando os empregados da empresa funerária se preparam para levar o caixão, o filho do morto que prestara grandes serviços à pátria, ao ouvir, enquanto aperta a mão dos últimos amigos em desfile, explodir de súbito sob suas janelas uma fanfarrinha, revolta-se imaginando tratar-se de pilhéria insultuosa a sua dor, e, em seguida, ele que até então se dominara, não contém mais o pranto, pois compreende ser a banda de um regimento que vem associar-se a sua dor e prestar homenagem aos restos de seu pai. Assim acabava eu de reconhecer a impressão dolorosa experimentada ao ler na biblioteca do príncipe de Guermantes o título de um livro, título do qual me viera a noção da realidade do mundo misterioso que já agora não encontrava mais na literatura. Não era entretanto um livro extraordinário, era *François le champi*, mas este nome, como o de Guermantes, não se confundia para mim com os que depois aprendi. A lembrança de tudo quanto, ao ouvir mamãe lê-lo, me parecera inexplicável no enredo de *François le champi* acudia invocada pelo título, do mesmo modo por que o nome dos Guermantes (quando passava muito tempo sem vê-los) resumia para mim o feudalismo — como *François le champi* a essência do romance — e se substituíam por um momento à idéia geral das histórias camponesas de George Sand. Num jantar, onde o pensamento se mantém sempre superficial, ser-me-ia sem dúvida possível falar de um *François le champi* ou de uns Guermantes que não fossem os de Combray. Mas estando, como neste momento, sozinho, mergulhava mais profundamente em mim mesmo. Agora, a idéia de alguma senhora conhecida em sociedade ser prima da sra. de Guermantes, isto é, de uma personagem de lanterna mágica, parecia-me tão incompreensível como a de serem os mais belos livros que já li — não digo superiores, embora de fato o fossem —, mas iguais a este extraordinário *François le champi*. Era uma remota impressão, onde se misturavam suaves reminiscências de infância e de família, e que eu não reconhecera de pronto. Indagara com raiva que estranho me vinha perturbar, e o estranho era eu mesmo, a criança que fora, logo suscitada pelo livro que só dela tomava em mim conhecimento, só a ela invocava, não

querendo ser visto senão por seus olhos, amado senão por seu coração, ouvido senão por seus ouvidos. Por seu lado, este livro, cuja leitura minha mãe me fizera em Combray até alta madrugada, guardara para mim todo o encanto daquela noite. Certamente a “pena” de George Sand, para usar uma expressão de Bricot, sempre a falar em livros escritos com pena ágil, estava longe de parecer-me mágica, como tanto tempo, antes de se lhe haver lentamente moldado pelo meu gosto literário, julgara minha mãe. Mas, sem querer, eu a tornara magnética, como fazem por brincadeira os colegiais, e eis que mil nadas de Combray, há muito esquecidos, se punham por si mesmos a saltar, airoso, e vinham, uns após outros, prender-se ao bico imantado, em fila interminável e trêmula de lembranças. Alguns espíritos amantes de mistério imaginam que os objetos conservam algo dos olhos que os miraram, que quadros e monumentos só nos aparecem sob o véu perceptível tecido pelo amor e pela contemplação de seus adoradores durante séculos a fio. Tal químera seria verdadeira se transposta para os domínios da realidade única para cada um de nós, para os domínios da sensibilidade individual.

Sim, neste sentido, somente neste, e com maior amplitude; qualquer objeto outrora visto, se o revemos, nos devolve, com o primeiro olhar nele pousado, todas as imagens que então o enchiam. É que as coisas — um livro de capa vermelha, igual aos outros —, apenas as divisamos, tornam-se em nós algo de imaterial, de natureza idêntica à de nossas preocupações e sensações daquele tempo, às quais indissolivelmente se mistura. Tal nome de um livro antigo guarda entre suas sílabas o vento rápido e o sol brilhante que sentíamos ao lê-lo. Na menor sensação proveniente do mais humilde alimento, do cheiro do café com leite, encontramos aquela vaga esperança de bom tempo que, freqüentemente, nos sorria ante o dia ainda intato e pleno, na incerteza do céu matinal; uma hora é um vaso repleto de perfume, de sons, de momentos de disposições várias, de climas. Assim sendo, a literatura que se cifra a “descrever as coisas”, a fixar-lhes secamente as linhas e superfícies, é, apesar de denominar-se realista, a mais afastada da realidade, a que mais nos empobrece e entristece, pois corta bruscamente toda comunicação de nosso eu presente com o passado, do qual as coisas guardavam a essência, e com o futuro, onde elas nos incitam a de novo gozá-lo. É isso que deve exprimir a arte digna de tal nome, e, não o conseguindo, dá-nos ainda, com sua impotência, uma lição (ao passo que nenhuma se aproveita das realizações do realismo), a saber, que essa essência é em parte subjetiva e incomunicável.

Mais ainda, uma coisa vista em determinada época, um livro lido não se prendem apenas ao que então nos rodeava; associa-se este também fielmente ao que éramos, não pode ser de novo percorrido senão pela sensibilidade, pela pessoa de então; se pego, ou imagino pegar na estante *François le champi*, logo uma criança se ergue que me substitui, que tem exclusivo direito a ler este título: *François le champi*, e o faz como outrora, com a mesma impressão do tempo reinante no jardim, os mesmos sonhos sobre longes terras e sobre a vida, a mesma angústia do dia seguinte. Revendo eu algum objeto de outro período, outro rapaz surgirá. E minha pessoa de hoje não passa de uma pedreira abandonada, que julga igual e monótono tudo quanto encerra, mas de onde cada recordação, como um escultor grego, tira inúmeras estátuas. Falo em coisas revistas por que, atuando os livros nisso como coisas, o modo pelo qual se abria sua lombada, o grão de seu papel podem ter conservado, tão viva como as frases do texto, a lembrança de como eu imaginava então Veneza e de meu desejo de visitá-la. Mais viva até, pois estas por vezes perturbam, como certas fotografias, que nos fornecem do modelo uma imagem menos fiel do que nossa memória. Sem dúvida, muitos livros de minha infância, e, infelizmente, alguns do próprio Bergotte, eu só os abria, cansado, à noite, como se tomasse um trem, na esperança de repousar pela visão de paisagens diferentes, de respirar a atmosfera de outrora. Mas sucede que a leitura, prolongando-se, prejudica, ao contrário, a evocação desejada. Num de Bergotte (em cujo exemplar na biblioteca do príncipe a dedicatória esmerava-se em vulgaridade e bajulação), lido por inteiro num dia de inverno em que não pudera ir ver Gilberte, não conseguí encontrar as páginas que tanto apreciara. Algumas palavras me induziriam a crer que as achara, mas é impossível. Onde a beleza que então lhes descobrira? Mas, do volume em si mesmo, não fora removida a neve que cobria os Campos Elísios quando o li. Vejo-a ainda. E é por isso que, se me tentasse ser bibliófilo como o príncipe de Guermantes, só de um modo o seria, de um modo especial, procurando a beleza independente do valor intrínseco da obra, a que decorre, para um colecionador, de conhecer as bibliotecas onde esteve, de sabê-lo dado, por ocasião de tal acontecimento, a tal homem célebre por tal soberano, de havê-lo seguido, de venda em venda, através de toda a sua vida; essa beleza de certa maneira histórica de um livro não me seria indiferente. Mas haveria de extraí-la de preferência da história de minha própria vida, não a encarando apenas com olhos de bibliófilo; e freqüentemente a buscaria não no exemplar material, mas

na obra em si mesma, como no caso deste *François le champi*, contemplado pela primeira vez em meu quarto de Combray, na noite talvez mais doce e triste de minha vida — quando, ai de mim (numa época em que me pareciam inacessíveis os misteriosos Guermantes), obtive de meus pais a abdicação inicial, da qual data o declínio de minha saúde, e de minha vontade, minha sempre crescente renúncia a qualquer tarefa difícil — e revisto hoje na biblioteca dos Guermantes, precisamente no dia mais belo, o que me iluminava subitamente não somente as antigas hesitações intelectuais, mas a própria razão de ser de minha existência e quiçá da arte. Quanto aos exemplares, ter-me-iam evidentemente interessado, mas só em função da vida. A primeira edição de uma obra ser-me-ia mais preciosa do que as outras, mas assim classificaria a edição em que pela primeira vez a li. Procuraria as edições originais, quer dizer, aquelas nas quais me viera desse livro uma impressão original. Porque já não o são as que se lhe seguem. Colecionaria os romances por causa das encadernações antigas, as do tempo em que li os primeiros romances, e que tantas vezes ouviram papai dizer-me: “Não te curves”. Como o vestido com o qual vemos pela primeira vez uma mulher, elas me restituíam o amor então sentido, a beleza sobre a qual se haviam superposto tantas imagens, cada vez menos amadas, permitindo-me assim rever a inicial, a mim que já não sou quem a viu e devo ceder o lugar ao eu de então, a fim de que ele chame o que conheceu e meu eu atual já não conhece. A biblioteca que assim organizaria seria ainda mais valiosa, pois os livros outrora lidos em Combray, em Veneza, enriquecidos agora por minha memória com vastas iluminuras representando a igreja de Saint-Hilaire, a gôndola atracada aos pés de Saint-Georges-le-Majeur no Grande Canal incrustado de safiras cintilantes, tornar-se-iam dignos daqueles “livros de figuras”, daquelas histórias bíblicas que o conhecedor abre, não para ler o texto, mas para deslumbrar-se mais uma vez ante as cores que lhe acrescentou algum êmulo de Fouquet, e constituem o maior valor do volume. E, entretanto, até o simples folhear desses livros outrora lidos, para ver as ilustrações que então não os ornavam, parecer-me-ia tão perigoso que nem neste sentido, o único que admito, gostaria de ser bibliófilo. Sei muito bem quão facilmente as imagens gravadas pelo espírito são por ele próprio apagadas. Substitui as antigas por novas sem o mesmo poder de ressurreição. Se ainda possuísse o *François le champi* por mamãe tirado uma noite do embrulho de livros que minha avó acabara de me dar como presente de aniversário, nunca o olharia; temeria inserir nele, pouco a pouco, minhas impres-

sões de hoje, recobrando inteiramente as antigas, temeria vê-lo tornar-se de tal maneira atual que, quando lhe pedisse para invocar de novo a criança que lhe soletrara o título no quarto de Combray, esta, não lhe reconhecendo a voz, não respondesse mais ao apelo e permanecesse para sempre sepultada no esquecimento.

A idéia da arte popular, como a da arte patriótica, ainda que não fosse perigosa, se me afiguraria ridícula. Procurando torná-la acessível ao povo, sacrificar-se-iam os requintes da forma, “bons para desocupados”; ora, eu freqüentava suficientemente os mundanos para saber que são eles, e não os operários eletricitas, os verdadeiros iletrados. Assim sendo, uma arte popular pela forma destinar-se-ia mais aos membros do Jockey Club do que aos da Confederação Geral do Trabalho; quanto aos temas, os romances populares satisfazem tão pouco à gente do povo como às crianças os livros escritos em sua intenção. Todos buscam novidade na leitura, e os operários têm pelos príncipes a mesma curiosidade dos príncipes pelos operários. No início da guerra, já dizia Barrès que um artista (no caso Ticiano) deve antes de tudo servir à glória de sua pátria. Mas só como artista o pode fazer, isto é, com a condição de, ao estudar as leis da Arte, ao tentar suas experiências e fazer suas descobertas, tão delicadas como as da Ciência, não pensar em nada — nem na pátria — além da verdade que tem diante de si. Não imitemos os revolucionários desprezando, por “civismo”, quando não as destruíam, as obras de Watteau e La Tour, pintores que honravam mais a França do que todos os da Revolução. Nenhuma criatura sensível, se pudesse escolher, optaria provavelmente pela anatomia. Não foi a bondade, grande embora, de seu coração virtuoso que levou Choderlos de Laclos a escrever *As relações perigosas*, nem a predileção pela burguesia, grande ou pequena, que sugeriu a Flaubert temas como os de *Madame Bovary* ou de *Educação sentimental*. Prediziam alguns que seria breve a arte de uma época apressada, como antes da guerra a imaginavam curta. Também a estrada de ferro deveria matar a contemplação, era inútil lamentar as diligências, mas o automóvel as veio substituir e permitir de novo aos turistas pararem nas igrejas abandonadas.

Uma imagem oferecida pela vida nos traz de fato, num momento, sensações múltiplas e diversas. A vista, por exemplo, da capa de um livro já lido tece nos caracteres do título os raios de

lua de uma remota noite de verão. O gosto do café com leite matinal nos restitui a vaga esperança de bom tempo que tantas vezes, enquanto o tomávamos numa tigela de alva porcelana, macia e enrugada como leite coalhado, nos sorrisa na clara incerteza do amanhecer. Uma hora não é apenas uma hora, é um vaso repleto de perfumes, de sons, de projetos e de climas. O que chamamos realidade é uma determinada relação entre sensações e lembranças a nos envolverem simultaneamente — relação suprimida pela simples visão cinematográfica que se afasta tanto mais da realidade quanto mais lhe pretende limitar —, relação única que o escritor precisa encontrar a fim de unir-lhe para sempre em sua frase os dois termos diferentes. Podem-se alinhar indefinidamente, numa narrativa, os objetos pertencentes ao sítio descrito, mas a verdade só surgirá quando o escritor tomar dois objetos diversos, estabelecer a relação entre eles, análoga no mundo da arte à relação única entre causa e efeito no da ciência, e os enfeixar nos indispensáveis anéis de um belo estilo, ou quando, como a vida, por meio de uma qualidade comum a duas sensações, lhe extrair a essência, confundindo-as, para as subtrair às contingências do tempo, numa metáfora, ligando-as pelo laço indescritível¹ de uma aliança de palavras. Não fora, sob este ponto de vista, a própria natureza que me pusera no caminho da arte, não era ela o começo da arte, ela que tantas vezes só muito mais tarde, e através de outra, me permitira conhecer a beleza de uma coisa, o meio-dia em Combray pelo repicar de seus sinos, as manhãs de Doncières pelo ruído de nosso calorífero? A relação pode ser pouco interessante, medíocres os objetos, pobre o estilo, mas sem isso nada se faz. A literatura que se limita a “descrever as coisas”, a fornecer-lhes um esquema das linhas e superfície, é, a despeito de suas pretensões realistas, a mais fora da realidade, pois corta bruscamente toda comunicação de nosso eu presente com o passado, do qual as coisas guardavam a essência, e com o futuro, onde nos convidam a gozá-lo de novo. Mais ainda. Se a realidade fosse essa espécie de detrito da experiência, mais ou menos o mesmo para todos, porque quando dizemos: mau tempo, guerra, posto de carros de aluguel, restaurante iluminado, jardim florido, todos sabem o que temos em mente; se a literatura fosse isso, bastaria sem dúvida um arremedo de filme cinematográfico das coisas, e o “estilo”, a “litera-

¹ Parece haver um engano quanto à palavra “indescritível” do texto original, não revisto por Proust. Conservei-a, entretanto, por escrúpulo, não ousando substituí-la por “indestrutível” (“indestrutível”), sem dúvida mais adequada. (N. do T.)

tura” que se afastassem de tais dados não passariam de excrescência artificial. Mas seria mesmo isso a realidade? Se tentasse verificar o que de fato se passa em nós quando alguma coisa nos causa determinada impressão — como se, ao passar pela ponte do Vivonne, a sombra de uma nuvem na água me fizesse exclamar: “Ora bolas!”, saltando de alegria; se, ouvindo uma frase de Bergotte, só conseguisse captar de minha impressão esta generalidade vaga: “É admirável”; se, irritado por algum desazo, Bloch proferisse estas palavras, despropositadas para caso tão vulgar: “Acho até fantástico que se proceda assim”; ou se, deslumbrado pela boa acolhida dos Guermantes, e aliás um pouco excitado por seus vinhos, eu não me pudesse impedir de murmurar para mim mesmo ao deixá-los: “São, a despeito de tudo, criaturas encantadoras, com as quais seria doce a vida” —, eu veria que, para exprimir tais sensações, para escrever esse livro essencial, o único verdadeiro, um grande escritor não precisa, no sentido corrente da palavra, inventá-lo, pois já existe em cada um de nós, e sim traduzi-lo. O dever e a tarefa do escritor são as do tradutor.

Ora, se, quando se trata, por exemplo, da linguagem inexacta do amor-próprio, aprumar o oblíquo monólogo interior (que gradativamente se afasta da impressão primeira e cerebral) até confundi-lo com a reta que deveria ter partido da impressão é empresa árdua, contra a qual se irrita nossa preguiça, outros casos existem, o do amor sobretudo, em que essa retificação se torna dolorosa. Todas as nossas indiferenças simuladas, toda a nossa indignação contra mentiras tão naturais, tão semelhantes às nossas, numa palavra, tudo quanto não cessamos, ao nos sentirmos infelizes ou traídos não só de dizer ao ente amado, mas até, longe dele, de repetir a nós mesmos, algumas vezes em voz alta, no silêncio de nosso quarto, quebrado por frases como — “não, é realmente intolerável essa conduta” e “quis rever-te pela última vez e não nego que sofro” —, não o podemos fazer voltar à verdade, da qual tanto se desviara, sem abolir aquilo a que mais nos apegávamos, aquilo que, nos projetos febris de cartas e entrevistas, debatíamos a sós, fervorosamente.

Até nos prazeres artísticos, não obstante os busquemos pela impressão que provocam, achamos logo meios de deixar de lado, como inexprimível, o que precisamente constitui essa impressão,

e de nos arrimar ao que permite desfrutar o prazer sem conhecê-lo até o fundo, e nos dá a ilusão de comunicá-lo a outros apreciadores, com os quais a conversa se tornará possível por falarmos de algo idêntico para eles e para nós, tendo sido suprimida a raiz pessoal de nossa própria impressão. Ainda quando somos apenas espectadores isentos da natureza, da sociedade, do amor da mesma arte, como toda impressão é dupla, envolta uma parte pelo objeto, prolongada em nós a outra, só de nós conhecida, apressamo-nos em desprezar esta, isto é, a única que nos deveria seduzir, e nos apegamos à que, sendo exterior, e, por conseguinte, não aprofundável, não nos causará a menor fadiga: o pequeno sulco cavado em nós por uma frase musical ou pela vista de uma igreja não nos animará a tentar descobri-lo. Mas continuamos a tocar a sinfonia e a visitar a igreja até que — na fuga para longe de uma vida que não ousamos encarar, cujo nome é erudição — as chegamos a conhecer tão bem como os mais sábios amantes de música ou de arqueologia, e exatamente da mesma maneira que eles. Muitos ficam nisso, nada extraem das próprias impressões, envelhecem inúteis e insatisfeitos, como celibatários da arte. Padecem de males idênticos aos das virgens e dos indolentes, que a fecundidade no trabalho curaria. Exaltam-se ante obras de arte mais do que os verdadeiros artistas porque, não provindo de um duro labor de aprofundamento, sua exaltação derrama-se para fora, aquece as palavras, inflama a fisionomia; crêem realizar-se ao gritar até perder a voz: “Bravo, bravo!” após a execução da peça preferida. Não os obrigam todavia tais manifestações a verificar a natureza de seu amor, que lhes permanece ignorada. Inproveitado, este transborda entretanto em suas palestras mais calmas, e, para falar de arte, força-os a gestos exuberantes, a esgares, a meneios de cabeça. “Fui a um concerto no qual tocaram uma música que, confesso, não me entusiasmou. Começou depois o quarteto. Ah! que diferença!” (transparece-lhe então no rosto uma inquietação ansiosa, como se pensasse: “Mas vejo labaredas, cheira a chamusco, é um incêndio”). “Pode ser irritante, mal escrito, mas mexe com a gente, que diabo!, não é coisa para qualquer um fazer.” E, embora ridículo, não nos devem merecer desprezo esses apreciadores. São os esboços da natureza desejosa de criar o artista, tão informes, tão pouco viáveis como os primeiros animais que precederam as espécies atuais, e não se destinavam a perdurar. Indecisos e estéreis, comovem-nos como aqueles aviões iniciais, que não se conseguiram erguer do solo, mas onde residia não o meio secreto, ainda por descobrir, mas a ânsia de vôo. “Pois, meu velho”, acrescenta

o musicômano, travando-nos o braço, “é a oitava vez que ouço, e juro que não há de ser a última.” Com efeito, como não assimilam o que na arte é realmente nutritivo, presas de uma bulimia que nada aplaca, precisam tais criaturas a todo momento dos prazeres artísticos. Aplaudem anos a fio a mesma obra, crenes, além do mais, de que sua presença representa um dever, uma ação, como para outros a assistência a uma sessão de conselho administrativo ou a um enterro. Dão-se mais tarde a paixões outras, e até opostas, em literatura, pintura ou música. Porque a faculdade de lançar idéias, sistemas, sobretudo de os adotar, sempre foi mais freqüente, mesmo nos criadores, do que o verdadeiro gosto, mas assumiu proporções mais consideráveis depois que se multiplicaram as revistas e jornais literários (e com eles as vocações factícias de escritores e artistas). Passou assim a melhor parte da mocidade, a mais inteligente, a mais interessada, a só apreciar obras de grande alcance moral, sociológico e até religioso. Renovando o erro dos David, dos Chenavard, dos Brunetièrre, imaginava ser este o critério de julgamento. A Bergotte, cujas frases elegantes não teriam evidentemente sido possíveis sem fundas sondagens interiores, preferiam-se escritores que só pareciam profundos por não escreverem tão bem. A complicação de sua escrita visava apenas aos mundanos, alegavam os democratas, prestando assim àqueles uma homenagem imerecida. Mas quando a inteligência racionante se mete a avaliar as obras de arte, não resta nada de fixo, de certo: demonstra-se o que se quer. A despeito de constituir a realidade do talento um patrimônio, uma aquisição universal, cuja presença se deve antes de tudo buscar sob as modas aparentes do pensamento e do estilo, é nestas que se arrima a crítica para classificar os autores. Sagra profeta, em virtude de seu tom peremptório, de seu desprezo pela escola que o precedeu, um escritor que não traz a menor mensagem nova. Tal é essa constante aberração da crítica que o escritor deveria preferir ser julgado pelo grande público (se este não fosse incapaz de perceber por si mesmo as tentativas de um artista numa ordem de pesquisas que desconhece). Porque há maiores analogias entre a vida instintiva do público e o talento de um grande escritor, que não é senão um instinto religiosamente ouvido em meio ao silêncio a tudo o mais imposto, um instinto aperfeiçoado e compreendido, do que entre este e a verbosidade superficial, as normas flutuantes dos juízes oficiais. Sua logomaquia renova-se de dez em dez anos (não se comendo o calidoscópico apenas de grupos mundanos, mas de princípios sociais, políticos, religiosos, que se espairam graças a sua refração pelas massas ex-

tensas, e são, não obstante, fadados à curta vida das idéias cuja novidade só seduz espíritos pouco exigentes em matéria de provas). Assim se sucediam partidos e escolas, arrebanhando sempre os mesmos homens, relativamente inteligentes, vítimas de entusiasmo que não contagiavam os mais acurados e ciosos de exatidão. Infelizmente, por serem meios-espíritos, necessitando da ação para completar-se, atuam aqueles mais do que as mentalidades superiores, atraem a multidão e criam em torno de si não só falsas reputações e desdêns injustificados, como as guerras internas e externas, das quais nos preservaria um pouco de autocrítica não-realista. E quanto à satisfação que ao espírito bem formado, ao coração de fato vivo, causa o puro pensamento de um mestre, é sem dúvida salutar, mas os homens capazes de apreciá-la (quantos haverá em vinte anos?), na verdade preciosos, reduzem-se a mera, embora plena, consciência alheia. Tal será o indivíduo que, tudo havendo feito para conquistar o amor de uma mulher da qual só lhe adviriam desgostos, sem conseguir, a despeito de redobrados e persistentes esforços, uma só entrevista, em vez de procurar exprimir seus sofrimentos e os perigos a que escapou, se puser a reler incessantemente, misturando-lhe “um milhão de palavras” e as mais comovidas lembranças da própria vida, esta reflexão de La Bruyère: “Os homens freqüentemente querem amar sem o conseguir, e são, assim se pode dizer, coagidos a permanecer livres”. Que este pensamento tenha ou não tido tal sentido para quem o escreveu (e, para tanto, “ser amados” deveria, aliás com vantagem, substituir “amar”), é certo que o letrado sensível o vivifica, carrega-o de significação até fazê-lo estourar, só o relê transbordando de alegria, tão verdadeiro e belo lhe parece, mas afinal nada lhe acrescenta, pois não é senão um eco de La Bruyère.

Como teria qualquer valor a literatura descritiva, se a realidade se oculta sob pequenas coisas que enumera (a grandeza no ruído distante de um aeroplano, na linha do campanário de Saint-Hilaire, o passado no sabor de uma *madeleine* etc.) e por si mesmas nada significam, se não se souber desentranhar o que encerram?

Pouco a pouco conservada pela memória, é a cadeia de todas as impressões inexatas, onde nada resta do que realmente sentimos, que constitui para nós nosso pensamento, nossa vida, a realidade, e é essa falsidade a reproduzida pela arte dita “vívida”, simples como a vida, sem beleza, duplo emprego do que vêm nossos olhos e verifica nossa inteligência, tão fastidioso e vão que indagamos onde encontra quem a cultiva a flama alegre e motora

capaz de animá-lo, de fazê-lo prosseguir na tarefa. A grandeza da verdadeira arte, da que Norpois tacharia de jogo de diletante, consiste ao contrário em captar, fixar, revelar-nos a realidade longe da qual vivemos, da qual nos afastamos cada vez mais à medida que aumentam a espessura e a impermeabilidade das noções convencionais que se lhe substituem, essa realidade que corremos o risco de morrer sem conhecer, e é apenas a nossa vida, a verdadeira vida, a vida enfim descoberta e tornada clara, a única vida, por conseguinte, realmente vivida, essa vida que, em certo sentido, está sempre presente em todos os homens e não apenas nos artistas. Mas não vêm, porque não a tentam desvendar. E assim seu passado se entulha de inúmeros clichês, inúteis porque não “revelados” pela inteligência. Captar a nossa vida; e também a dos outros; pois o estilo para o escritor como para o pintor é um problema não de técnica, mas de visão. É a revelação, impossível por meios diretos e conscientes, da diferença qualitativa decorrente da maneira pela qual encaramos o mundo, diferença que, sem a arte, seria o eterno segredo de cada um de nós. Só pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que vê outrem de seu universo que não é o nosso, cujas paisagens nos seriam tão estranhas como as porventura existentes na Lua. Graças à arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si do que os que rolam no infinito, e que, muitos séculos após a extinção do núcleo de onde emanam, chame-se este Rembrandt ou Vermeer, ainda nos enviam seus raios.

Esse trabalho do artista, de buscar sob a matéria, sob a experiência, sob as palavras, algo diferente, é exatamente o inverso do que, a todo instante, quando vivemos alheados de nós, realizam por sua vez o amor-próprio, a paixão, a inteligência e o hábito, amontoando sobre nossas impressões, mas para escondê-las de nós, as nomenclaturas, os objetos práticos a que erradamente chamamos vida. Em suma, esta arte, tão complicada, é justamente a única viva. Só ela exprime para os outros e a nós mesmos mostra a nossa própria vida, essa vida que não pode ser “observada”, cujas aparências observáveis precisam ser traduzidas, freqüentemente lidas às avessas, e a custo decifradas. O trabalho feito pelo amor-próprio, pela paixão, pelo espírito de imitação, pela inteligência abstrata, pelos hábitos, é o que há de desmanchar a arte, na marcha em sentido contrário, na volta que nos fará empreender aos abismos onde jaz ignorado de nós o que realmente existiu. Grande tentação, sem dúvida, a de recriar a verdadeira vida, de rejuvenes-

cer as impressões. Mas exija coragem em todos os terrenos, até no sentimental. Porque consistia antes de tudo em derrogar as mais caras ilusões, em deixar de crer na objetividade daquilo que se elaborou, em vez de embalar-se pela centésima vez com estas palavras: “Ela era tão boazinha”, ler nas entrelinhas: “Causava-me prazer beijá-la”. Decerto o que eu sentira nas horas de amor, todos os homens o sentem. Sente-se, mas o que se sente é como certos negativos que parecem inteiramente negros quando não examinados junto de uma lâmpada, e também precisam ser vistos às avessas: não se sabe do que se trata sem aproximá-lo da inteligência. Só depois de o haver esta iluminado, intelectualizado, é que se distingue, e com que dó, a figura do que se sentiu. Mas eu verificava do mesmo passo que o sofrimento, que primeiro me veio a propósito de Gilberte, de perceber que nosso amor não pertence a quem o inspira é salutar acessoriamente, como um meio de conhecimento. (Porque, embora deva ser breve a nossa vida, é só enquanto sofremos que nossos pensamentos, de algum modo agitados por movimentos perpétuos e ondulantes, elevam, como numa tempestade, a um nível onde se torna visível, toda essa imensidade regida por leis, que, debruçados a uma janela mal colocada, não conseguimos avistar, pois deixa-a rasa e lisa a calma da felicidade; só para alguns grandes gênios tal movimento existirá sempre, independente da agitação da dor; não o podemos todavia afirmar, pois, ao contemplar-lhes o largo e regular desenvolvimento das obras alegres, inferimos, da alegria da produção, a da vida, talvez ao contrário constantemente dolorosa?) Mas, principalmente se nosso amor não se deu apenas a uma Gilberte, percebemos que não foi por se ter dado também a uma Albertine, que nos fez padecer tanto, e sim por ser uma porção de nossa alma, mais durável do que os diversos “eus” que morrem sucessivamente em nós e por egoísmo o quereriam reter, porção de nossa alma que deve, ao preço embora de um sofrimento, aliás útil, desprender-se dos seres, a fim de lhe alcançarmos e restituirmos a generalidade, e darmos esse amor, a compreensão desse amor, a todos, ao espírito universal, e não a esta e depois àquela, nas quais se desejariam fundir este e depois aquele dos nossos “eus”.

Cumpria-me, pois, buscar o sentido, encoberto pelo hábito, dos menores sinais que me rodeavam (Guermantes, Albertine, Gilberte, Saint-Loup, Balbec etc.). Precisamos saber que, uma vez atingida a realidade, para exprimi-la, para conservá-la, é forçoso afastar tudo quanto dela difere, e incessantemente nos traz a velocidade adquirida do hábito. Mais do que tudo, eu evitaria portanto as pa-

lavras escolhidas antes pelos lábios do que pelo espírito, as palavras espirituosas usadas nas conversas, e que, após estas, continuamos a dirigir artificialmente a nós mesmos, enchendo-nos de falsidades o espírito, as palavras apenas materiais acompanhadas, no escritor que desce a transcrevê-las, pelo breve sorriso, pela mímica brejeira a alterarem contantemente a frase oral de um Sainte-Beuve, por exemplo, ao passo que os livros verdadeiros se geram não na diurna luz e nas palestras, mas no escuro e no silêncio. E como a arte recompõe exatamente a vida, em torno das verdades em nós mesmos atingidas flutuará sempre uma atmosfera de poesia, a doçura de um mistério que não é senão o vestígio da penumbra que atravessamos a indicação, marcada com precisão de altímetro, da profundidade da obra. (Porque essa profundidade não é inerente a certos temas, como supõem os romancistas materialistamente espiritualistas, que não sabem descer além do mundo das aparências, e cujas nobres intenções, semelhantes às tiradas virtuosas de pessoas incapazes do menor esforço de bondade, não nos devem impedir de notar que não tiveram energia mental nem para livrar-se das banalidades de forma adquiridas por imitação.)

Quanto às verdades que a inteligência — ainda a mais alta — colhe a mancheias, em plena luz, ao acaso, talvez sejam valiosas; mas têm contornos antes secos e são planas, sem profundidade, porque nenhuma profundidade foi transposta para alcançá-las, porque não foram recriadas. Muitos escritores, em cujo âmago já não aparecem essas verdades misteriosas, só escrevem, a partir de certa idade, com a inteligência, cada vez mais robusta; os livros da maturidade são por isso mais fortes do que os da juventude, porém já não possuem o mesmo aveludado frescor.

Eu sabia entretanto não serem inteiramente desprezíveis essas verdades que a inteligência extrai diretamente da realidade, pois poderiam envolver em matéria menos pura, mas ainda permeada de espírito, as impressões que nos confere, fora do tempo, a essência comum às sensações do passado e do presente, as quais, mais preciosas, são todavia muito raras para só delas compor-se a obra de arte. Prontas para serem aproveitadas, eu sentia aglomerarem-se em torno de mim inúmeras verdades relativas às paixões, aos caracteres, aos costumes. Cada criatura que nos faz sofrer pode representar para nós uma divindade da qual é apenas um reflexo fragmentário e a derradeira manifestação, divindade que, contemplada tão-somente como idéia, para logo transmuda em alegria a dor que experimentávamos. A arte de viver consiste em nos sabermos servir de quem nos atormenta como de degraus de acesso à

sua forma divina, povoando assim diariamente de deuses a nossa vida. Satisfazia-me verificar essas verdades; julguei contudo lembrar-me de haver descoberto na dor várias dentre elas, em prazeres medíocres muitas outras. Então, menos brilhante sem dúvida do que a que me fizera vislumbrar na obra de arte o único meio de reaver o Tempo perdido, nova luz se fez em mim. E compreendi que a matéria da obra literária era, afinal, minha vida passada; que tudo me viera nos divertimentos frívolos, na indolência, na ternura, na dor, e eu acumulara como a semente os alimentos de que se nutrirá a planta, sem adivinhar-lhe o destino nem a sobrevivência. Como a semente, poderia morrer uma vez desenvolvida a planta, para qual vivera sem o saber, sem nunca imaginar que minha vida devesse entrar em contato com os livros que sonhara escrever e cujo assunto, quando outrora me sentava à mesa de trabalho, buscara em vão. Assim minha existência até este dia poderia e não poderia resumir-se neste título: uma vocação. Não poderia porque a literatura não desempenhara nela o menor papel. Poderia porque essa vida, com as recordações de suas tristezas e alegrias, constituía uma reserva semelhante à albumina existente no óvulo das plantas, da qual este encontra o alimento necessário para transformar-se em semente, na evolução embrionária, ignorada e invisível, não obstante processar-se por meio de fenômenos químicos e respiratórios secretos mas muito ativos. Assim também minha vida fora condicionada pelo que lhe determinaria a maturação. E os que dela depois se nutririam ignorariam o que para alimentá-los se realizara, como quem come cereais não sabe terem antes nutrido a semente e lhe facultado a evolução as ricas substâncias que contém. Neste terreno, as mesmas comparações podem ser falsas como pontos de partida, e verdadeiras como metas de chegada. O literato inveja o pintor, gostaria de tomar instantâneos, notas, e estará perdido se o fizer. Mas quando escreve, não há um só gesto de suas personagens, um tique, um modo de falar que não lhe sejam ditados à inspiração pela memória; não há um só nome de personagem inventada sob o qual não possa colocar sessenta nomes de pessoas reais, das quais uma pousou para os trejeitos, outra para o monóculo, esta para a cólera, aquela para o movimento imponente do braço etc. Verifica então o escritor que, se seu sonho de ser pintor era irrealizável de modo consciente e voluntário, cumpriu-se entretanto, e o caderno de esboços se encheu à sua revelia... Pois, movido pelo instinto que o habitava, o escritor, muito antes de imaginar sê-lo, omitia invariavelmente reparar em coisas que todos notavam, fazendo-se acusar pelos ou-

tros de distração, por si mesmo de não saber ouvir nem ver, mas enquanto isso impunha aos olhos e aos ouvidos guardarem para sempre o que a outrem parecia pueril, o tom com que fora proferida uma frase, a expressão e o dar de ombros, em dado momento e determinada circunstância, de uma pessoa a cujo respeito talvez nada mais soubesse, e isso porque esse tom, já o ouvira ou sentia que tornaria a ouvir, que era algo de renovável, de durável; é o senso do geral que, no futuro escritor, escolhe por si mesmo o que é geral e poderá entrar na obra de arte. Não ouvira por isso os outros senão quando, por mais néscios ou loucos que fossem, repetindo como papagaios o que dizem as criaturas de feitio semelhante ao seu, tornavam-se aves proféticas, porta-vozes de uma lei psicológica. Só do geral se recorda. Graças a tais entonações, tais jogos de fisionomia, tais movimentos de ombros, vistos embora na mais longínqua infância, grava-se nele a vida alheia que, quando mais tarde começar a escrever, há de ajudá-lo a recriar a realidade, seja compondo um movimento de ombros comum a muita gente, exato como se tivesse sido anotado no caderno de um anatomista, seja enxertando nele um pescoço tirado de outra pessoa, cada modelo tendo pousado a seu tempo.

Não é certo que, para a elaboração literária, não sejam a imaginação e a sensibilidade qualidades mais ou menos equivalentes, que a segunda não possa sem maior dano substituir-se à primeira, como em pessoas cujo estômago é incapaz de digerir, e o intestino lhe faz as vezes. Um homem dotado de sensibilidade poderia, ainda que não tivesse imaginação, escrever romances admiráveis. O sofrimento que outros lhe causassem, seus esforços para evitá-lo, os conflitos que daí lhe resultariam com pessoas cruéis, tudo isso, interpretado pela inteligência, forneceria matéria para um livro, não apenas belo como se fosse imaginado, inventado, mas também, até para o próprio autor, quando feliz e livre, tão estranho, tão surpreendente, tão acidental como um capricho fortuito da fantasia. Os seres mais estúpidos manifestam, nos gestos, nas palavras, nos sentimentos involuntariamente expressos, leis que não percebem mas deixam surpreender pelo artista. Observações desse gênero levam o público a, injustamente, acoimar de maldade o escritor, que num ridículo distingue uma bela generalidade, sem por isso menosprezar a pessoa observada, como não a culparia um médico se padecesse de um dos tão freqüentes distúrbios circulatórios; ninguém zomba menos que ele das fraquezas humanas. É de lamentar-se que seja mais infeliz do que cruel ao tratar de suas próprias paixões; embora convicto de sua generalidade, não as conse-

gue com a mesma facilidade isolar dos sofrimentos pessoais que lhes causam. Sem dúvida, quando um insolente nos insulta, preferiríamos que nos elogiasse, e, sobretudo, quando uma mulher adorada nos trai, tudo faríamos para que o contrário fosse verdadeiro. Mas o ressentimento da afronta, as dores do abandono permaneceriam, neste caso, terras desconhecidas, cuja descoberta, penosa para o homem, é preciosa para o artista. E assim é que, a despeito de si mesmos, e do autor, entram na obra os perversos e os ingratos. O panfletário associa involuntariamente à própria glória o canalha que desmascarou. Reconhecem-se em qualquer livro todos os que o escritor mais odiou, e até, ai dele, todas as que mais amou. Mesmo estas lhe serviam de modelos quando, bem contra sua vontade, o torturavam. Amando Albertine, já certo de não ser correspondido, eu me resignara a que não me desse senão uma lição de como se sofre, se ama, e até, no início, de como se é feliz. E quando buscamos extrair de nossa dor a generalidade, escrever a seu respeito, sentimo-nos consolados, por outro motivo talvez além dos enumerados, proveniente de que pensar de maneira geral, escrever, é para o escritor uma função sadia e necessária, cujo cumprimento lhe comunica a mesma satisfação que aos homens esportivos os exercícios físicos, o suor e o banho. Para ser sincero, devo dizer que isso me revoltava um pouco. Apesar de ver na arte a verdade suprema da vida, de, por outro lado, já não ser capaz do esforço de memória indispensável para amar novamente Albertine ou novamente chorar minha avó, eu não sabia, entretanto, se uma obra de arte da qual não teriam consciência seria para elas, para o destino das pobres mortas, uma realização. Minha avó, que com tamanha frieza eu vira agonizar e morrer junto de mim! Oh! possa eu, como expiação, uma vez terminada minha obra, ferido sem esperança, sofrer longamente, por todos abandonado, antes de morrer. Compadecia-me, aliás, infinitamente, de seres menos queridos, indiferentes até, de existências humanas cujos sofrimentos, cujos ridículos até, porque os buscara compreender, me haviam sido, afinal, úteis. Todos os que me haviam revelado verdades, e já não existiam, apareciam-me como se tivessem vivido uma vida só a mim proveitosa, como se tivessem morrido por mim. Entristecia-me pensar que meu amor, tão meu, se desligaria tanto no livro de qualquer criatura em particular, que leitores diversos o superporiam exatamente ao que por outras mulheres houvessem sentido. Mas dever-me-ia escandalizar essa infidelidade póstuma, essa possibilidade de fulano ou sicrano vislumbrarem em mulheres desconhecidas o objeto de meus sentimentos, se a infidelidade,

a divisão do amor entre vários seres começara durante a minha vida, e antes mesmo de pensar em escrever? Sofrera sucessivamente, por Gilberte, pela sra. de Guermantes, por Albertine. Esquecera também sucessivamente, e só o amor, dedicado a seres diferentes, fora durável. A profanação de uma de minhas recordações por leitores desconhecidos, eu a perpetuara antes deles. Não estava longe de causar horror a mim mesmo, como aconteceria a um partido nacionalista em cujo nome se processassem hostilidades, ao qual unicamente beneficiasse uma guerra onde nobres vítimas sofreriam e morreriam sem sequer saber — o que ao menos para minha avó teria representado uma recompensa — o resultado da luta. Só me consolava do fato de ela não saber que eu punha enfim mãos à obra, pensar que — tal é a sorte dos mortos —, se não lhe era dado gozar de meu progresso, há muito também não tinha consciência de minha inação, de minha vida frustrada que tanto a afligira. E, evidentemente, nem só de minha avó, de Albertine, assimilara eu uma frase, um olhar, mas de muitos outros dos quais, como criaturas individuais, já me esquecera; um livro é um vasto cemitério onde na maioria dos túmulos já não se lêem as inscrições apagadas. Por vezes, ao contrário, lembramo-nos do nome, mas sem saber se subsistem nestas páginas resquícios de quem o usou. Aquela rapariga de olhos fundos e voz arrastada estará aqui? E se está, onde repousa, como encontrá-la sob as flores? Mas já que vivemos longe dos seres individuais, que nossos sentimentos, ainda os mais fortes, como meu amor por minha avó, por Albertine, não os reconhecemos ao cabo de alguns anos, pois tornam-se para nós palavras incompreensíveis, já que conseguimos falar de nossos mortos com os mundanos freqüentados prazerosamente a despeito da perda de tudo quanto amávamos — se se nos deparar um meio de aprender e entender essas palavras esquecidas, não o deveremos empregar, embora seja necessário traduzi-las para uma linguagem universal, mas ao menos permanente, que faria dos finados, em sua mais legítima essência, uma aquisição perpétua para todas as almas? E até, se lograrmos explicar a lei da transformação que nos tornara ininteligíveis aquelas palavras, nossa inferioridade não se transmudará em um novo dom? Aliás, a obra na qual colaboraram nossos desgostos pode ser interpretada, relativamente ao futuro, como sinal, tanto nefasto, de desgostos, como favorável, de consolo. Se se afirma, com efeito, que os amores, as mágoas do poeta o serviram, ajudando-o a edificar sua obra, que, sem sequer o suspeitarem, muitas desconhecidas contribuíram, esta pela crueldade, pela zombaria aquela, com pedras para um mo-

numento que não chegarão a ver, esquece-se que a vida do escritor não termina com essa obra, que o mesmo temperamento, em virtude do qual passou pelos sofrimentos incorporados ao livro, o levará a amar outras mulheres, em condições que seriam idênticas, caso não as desviassem ligeiramente as modificações pelo tempo causadas nas circunstâncias e no próprio indivíduo, em sua fome de amor e em sua resistência à dor. Considerada como agouro, será a obra comparável a um amor infeliz, a pressagiar fatalmente outros, tanto se assemelhando à vida que já quase não sentirá o poeta necessidade de escrever, pois encontra no que já escreveu a prefiguração do que sucederá. Assim meu amor por Albertine, até em suas divergências, já se inscrevia em meu amor por Gilberte, nos dias felizes em que lhe ouvi pela primeira vez, de sua tia, o nome e a descrição, sem cuidar que esse germe insignificante se desenvolveria e se estenderia mais tarde por toda a minha vida. A obra, sob outro ponto de vista, é promessa de felicidade porque nos ensina não só que em todo amor o geral jaz ao lado do particular, como também a passar deste àquele, numa ginástica que, consistindo em desprezar-lhe o motivo para buscar-lhe a essência, nos fortalece contra a dor. Com efeito, como eu verificaria depois, até enquanto ama e sofre, sente-se, se já se realizou afinal a vocação, nas horas de trabalho diluir-se tão completamente o ser amado numa realidade mais vasta que se chega a esquecê-lo por instantes e a não padecer mais das penas de amor senão como de males físicos, de uma espécie de doença do coração, independente do objeto amado. Só por instantes, é verdade, e o efeito talvez seja o oposto se o trabalho só muito mais tarde for empreendido. Porque se encetamos a tarefa quando as criaturas que, por sua perversidade, sua mesquinhez, nos haviam à nossa revelia conseguido destruir as ilusões, já por si mesmas se haviam reduzido a nada e separado da quimera amorosa por nós forjada, nossa alma se vê, pelas exigências da auto-análise, compelida a reerguê-las, a identificá-las como seres que nos teriam amado, e neste caso, refazendo a desfeita urdidura do sonho amoroso, empresta uma sorte de sobrevida a sentimentos mortos. Sem dúvida, somos obrigados a reviver nosso próprio sofrimento com a coragem do médico que em si mesmo injeta um soro perigoso. Mas devemos ao mesmo tempo pensá-lo de um modo geral, que nos permite até certo ponto escapar-lhe à compreensão, que faz toda gente participar de nossa infelicidade e não deixa de causar algum prazer. Lá onde a vida empareda, a inteligência abre uma brecha, pois, se não há remédio para o amor não correspondido, ao menos pelas deduções de

suas conseqüências distraímo-nos da contemplação da dor. A inteligência não conhece as situações sem escapatória da vida cujos horizontes se fecharam. Assim cumpria resignar-me, visto que nada dura a não ser pela generalização e o espírito a si mesmo mente, à idéia de que até os seres mais caros ao escritor nada mais fizeram, afinal, do que posar para ele como para um pintor. Por vezes, um trecho doloroso tendo ficado apenas em esboço, uma nova afeição, um novo sofrimento nos vêm que permitem acabá-lo, enchê-lo. Não nos podemos queixar desses grandes desgostos úteis, pois não falham, nem se fazem esperar muito. Ainda assim é preciso pressa em aproveitá-los, que não duram muito; logo nos consolamos, ou, quando são muito intensos e não é dos mais sólidos o coração, morremos. Em amor, o rival feliz, ou, por outra, o inimigo, é o nosso benfeitor. A um ser que não nos provocava senão um breve desejo físico, acrescenta imediatamente um valor imenso, posição, mas que com ele confundimos. Se não tivéssemos rivais, o prazer não se transformaria em amor. Se não os tivéssemos, ou não os julgássemos ter. Pois não é necessário que existam de fato. Para nosso bem, basta a vida ilusória conferida por nossa suspicácia, por nossos ciúmes, a rivais inexistentes. A felicidade é salutar para o corpo, mas só a dor enrijece o espírito. Ainda porém que não nos revelasse a cada passo uma lei, não seria menos indispensável para nos chamar constantemente à verdade e nos obrigar a tomar tudo a sério, arrancando as ervas daninhas do hábito, do ceticismo, da leviandade, da indiferença. A verdade da dor, incomparável com a ventura, com a saúde, não o é às vezes menos com a vida. O sofrimento acaba matando. A cada novo e violento desgosto, sentimos intumescer-se mais uma veia, cuja sinuosidade mortal nos corre nas têmporas e sob os olhos. Assim se formam as terríveis faces sulcadas do velho Rembrandt, do velho Beethoven, de quem toda gente se ria. E nenhuma importância teriam as bolsas sob os olhos e as rugas da testa se não fosse a tristeza do coração. Mas já que uma força pode se transformar em outra, que se faz luz o ardor durável e energia fotográfica a eletricidade do raio, que, a cada dissabor, nossa surda dor de coração conseguirá erguer acima de si, como uma flâmula, a permanência visível de uma imagem, aceitemos, pela sabedoria espiritual que nos dá, os males físicos que nos inflige; deixemos desagregar-se nosso corpo, pois cada parcela que dele se destaca vem, já agora luminosa e inteligível, acrescentar-se à nossa obra, completando-a à custa de reveses desnecessários aos escritores mais dotados, tornando-a mais sólida à proporção que gradativamente as emoções nos minam a

existência. As idéias são sucedâneos dos desgostos; tornando-se idéias, perdem estas parte de sua ação nociva sobre o coração, e até, no primeiro instante da transformação, se desprende uma súbita alegria. Sucédâneos, aliás, só na ordem do tempo, porque o elemento primitivo parece ser a idéia, não passando os pesares de vias de penetração inicial de certas noções. Mas existem várias famílias no grupo das idéias, das quais algumas para logo se demudam em prazeres. Tais reflexões emprestavam sentido mais forte e exato à verdade por mim freqüentemente pressentida, sobretudo ao perguntar-me a sra. de Cambremer como podia eu preferir a companhia de Albertine à de um homem notável como Elstir. Mesmo do ponto de vista intelectual, eu a adivinhava enganada, mas sabia que o erro lhe provinha da ignorância das lições com as quais aprende seu ofício o homem de letras. O valor objetivo das artes é para isso de somenos valor; o que importa desvendar, tornar claro, são nossos sentimentos, nossas paixões, isto é, os sentimentos e paixões de todos. A mulher de quem não podemos prescindir nos faz sofrer, arranca-nos, como não faria nenhum homem superior que nos interessasse, toda uma gama de sentimentos profundos, vitais. Resta saber, dependendo do plano onde vivemos, se a traição nos parece menos marcante do que as verdades cuja descoberta permitiu, e que a mulher, feliz de ter feito sofrer, nem entenderia. Em todo caso, traições não faltam. O romancista pode empreender sem receio seu longo trabalho. Que a inteligência encete a tarefa, em caminho surgirão os desgostos que se encarregarão de terminá-la. Quanto à felicidade, quase só tem uma serventia, tornar possível a infelicidade. É mister atarmos na ventura laços muito doces e muito fortes de confiança e afeição, a fim de que sua ruptura nos cause o dilaceramento precioso cujo nome é infelicidade. Se não tivéssemos sido felizes, ao menos pela esperança, as desventuras, menos cruéis, permaneceriam infrutíferas. E, mais do que o pintor, a quem é necessário ver muitas igrejas para pintar uma, o escritor, se quiser alcançar o volume, a consistência, a generalidade, a realidade literária, precisa de vários seres para um só sentimento, porque se a arte é longa e breve a vida, pode-se também dizer, ao contrário, que, se é curta a inspiração, muito mais longos não são os sentimentos a exprimir. São nossas paixões que esboçam os livros, os intervalos de trégua que os escrevem. Quando a inspiração renasce e podemos retomar a tarefa, a mulher que nos servia de modelo para um sentimento já não o provoca mais em nós. Terminamos seu retrato com ajuda de outra, e, se nisso vai traição, do ponto de vista literário não são in-

convenientes essas substituições, pois, graças à identidade de nossos sentimentos, todo livro se faz simultaneamente com a recordação de amores passados e as peripécias dos atuais. É esta uma das razões da vaidade dos estudos onde se pretende adivinhar de quem fala o autor. Porque toda obra, ainda quando de confissão direta, intercala-se pelo menos entre episódios diversos da vida do narrador, os anteriores, que a inspiraram, os posteriores, que se lhes assemelham, decalcando-se pelas dos precedentes as peculiaridades dos amores mais novos. Pois nem ao ser que mais amamos somos tão fiéis como a nós mesmos, e cedo ou tarde o esquecemos, a fim de poder — visto ser esse um de nossos traços de caráter — continuar a amar. Quando muito, a este amor terá aquela que tanto amamos acrescentado um cunho particular, que nos obrigará a ser-lhe fiel até na infidelidade. Necessitamos, com sua sucessora, dos mesmos passeios matinais, a levaremos do mesmo modo todas as noites a casa, lhe daremos também dinheiro demais. (Coisa curiosa, a circulação do dinheiro gasto com mulheres que por isso nos fazem infelizes, isto é, nos permitem escrever nossos livros — pode-se quase dizer que estes, como os poços artesianos, elevam-se tanto mais quanto mais profundamente o sofrimento cavou o coração.) Tais substituições emprestam à obra algo de desinteressado, de geral, ensinando-nos austeramente a não nos prender aos seres, que não existem realmente e, por conseguinte, não são suscetíveis de expressão, e sim às idéias. É ainda mister que nos apressemos e não percamos um minuto enquanto temos os modelos a nossa disposição. Porque os que encarnam a felicidade não nos podem via de regra conceder muito tempo. Mas os seres que posam para a dor, os temos sempre longamente, no ateliê onde só entramos em determinados períodos, e que se situa dentro de nós. Esses períodos são como a imagem de nossa vida com suas diversas dores. Porque também estas contêm outras, diferentes, e quando julgávamos tudo calmo surge uma nova, nova em todos os sentidos da palavra talvez porque situações imprevistas nos forcem a entrar em contato mais íntimo com nós mesmos; os dilemas dolorosos pelo amor a todo momento formulados nos instruem, revelam-nos gradualmente a substância de que somos feitos.

Além disso, ainda se não nos fornecer, descobrindo-a para nós, a matéria de nossa obra, a dor nos servirá de incentivo. A imaginação, o pensamento serão máquinas em si mesmas admiráveis, mas podem ficar inertes. E o sofrimento as põe em movimento. Assim, quando Françoise, vendo Albertine entrar à vontade em minha casa, como um cãozinho de estimação, remexer tudo, ar-

ruinar-me, encher-me de tristeza, me dizia (já então eu fizera alguns artigos e algumas traduções): “Ah! Se em vez dessa moça que só o faz perder tempo o senhor tivesse tomado um jovem secretário bem-educado que classificasse toda a sua papelada!”, talvez eu não tivesse razão de achar-lhe sensatas as palavras. Fazendo-me perder tempo, afligindo-me, Albertine me terá sido mais útil, do ponto de vista literário, do que um secretário que me arrumasse os papéis. Quando, todavia, um ser é tão mal constituído (e, na natureza, tal ser é sem dúvida o homem) que não possa amar sem sofrer, e só na dor apreenda a verdade, torna-se-lhe muito fatigante a vida. Os anos felizes são anos perdidos, espera-se um desgosto para trabalhar. A idéia do sofrimento prévio se associa à do labor, teme-se toda obra nova, pensando nas agruras que será mister suportar antes de concebê-la. E como se compreende que o sofrimento é ainda o que de melhor se encontra na vida, chega-se a pensar sem medo, quase como numa libertação, na morte. Se, porém, tudo isso me revoltava um pouco, devia não obstante acautelá-lo, pois muitas vezes jogamos mal a nossa partida com a sorte, não aproveitamos as criaturas para os livros, antes fazemos o contrário. O caso, tão nobre, de Werther não era, ai de mim, o meu. Sem acreditar por um instante no amor de Albertine, por ela quisera vinte vezes me matar, arruinara-me, perdera a saúde. Para escrever, somos escrupulosos, examinamos tudo de perto, rejeitamos o que não é verdadeiro. Mas na vida, empobrecemo-nos, adoecemos, matando-nos por mentiras. É certo que tais mentiras são a canga de onde (se já passou a idade da poesia) podemos extrair ao menos um pouco de verdade. Os desgostos são servos obscuros, detestados, contra os quais lutamos, sob cujo domínio caímos cada vez mais, servos atrozes, insubstituíveis, que por vias subterrâneas nos conduzem à verdade e à morte. Felizes os que depararam a primeira antes da segunda, para quem, embora muito próximas uma da outra, a hora da verdade soa antes da hora da morte.

Compreendi também que os menores episódios de meu passado haviam concorrido para dar-me a lição de idealismo de que agora aproveitaria. Meus encontros com o sr. de Charlus, por exemplo, não me haviam, antes de esclarecer-me no mesmo sentido o seu germanofilismo, o melhor do que meu amor pela sra. de Guermantes ou por Albertine, e o de Saint-Loup por sua Rachel, convencido da nenhuma importância do tema, no qual o pensamento pode enxertar tudo, verdade que o fenômeno tão mal compreendido, tão inutilmente vilipendiado da inversão sexual ilumina mais do que o amor, já de si tão instrutivo; este nos mostra a beleza

fugindo à mulher que já não amamos e se fixando na face que outros acharão feia, e a nós mesmos poderia, poderá um dia desagradar; mas é ainda mais revelador vê-la, obtendo todas as homenagens de um grande senhor que por isso abandona uma linda princesa, emigrar para sob o boné de um fiscal de ônibus. Meu espanto, sempre revia, nos Campos Elísios, na rua, na praia, o rosto de Gilberte, da sra. de Guermantes, de Albertine, não provaria que a lembrança só se prolonga em direção divergente da impressão com a qual de início coincidira e da qual mais e mais se desvia? Não se ofenda o escritor de emprestar o invertido traços masculinos a suas heroínas. Só essa peculiaridade um tanto aberrante lhe permite conferir ao que lê toda a generalidade. Se o sr. de Charlus não tivesse dado as feições de Morel à “infiel” por quem Musset chora na *Nuit d’octobre* e no *Souvenir*, não teria nem também chorado, nem entendido, que só por esse caminho, estreito e escuso, tinha acesso às verdades do amor. O escritor não diz “meu leitor” senão pelo hábito contraído na linguagem insincera dos prefácios e dedicatórias. Na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo. O reconhecimento, por seu foro íntimo, do que diz o livro, é a prova da verdade deste, e vice-versa, ao menos até certo ponto, a diferença entre os dois textos devendo ser freqüentemente imputada não a quem escreveu, mas a quem leu. Além disso, o livro pode ser muito complicado, muito obscuro para o leitor ingênuo, e não lhe apresentar assim senão lentes turvas, com as quais lhe será impossível a leitura. Mas outras particularidades (como a inversão) o obrigarão a ler de tal maneira para ler bem; o autor não se deve com isso ofender, mas, ao contrário, deixar-lhe a maior liberdade, dizendo-lhe “Experimente se vê melhor com estas lentes, com aquelas, com aquelas outras”:

Se eu me interessara tanto pelos sonhos não será porque, compensando pela potência a brevidade, eles nos auxiliam a melhor perceber o que há de subjetivo, por exemplo no amor? E o conseguem pelo simples fato de — com rapidez prodigiosa — realizarem o que vulgarmente se chamaria ficar louco por uma mulher, fazendo-nos, durante alguns poucos minutos, amar apaixonadamente uma feia, o que na vida real exigiria anos de hábito, de ligação, e — caso as houvesse inventado algum médico milagroso — injeções intravenosas de amor e portanto de sofrimento; tão veloz como veio, foge a ilusão amorosa e, não raro, não apenas deixa

a amada noturna de o ser para nós reassumindo seu cediço e pouco atraente aspecto, mas desvanece-se também algo demais precioso, todo um risonho quadro de sentimentos, de ternura, de volúpia, de vagas saudades esfumadas, o *embarquement pour Cythère* de paixão de cujas nuanças nos buscamos recordar ao despertar, mas que se apaga como uma tela por demais esmaecida para ser restaurada. Pois bem, talvez sobretudo por seu estupendo jogo com o Tempo me fascinassem os Sonhos. Não vira tantas vezes numa noite, num instante de uma noite, épocas remotas, relegadas para imensas distâncias, onde quase nada lográvamos discernir dos sentimentos então experimentados, correrem a toda velocidade para nós, cegando-nos com sua claridade, como se fossem não as pálidas estrelas que supuséramos, e sim aviões gigantes, restituírem-nos tudo quanto para nós contiveram, darem-nos a emoção, o choque, a luz de sua vizinhança imediata, e, mal acordamos, de novo ganharem o recuo milagrosamente vencido, de modo a nos fazer, aliás sem razão, ver nos Sonhos um meio de recuperar o Tempo perdido?

Convencera-me de que só uma percepção grosseira e viciada coloca tudo no objeto, quando tudo está no espírito; só perdera sentimentalmente minha avó muitos meses após havê-la perdido materialmente; vira muitas pessoas mudarem de aspecto segundo as julgavam outros, serem diversas para observadores diversos (tais os vários Swann do começo deste livro, variando com os que encontrava, a princesa de Luxembourg, apreciada pelo presidente ou por mim) ou até para o mesmo, no decurso de alguns anos (as variações, em mim, do nome de Guermantes, e de Swann). Vira o amor emprestar ao objeto amado o que ao amador pertencia. Verificara melhor tudo isso quanto fizera variar e desdobrar-se ao máximo a distância entre a realidade objetiva e o amor (Rachel para Saint-Loup e para mim, Albertine para mim e para Saint-Loup, Morel ou o condutor de ônibus para de Charlus e para outros). Enfim, de certa maneira, o germanofilismo do sr. de Charlus ajudara-me, tal como o olhar de Saint-Loup para a fotografia de Albertine, a sobrepujar por um instante, senão a minha germanofobia, ao menos a crença na pura objetividade desta, a pensar que talvez nisso se assemelhassem ódio e amor, entrando, na dura sentença com que neste momento a França considera fora da humanidade a Alemanha, uma objetividade sobretudo de sentimentos, idênticos aos que tornaram Rachel e Albertine tão preciosas, aquela para Saint-Loup, esta para mim. Estava, com efeito, autorizado a não julgar a perversidade rigorosamente intrínseca à Ale-

manha porque, assim como tivera, individualmente, amores sucessivos, cujos objetos, finda à paixão, me pareciam desinteressantes, assistira, em meu país, a sucessivas explosões de ódio, a acoiarem de traidores — muito mais nefandos do que os alemães aos quais entregam a França — *dreyfusards* como, por exemplo, Reinach, com quem colaborariam hoje os patriotas, unidos contra a nação cujos filhos reputavam mentirosos, ferozes, assassinos, exceção feita dos que esposaram a causa francesa, como o rei da Romênia ou a imperatriz da Rússia. É verdade que os *antidreyfusards* redargüiriam: “Não é a mesma coisa”. Mas, evidentemente, nunca é a mesma coisa, nem a mesma pessoa; do contrário, diante de um mesmo fenômeno, quem se deixasse enganar só se poderia queixar de seu estado subjetivo, e nunca das qualidades e defeitos do objeto.

Com a maior facilidade, constrói então a inteligência uma teoria baseada em tal diferença (ensino antinatural das congregações religiosas, segundo os radicais; impossibilidade de nacionalizar-se a raça judaica, ódio perpétuo dos germanos contra os latinos, estando momentaneamente reabilitados os amarelos). Subjetividade bem marcada, aliás, nas reações dos neutros, os germanófilos, por exemplo, deixando de entender e até de ouvir se se aludia às atrocidades alemãs na Bélgica (bem reais, entretanto). O que eu notava de subjetivo no ódio e na própria visão não privava todavia o objetivo de qualidade ou defeitos, nem de modo algum diluía a realidade num puro “relativismo”. E se, após tantos anos escoados e tanto tempo perdido, reconhecia a influência capital do lago interno até nas relações internacionais, já a pressentira na mocidade, ao ler no jardim de Combray um dos romances de Bergotte que ainda hoje, se os abro ao acaso e deparo num trecho esquecido com os embustes de algum maldoso, não consigo largar sem verificar, virando uma centena de páginas, se o mau acaba devidamente humilhado e viveu bastante para ver malograrem-se seus tenebrosos planos. Porque já não me lembrava bem do que sucedera a essas personagens, nisso semelhantes, diga-se de passagem, a pelo menos algumas das pessoas que se encontravam esta tarde nos salões da sra. de Guermantes, cuja vida passada era para mim tão vaga como se a houvesse lido num romance meio esquecido.

O príncipe d’Agrigente acabara desposando a srta. X.? Ou seria o irmão da srta. X. que se deveria ter casado com a irmã do príncipe? E não haveria de minha parte confusão com alguma leitura ou sonho recente? O sonho incluía-se entre os fatos de minha

vida que mais me haviam impressionado, que me deveriam ter convencido do caráter puramente mental da realidade, de cujo auxílio eu não desdenharia na composição de minha obra. Quando, mais ou menos desinteressadamente, eu me deixava empolgar por um amor, logo algum sonho, de modo estranho, aproximava de mim, fazendo-lhes percorrer grandes distâncias de tempo perdido, minha avó, Albertine, que recomeçava a amar porque, durante o sono, ela me dera uma versão, embora atenuada, da história da lavadeira. Pensei que os sonhos me trariam assim, por vezes, verdades e impressões que só o esforço ou os encontros naturais não bastavam para fornecer-me; que acordariam em mim o desejo, a saudade de certas coisas inexistentes, condição indispensável para o trabalho, para nos subtrairmos dos hábitos e superar o concreto. Não desprezaria essa segunda musa, essa musa noturna que muitas vezes haveria de substituir a outra.

Vira nobres tornarem-se vulgares de maneiras, porque seu espírito (como por exemplo o do duque de Guermantes) era vulgar: “Você não se aperta”, costumava dizer, como diria Cottard. Na medicina, na questão Dreyfus, durante a guerra, eu vira acreditar-se que a verdade se resume numa informação possuída por ministro e médicos, num sim ou não a dispensar interpretações, como se uma chapa fotográfica bastasse para revelar o estado de um doente, como se os homens de governo soubessem Dreyfus culpado, ou (sem precisar mandar Roques verificar no local) se Sarraill dispunha ou não de recursos para marchar ao mesmo tempo que os russos. Nem uma só hora de minha vida deixou de servir para ensinar-me, como já disse, que apenas a percepção grosseira e errônea enfeixa tudo no objeto quando, ao contrário, tudo reside no espírito. Em suma, refletindo bem, a matéria de minha experiência me vinha de Swann, e não só no que lhe dizia pessoalmente respeito, ou a Gilberte. Mas fora ele quem, desde Combray, me inculcara o desejo de ir a Balbec, para onde, do contrário, nunca se lembrariam de mandar-me meus pais, e sem Balbec eu não teria conhecido Albertine. Certamente, à face desta, tal como a avistara pela primeira vez em frente ao mar, prendera eu muito do que sem dúvida escreveria. Num sentido se legitimava essa ligação, que se não tivesse ido naquele dia ao dique, se não a conhecesse, todas estas idéias não se desenvolveriam (a menos que as provocasse outra mulher). Era, por outro lado, falsa, pois o prazer gerador que nos agrada encontrar retrospectivamente num belo rosto feminino nos vem dos sentidos: inegavelmente, com efeito, as páginas que ia escrever, Albertine, sobretudo a Albertine de então, não as

teria entendido. Era porém justamente por isso (e aqui vai um conselho para não viver-se em atmosfera por demais intelectualizada), por ser muito diferente de mim, que me fecundara pelo sofrimento e, antes dele, pelo simples esforço de entender alguém tão diverso de mim. Estas páginas, se fosse capaz de compreendê-las, por isso mesmo não as teria inspirado. Mas, sem Swann, eu nem teria conhecido os Guermantes, já que minha avó não se reaproximaria da sra. de Villeparisis, nem traria com Saint-Loup e com o sr. de Charlus relações que me valeram as da duquesa de Guermantes, e através desta as de sua prima, de sorte que minha presença neste momento na casa do príncipe de Guermantes, onde me acabava de vir bruscamente a idéia de minha obra (o que me mostrava ser devedor a Swann não apenas do tema mas da decisão) prendia-se também a Swann. Pedículo talvez um pouco frágil para sustentar assim toda a extensão de minha vida. (Procedia, nesse sentido, do “caminho de Swann” o “caminho de Guermantes.”) Mas muitas vezes o autor dos sucessos de nossa vida é a mais medíocre das criaturas, muito inferior a Swann. Não teria bastado ouvir um camarada qualquer mencionar alguma prostituta bonita ali existente (que provavelmente não encontraria) para eu ir a Balbec? Pode acontecer encontrarmos, anos depois, um sujeito desagradável, cuja mão mal apertamos, de quem, se pensarmos bem, veremos ter saído toda a nossa vida e toda a nossa obra, graças a uma sugestão feita à toa, a um “você deveria ir a Balbec”. Não lhe somos reconhecidos, sem com isso nos mostrar ingratos. Porque ao pronunciar tais palavras ele nem de leve imaginara as enormes conseqüências que teriam para nós. Nossa sensibilidade e nossa inteligência souberam, por si sós, aproveitar as circunstâncias que, dado o primeiro impulso, se engendraram umas às outras, não podendo quem deu o conselho inicial prever a coabitação com Albertine e o baile a fantasia dos Guermantes. Foi sem dúvida necessário a sua instigação, e por isso dependem dele a forma exterior de nossa vida, a própria substância de nossa obra. Sem Swann, nunca ocorreria a meus pais mandar-me a Balbec. Não o responsabilizo, aliás, pelos sofrimentos que indiretamente causou. Vêm de minha fraqueza. Também a sua o fez padecer por causa de Odette. Mas, determinando assim a vida que levamos, excluiu as que em seu lugar poderíamos ter tido. Se Swann não me falasse de Balbec, eu não conheceria Albertine, a sala de jantar do hotel, os Guermantes. Teria ido alhures, visto outra gente, minha memória, como meus livros, se encheria de quadros bem diversos, que nem posso imaginar, e cuja novidade, de mim desconhecida, me seduz e

faz lamentar não a ter de preferência buscado, ignorando para sempre Albertine, a praia de Balbec, a de Rivebelle, e os Guermantes.

Bom recrutador é o ciúme, que, se há um vazio em nosso quadro, corre à rua, a buscar a bela rapariga que faltava. Já não era mais bela, volta a sê-lo por nos despertar zelos, preencherá a vaga.

Uma vez mortos, já não nos alegrará haver assim completado a tela. Mas não é desalentador esse pensamento. Porque sentimos que a vida é um pouco mais complicada do que se pretende, e também as circunstâncias. Urge patentear-se essa complexidade. O ciúme, tão útil, não nasce forçosamente de um olhar, de uma narrativa, de uma reflexão retrospectiva. Podemos topá-lo, pronto ao boote, entre as folhas de um anuário — o *Tout-Paris*, para a cidade, para o campo o *Annuaire des Châteaux*; ouvimos, distraidamente, tal beldade, que nos tornara indiferente, dizer que precisava ir passar uns dias com a irmã, no Pas-de-Calais. Suspeitamos, também vagamente, de que a cortejara outrora o sr. E., de quem se achava afastada, pois já não freqüentava o bar onde o encontrava. Que seria sua irmã? Talvez arrumadeira? Por discricção, nada indagaremos. E eis que abrindo o *Annuaire des Châteaux*, vemos que o sr. E. tem um castelo no Pas-de-Calais, perto de Dunquerque. Sem dúvida para ser agradável à rapariga, tomou-lhe a irmã para criada de quarto e, se não a encontra mais no bar, é que a recebe em casa, em Paris, onde passa quase o ano todo, e até, não podendo viver sem ela, no Pas-de-Calais. Os pincéis ébrios de fúria e de amor pintam, pintam. E se todavia nada disso fosse verdade? Se de fato o sr. E. não tivesse maiores relações com a jovem, mas, prestativo, lhe houvesse recomendado a irmã ao irmão que, este sim, habitasse sempre o Pas-de-Calais? Assim sendo, poderia suceder que ela visitasse a irmã justamente na ausência do sr. E., visto não terem maior interesse um pelo outro. A menos que a irmã não estivesse empregada nem no castelo nem em parte alguma, mas possuísse parentes no Pas-de-Calais. Nossa dor do primeiro instante cede às últimas suposições, próprias para acalmar qualquer ciúme. Mas que importa? Escondido nas páginas do *Annuaire des Châteaux*, este surgiu no momento oportuno, pois já agora se encheu o vazio da tela. A composição se equilibra graças à presença, por ele suscitada, da mulher que já não o provoca, que já não amamos.

Nesse momento, o *maître d'hôtel* veio avisar-me que, estando terminada a primeira peça do concerto, eu poderia deixar a bi-

biblioteca e entrar nos salões. Isso me lembrou onde estava. Mas de modo algum perturbou-me o raciocínio iniciado o fato de o ponto de partida para uma vida nova, que não soubera achar na solidão, me ter sido fornecido por uma reunião mundana, pela volta à sociedade. Nem o deveria estranhar, a impressão capaz de ressuscitar em mim o homem eterno não se ligando forçosamente mais ao ermo do que à companhia (como julgara outrora, como talvez então se houvesse dado, e ainda se desse, se eu me tivesse desenvolvido harmoniosamente, sem a longa parada que só agora parecia ter fim). Pois, sensível às impressões de beleza quando, a uma sensação atual, embora insignificante, se superpunha outra semelhante, que, renascendo espontânea em mim, espalhava a primeira, simultaneamente, sobre várias épocas e me enchia a alma, onde, em regra, tantos claros deixavam as sensações particulares, de uma essência geral, não haveria motivo para eu não receber sensações desse gênero tanto no seio da sociedade como no da natureza, se as fornece o acaso, auxiliado sem dúvida pela excitação peculiar aos dias fora do ritmo ordinário da vida, quando as coisas as mais simples recomeçam a nos provocar as reações pelo hábito poupadas a nosso sistema nervoso. Por que seria, justa e unicamente, esta espécie de sensação a propícia à obra de arte, eis o que tentaria verificar objetivamente, continuando as reflexões encetadas na biblioteca, pois a corrente da vida espiritual se fazia agora tão forte em mim que tanto poderia pensar no salão, entre os convidados, como a sós entre os livros; parecia-me que, neste sentido, saberia resguardar a minha solidão no meio da mais numerosa assistência. Pela mesma razão pela qual não deixará um escritor medíocre de o ser, embora viva em tempos épicos, só representará risco a sociedade caso a freqüentemos com disposições mundanas. Mas, por si mesma, ela não contribui mais para nos mediocrizar do que uma guerra heróica para tornar sublime um mau poeta. De qualquer maneira, fosse ou não teoricamente proveitoso que a obra de arte assim se formasse, e à espera de, como o faria, melhor elucidar a questão, eu não podia negar que, efetivamente, em mim as impressões realmente estéticas só surgiam no encaço de sensações deste jaez. Apesar de bastante raras em minha vida, dominavam-na, e eu encontraria no passado alguns desses cimos, que andara mal em perder de vista (o que esperava não mais fazer). E já me tranqüilizava pensar que se em mim, pela importância exclusiva que assumia, tal feitio constituía uma característica pessoal, em outros escritores aparentava-se a traços menos marcados, mas reconhecíveis, discerníveis e, no fundo, análogos. Não

é às sensações do gênero da *madeleine* que se prende a parte mais bela das *Mémoires d'outre-tombe*? “Ontem à noite passeava eu solitário... tirou-me de minhas reflexões o trinado de um tordo pousado no galho mais alto de uma bétula. Instantaneamente, esse som mágico trouxe-me aos olhos o domínio paterno; esqueci as catástrofes que acabava de testemunhar, e, transportado de súbito para o passado, reví os campos onde tantas vezes ouvira cantar o tordo.” E não será a seguinte uma das duas ou três melhores frases daquelas *Mémoires*? “Um odor fino e suave de heliotrópio se exalava de um canteiro de favas em flor; não o trazia a brisa da pátria, mas o vento selvagem da Terra-Nova, alheio à planta exilada, sem simpatia de reminiscências e de volúpia. Nesse perfume, não respirado pela beleza, não depurado em seu seio, não esparzido a sua passagem, nesse perfume carregado de aurora, de cultura e de humanidade, havia todas as melancolias das saudades, da ausência e da juventude.” Uma das obras-primas da literatura francesa, *Sylvie*, de Gérard de Nerval, encerra, tal como o volume das *Mémoires d'outre-tombe* relativo a Combourg, uma sensação do mesmo gênero que o gosto da *madeleine* e o “trinado do tordo”. Em Beaudelaire, enfim, tais reminiscências, ainda mais numerosas, são evidentemente menos fortuitas e portanto, na minha opinião, decisivas. É o próprio poeta quem, com mais requinte e indolência, busca deliberadamente, no cheiro da mulher, por exemplo, em seus cabelos e em seu seio, as analogias inspiradoras que lhe evocarão “*l'azur du ciel immense et rond*” e “*un port rempli de flammes et de mâts*”. Tentava eu lembrar-me dos poemas de Beaudelaire assim baseados numa sensação transposta, a fim de, de uma vez por todas, filiar-me a uma nobre linhagem e adquirir assim a certeza da obra sobre cujo empreendimento já não hesitava merecer os esforços que demandaria, quando, chegado ao termo da escada por onde descia da biblioteca, achei-me de repente no grande salão, em meio a uma festa que me ia parecer muito diversa de todas a que antes assistira, e se revestira para mim de aspecto particular e sentido novo. Com efeito, apenas entrei na sala principal, e não obstante já estar, a essa altura, bem firme em mim o projeto recém-formado, um *coup de théâtre* se produziu, que levantaria contra meus planos a mais séria das objeções. Haveria sem dúvida, de transpô-la, mas, enquanto prosseguia em minhas reflexões sobre as condições da obra de arte, ela iria, pelo exemplo cem vezes repetido da ponderação mais capaz de me fazer hesitar, interromper-me volta e meia as deduções. No primeiro instante, não entendi por que vacilava em reconhecer o dono da casa, os convi-

dados, por que me pareciam todos trazer a caráter as cabeças, em regra empoadas, que inteiramente os modificavam. O príncipe tinha ainda, para receber, o ar bonachão de rei de lenda, que já lhe notara da primeira vez, mas desta, como se se houvesse submetido à etiqueta imposta aos convidados, ostentava uma barba branca e arrastava aos pés, tornando-os pesados, solas de chumbo. Parecia haver-se encarregado de representar uma das “estações da vida”. Brancos exibia também os bigodes, como se se lhes colassem restos de geada da floresta do Pequeno Polegar. Incomodavam-no evidentemente a boca endurecida, e, uma vez obtido o efeito desejado, deveria tê-los tirado. Na verdade só o reconheci com a ajuda do raciocínio, chegando, pela semelhança de certos traços, à conclusão da identidade da pessoa. Não sei o que pusera no rosto o jovem Lezensac, mas, enquanto outros haviam alvejado, este a metade da barba, aquele os bigodes, ele, desdenhando de tinturas, achara jeito de cobrir a face de rugas, as sobrancelhas de pêlos eriçados, o que, aliás, não lhe assentava, dando-lhe um ar hirtto, solene, envelhecendo-o tanto que nem parecia um rapazola. Espantou-me, no mesmo momento, ouvir chamar de duque de Châtellerault um velhote de bigodes prateados de embaixador, no qual só o jeito de olhar, sempre o mesmo, permitiu-me reconhecer o moço uma vez encontrado numa visita à sra. de Villeparisis. Quando, procurando fazer abstração da fantasia e completar, num esforço de memória, os traços não disfarçados, logrei identificar a primeira pessoa, meu impulso deveria ter sido, e de fato foi, ao menos durante um segundo, felicitá-la por ter tão maravilhosamente caracterizado que, vista de relance, provocava no interlocutor a mesma hesitação experimentada, à entrada em cena de grandes atores em papéis a exigirem aspecto diferente do habitual, pelo público que, ainda alertado pelo programa, fica um instante perplexo antes de prorromper em aplausos. Desse ponto de vista, o mais extraordinário de todos era meu inimigo pessoal, o sr. d’Argencourt, o grande número da festa. Não contente de, em vez de sua própria barba, apenas grisalha, exhibir outra de espantosa alvura, lançara mão de todos os recursos para diminuir e alargar o corpo e, mais ainda, para mudar-lhe a aparência, a personalidade, para fazer do homem de cuja atitude grave, ereta, engomada, eu não me esquecia, um mendigo incapaz de infundir o menor respeito, emprestando tal veracidade à personagem de velho caduco que os membros se lhe punham a tremular e as feições lassas da fisionomia habitualmente altiva não cessavam de sorrir com aparvalhada beatitude. Levada a tal extremo, a arte do disfarce se confunde

com a da transformação. Com efeito, apesar de alguns ligeiros indícios confirmarem ser mesmo o sr. d’Argencourt que oferecia tão inenarrável e pitoresco espetáculo, precisei figurar-me em um sem-número de fases sucessivas daquele rosto, até chegar ao d’Argencourt meu conhecido que, dispondo apenas de seu corpo, conseguia parecer tão diverso de si mesmo. Mais não poderia evidentemente fazer sem matar-se; a face tão orgulhosa, o torso tão garboso se desfaziam em restos informes, a agitarem-se aqui e ali. Só me lembrando de certos sorrisos do sr. d’Argencourt, que outrora fugazmente lhe temperavam a dureza, chegava a admitir a existência, no correto *gentleman*, do germe deste riso senil de vendedor de roupas velhas. Mas, ainda emprestando ao sorriso d’Argencourt a mesma intenção antiga, a própria substância dos olhos, pelos quais a exprimia, tanto se alterara com a prodigiosa transformação da fisionomia que a expressão parecia outra, e até de outro. Tive um acesso de riso diante desse caduco sublime, tão abrandado pela humilde autocaricatura como — no sentido trágico — o barão de Charlus, paralítico e polido. Encarnando um moribundo cômico de Regnard exagerado por Labiche, o sr. d’Argencourt era tão acessível, tão afável como o sr. de Charlus no rei Lear, tirando aplicadamente o chapéu para corresponder ao cumprimento de qualquer pé-rapado. Não me ocorreu entretanto felicitá-lo pelo extraordinário espetáculo que oferecia. Não me fez calar a antiga antipatia, pois precisamente por mostrar-se muito diferente de si mesmo dava-me a ilusão de estar diante de outra pessoa, benevolente, desarmada e inofensiva tanto quanto distante, hostil e perigoso era o verdadeiro d’Argencourt. Tão diverso parecia que, contemplando essa personagem inefavelmente sorridente, ridícula e branca, esse boneco de neve a simular um general Durakine pela velhice tornado à infância, pensei que o ser humano pode sofrer metamorfoses comparáveis às de certos insetos. Tinha a impressão de ver, no mostruário instrutivo de algum museu de história natural, a evolução sofrida pelo mais ágil, mais nítido dos insetos, e não conseguia, em frente dessa mole crisálida, antes vibrátil que movediça, voltar aos sentimentos que sempre me inspirara o sr. d’Argencourt. Calei-me, não felicitei o sr. d’Argencourt pelo espetáculo que parecia alargar os limites dentro dos quais se podem operar as transformações do corpo humano. Certamente nos bastidores de um teatro ou num baile a fantasia, por polidez exageramos a dificuldade, e quase afirmamos a impossibilidade de reconhecer o mascarado. Aqui, ao contrário, o instinto me levava a dissimulá-las o mais possível, pois, sendo involuntária a

transformação, nada teriam de lisonjeiras, e afinal percebi o que não me ocorrera ao entrar neste salão: o fato de qualquer festa, mesmo íntima, a que se compareça muito depois de ter deixado de freqüentar a sociedade, e onde se encontrem algumas das pessoas conhecidas, produzir um efeito de baile a fantasia, admiravelmente organizado, mas cujas cabeças a caráter, lenta e intencionalmente preparadas, que sinceramente nos surpreendem, não se desmancham por abluções, uma vez terminada a reunião. Surpreendido pelos outros? Surpreendendo-os também, infelizmente. Pois a minha dificuldade em ajustar o nome certo às fisionomias alheias parecia partilhada pelos que me olhavam como se nunca me tivessem visto, ou tentassem evocar, pelo aspecto atual, outro bem diferente.

Ao dar este extraordinário número, sem dúvida a visão mais impressionante, no seu burlesco, que dele me ficaria, o sr. d'Argencourt conduzia-se como o ator voltando pela última vez à cena antes de o pano descer entre gargalhadas. Se já não me inspirava ressentimento era que, tendo ele readquirido a inocência da primeira idade, já nem se lembrava mais do desdém a mim votado, de ter visto o sr. de Charlus largar-me bruscamente o braço, talvez porque já nada lhe restasse de tais sentimentos, talvez porque, para chegar até nós, devessem estes passar através de refratores físicos tão deformantes que em caminho se lhes adulterava completamente o sentido, o sr. d'Argencourt podendo parecer bom por já não dispor de meios físicos para exprimir a maldade, para reprimir a perpétua e comunicativa hilaridade. Terá sido excessiva a comparação com o autor; privado que estava de alma consciente, era à maneira de trepidante boneco, de barba postiça de lã branca, que eu o via agitar-se, passear no salão tal como num teatro de fantoches ao mesmo tempo científico e filosófico, onde servia, como numa oração fúnebre ou num curso da Sorbonne, ao mesmo tempo de prova da vaidade de todas as coisas e de exemplar da história natural. Um teatro de bonecos no qual, para identificarem-se as pessoas conhecidas, seria necessário assistir-se à ação em vários planos a se desdobrarem em profundidade atrás das personagens e exigindo grande trabalho mental, pois deviam-se ver esses velhos fantoches tanto com os olhos como com a memória. Um teatro de bonecos envoltos nas cores imateriais dos anos, personificando o Tempo, o Tempo ordinariamente invisível que, para deixar de sê-lo, vive à cata de corpos e, mal os encontra, logo deles se apodera a fim de exhibir a sua lanterna mágica. Tão imaterial como outrora Golo na maçaneta da porta de meu quarto em

Combray, o recente e irreconhecível d'Argencourt era a revelação do Tempo, que tornava parcialmente visível. Nos elementos novos que lhe compunham a face e a personagem, lia-se um certo número de anos, reconhecia-se a figura simbólica da vida, não tal qual nos aparece, isto é, permanente, mas real, atmosfera tão mutável que o soberbo fidalgo nela se projeta, caricaturalmente, à noite, como um vendedor de roupas usadas.

Em alguns seres, aliás, essas mudanças, essas verdadeiras alienações não se restringiam aos domínios da história natural, e causava pasmo, ao ouvir pronunciar um nome, alguém poder apresentar não as características de uma nova espécie diversa, como o sr. d'Argencourt, mas os traços exteriores de outra pessoa. Eram sem dúvida, como no sr. d'Argencourt, possibilidades insuspeitadas pelo tempo extraídas de tal moça, mas essas possibilidades, embora fisionômicas ou corporais, pareciam ter algo de moral. Alterando-se, combinando-se de modo diverso, contraindo-se como habitualmente, porém, com maior lentidão, as feições assumem aspecto diferente e diferente significação. De sorte que, em certa mulher outrora apoucada e seca, o arredondamento das bochechas agora quase irreconhecíveis, a imprevisita curvatura do nariz, provocavam surpresa semelhante à de alguma palavra profunda e boa, alguma ação corajosa e nobre, nela inesperadas. A bondade, a ternura, antes impossíveis, tornavam-se possíveis com aquelas bochechas. Diante daquele queixo podia-se dizer o que nunca se diria diante do precedente. Todos os traços novos do rosto implicavam outros tantos do caráter; a jovem ríspida e magra adoçara-se em vasta e indulgente matrona. Não no sentido zoológico, como o sr. d'Argencourt, mas no sentido social e moral, era agora outra pessoa.

Por todos os motivos, uma recepção como esta fazia-se mais preciosa do que uma visão do passado, oferecendo-me todas as imagens sucessivas, por mim nunca vistas, que separavam o passado do presente, ou, melhor, a relação entre ambos; era o que outrora se chamava um "panorama", mas um panorama dos anos, à vista não de um monumento, mas de alguém situado fora da perspectiva deformante do Tempo.

Quanto à mulher de quem o sr. d'Argencourt fora amante, não mudara muito, *se fosse levado em conta o tempo decorrido*, isto é, seu rosto não estava demolido demais para quem se fora deformando ao longo do trajeto no abismo onde se acham, cuja direção só logramos exprimir por comparações vãs, fornecidas tão-somente pelo mundo espacial, e que, orientadas no sentido quer

da elevação, quer do comprimento ou da profundidade, apenas nos conseguem dar a perceber a existência de tão inconcebível e sensível dimensão. A necessidade de, para ligar um nome às faces, subir afetivamente o curso do tempo, forçava-me, como reação, a estabelecer em seguida em seu devido lugar os anos de que não cogitara. Desse ponto de vista, e para não me deixar iludir pela identidade aparente do espaço, o aspecto imprevisto de uma criatura como o sr. d'Argencourt constituía para mim a revelação surpreendente da realidade do milésimo, que em regra nos permanece abstrata como o aparecimento de certas árvores nánicas ou dos baobás gigantes anuncia a mudança de latitude. A vida se nos afigura então uma lanterna mágica a mostrar, nos diversos atos, a criancinha tornando-se adolescente, amadurecendo, curvando-se para a sepultura. E, sabendo contínuas as mudanças pelas quais, observados com grandes intervalos, tão diferentes se mostram esses seres, sentimos não termos, nós também, escapado à lei a cujos imperativos eles se transformaram tanto que sem deixarem de existir — justamente por não terem deixado de existir — já não possuem a menor semelhança com o que outrora foram.

Uma jovem que eu conhecera antes, agora de cabelos brancos, reduzida a velha feiticeira, parecia evidenciar a necessidade de, na alegoria final da peça, mascararem-se todos de modo a se tornarem irreconhecíveis. Mas seu irmão continuava tão aprumado, tão igual a si mesmo que espantava ver-lhe, na fisionomia moça, tingidos de branco os retorcidos bigodes. Os trechos brancos de neve nas barbas até então inteiramente negras tornavam a paisagem humana desta recepção melancólica como as primeiras folhas amarelas das árvores, quando, supondo ter ainda diante de nós um longo verão e contando aproveitá-lo, vemos que já chega o outono. Eu sobretudo, que desde a infância só vivia do momento presente e formara de mim e dos outros uma impressão definitiva, apercebia-me afinal, diante das metamorfoses sofridas pelos outros, do tempo sobre eles decorrido, revelação perturbadora, pois significava que também para mim passara. Indiferente em si mesma, sua velhice me desolava, indício que era da aproximação da minha. Esta foi, aliás, estrondosamente proclamada, em frases que, uma sobre as outras, me ressoaram aos ouvidos como as trombetas do Juízo Final. A primeira, pronunciou-a a duquesa de Guermantes; acabava de avistá-la, entre duas filas de curiosos que, gestionados pelos maravilhosos artifícios de *toilette* e de estética, se deixavam comover pela cabeça fulva, pelo colo cor de salmão a emergir, apertado por colares, de aladas rendas negras, contem-

plando-lhe as linhas hereditariamente sinuosas como se fossem as de um peixe sagrado, cintilante de gemas, no qual encarnasse o gênio protetor da família Guermantes. “Ah!”, exclamou, “que prazer de ver o meu mais velho amigo!” Em minha vaidade de rapaz de Combray, que nunca sonhara incluir-se entre seus amigos, participar realmente da vida misteriosa dos Guermantes, como o sr. de Bréauté, como o sr. de Forrestille, como Swann, como tantos outros já falecidos, eu deveria sentir-me lisonjeado, mas fiquei antes triste. “Seu mais velho amigo”, pensei, “está exagerando; talvez seja dos mais antigos, mas estarei...” Nesse momento acercou-se de mim um sobrinho do príncipe: “O senhor que é um velho parisiense”, disse-me. Logo a seguir entregaram-me um bilhete. Eu encontrara, ao chegar, um rapaz de nome Létourville, cujo parentesco com a duquesa não sabia exatamente qual fosse, mas que me conhecia ligeiramente. Acabava de sair Saint-Cyr, e, imaginando que poderia vir a ser para mim um bom camarada, como Saint-Loup, capaz de iniciar-me nas mudanças operadas no exército, prometi procurá-lo mais tarde, a fim de combinarmos jantar juntos, o que muito me agradeceu. Mas demorei-me muito a devanear na biblioteca, e ele me deixara um recado, avisando-me de que não me pudera esperar, mandando-me seu endereço. A cartinha do suposto camarada terminava assim: “Com todo o respeito de seu jovem amigo Létourville”. “Jovem amigo!” Assim escrevia eu antigamente às pessoas trinta anos mais velhas, a Legrandin, por exemplo. Qual! esse tenentezinho em quem eu antevia um companheiro como Saint-Loup se dizia meu jovem amigo! Mas então não haviam mudado apenas os métodos militares, e para Létourville eu era não um camarada, mas um senhor idoso, e de Létourville, cujo camarada eu, tal como me via, cuidara poder ser, me separava a invisível abertura de um compasso no qual nunca pensara, que me situava tão longe do juvenil segundo-tenente que para este, “meu jovem amigo” como se dizia, eu era um velho!

Logo depois, falando alguém de Bloch, indaguei se se referia ao moço ou ao pai (cuja morte, durante a guerra, atribuída ao choque de ver a França invadida, eu ignorava). “Não sabia que tivesse filhos nem mesmo que fosse casado”, observou a duquesa. “Mas trata-se evidentemente do pai, pois já é bem maduro. Poderia ter filhos adultos”, acrescentou a rir. Compreendi então que aludiam ao meu amigo. Este chegou, aliás, daí a pouco. Custei a reconhecê-lo. Adotara, diga-se de passagem, não o pseudônimo, mas o nome de Jacques du Rozier, sob o qual só mesmo o faro de meu avô descobriria o doce vale do Hebron e as cadeias de Israel, que Bloch

parecia haver definitivamente rompido. Uma elegância britânica lhe modificara, com efeito, inteiramente a silhueta, aplainando tudo quanto podia ser apagado. Os cabelos antes crespos, agora lisos e repartidos ao meio, brilhavam de cosmético. O nariz continuava vermelho, mas como se o congestionasse um resfriado permanente, que explicava o anasalado das frases vagarosas, pois encontrara não só um penteado adaptado a seu tipo, mas ainda uma voz apropriada a sua pronúncia, na qual o fanhoso de outrora assumia o tom característico do desdém e se harmonizava com as asas inflamadas do nariz. Graças ao penteado, à supressão do bigode, ao donaire da atitude, à força de vontade, o nariz judaico se disfarçava, como parece quase esticado um corcunda bem posto. Mas, sobretudo, apenas Bloch surgia, logo se lhe notava o monóculo prestigioso a alterar a significação da fisionomia. A parte mecânica que introduzia naquela face a dispensava dos deveres difíceis aos quais se submete toda face humana, dever de ser bela, de exprimir inteligência, benevolência, atenção. Bastava a presença do monóculo para ninguém indagar se Bloch era ou não bonito, como, numa loja, diante das mercadorias inglesas que o caixeiro assegura serem a última moda, não se ousa discutir se agradam ou não. Por outro lado, ele se instalava tão arrogante, distante e confortavelmente atrás desse vidro como se se tratasse da vidraça de um carro de luxo, e, para se harmonizarem com os cabelos lisos e o monóculo, suas feições se faziam impassíveis. Vi superporem-se em seu semblante aquele ar débil e opinativo, aquele fraco balancear de cabeça, tão limitado, nos quais eu veria a doura fadiga dos velhos se, ao mesmo tempo, não reconhecesse meu amigo e não lhe emprestassem minhas reminiscências a vivacidade juvenil e ininterrupta que já não parecia possuir. Para mim, que o conhecera no limiar da vida, continuava um contemporâneo, um adolescente cuja mocidade eu media pela que, deslembado de ter desde então vivido, inconscientemente me atribuía. Ouvindo dizê-lo muito bem conservado para sua idade, espantou-me notar-lhe na fisionomia alguns dos sinais que caracterizam de preferência os velhos. Compreendi, diante disso, que de fato o era, e que, com os adolescentes cuja existência se prolonga, a vida fabrica seus velhos.

Como alguém, sabendo-me fraco, perguntasse se não receava apanhar a gripe que então grassava, um bondoso tranqüilizou-me, explicando: “Não, o contágio é mais perigoso para os moços, a gente de sua idade não corre grande risco”. E garantiram-me que os criados me haviam reconhecido. Segredavam entre si meu no-

me, “na sua linguagem”, contou uma senhora que os surpreendera a dizer: “Chegou *le Père...*” (a essa expressão seguia-se meu nome. E, não tendo filhos, só à minha idade se poderia ela referir).

Ouvindo a duquesa de Guermantes exclamar: “Como, se conheci o marechal? Pois se conheci gente muito mais representativa, a duquesa de Galliera, Pauline de Périgord, monsenhor Dupanloup”, lamentei não haver também alcançado o que ela chamava de restos do antigo regime. Deveria ter pensado que se chama de antigo regime aquele de que só se conheceu o fim; assim é que o que divisamos no horizonte assume uma grandiosidade misteriosa e nos parece limitar um mundo inatingível; entretanto avançamos e breve nos achamos, por nossa vez, no horizonte para as gerações posteriores; o horizonte recua, porém, e o mundo que parecia acabado recomeça. “Ainda vi, mocinha”, acrescentou a sra. de Guermantes, “a duquesa de Dino. Ora, já não tenho 25 anos.” Contrariaram-me suas últimas palavras. Não as deveria ter dito, pareciam de mulher velha. “Mas você está sempre o mesmo, pode-se garantir que não mudou nada”, observou dirigindo-se a mim e me magoando mais do que se me achasse diferente, pois, se lhe parecia extraordinário eu me ter conservado mais ou menos como antes, era que muito tempo se passara. “Meu amigo”, continuou, “você é espantoso, sempre moço”, expressão melancólica visto que só tem sentido se estivermos, de fato senão na aparência, velhos. E deu-me o último golpe ao acrescentar: “Sempre lamentei que não se tivesse casado. Mas, no fundo, talvez tenha feito bem. Seus filhos estariam em idade militar, e se morressem, como o pobre Robert de Saint-Loup (penso tanto nele), sensível como é, não lhe sobreviveria”. Pude contemplar-me, primeiro espelho fiel que se me deparava, nos olhos dos velhos que a meu exemplo se acreditavam jovens; os quais, quando, certo de ser desmentido, eu me proclamava velho, não mostravam, nos olhos que me viam, não como a si mesmos se viam, mas como eu os via, o menor protesto. Porque não verificamos nosso próprio aspecto, nossa própria idade, mas cada um, como um espelho, refletia os dos outros. Talvez, descobrindo-se envelhecidos, poucos sofressem tanto quanto eu. Mas, em primeiro lugar, acontece com a velhice como com a morte, certas pessoas as encaram com indiferença, não por serem corajosas, mas por terem menos imaginação. Além disso, o homem que desde a infância visa ao mesmo ideal, para quem a indolência e a má saúde, adiadoras das realizações, anulam todas as noites o dia passado à toa e a doença do mesmo passo apressa a usura do corpo e retarda a do espírito quando percebe não ter ces-

sado de viver no Tempo surpreende-se e perturba-se mais do que quem, menos ensimesmado, se rege pelo calendário e não descobre de repente o total dos anos, cuja soma, ao contrário, fora gradativamente fazendo. Mas uma razão mais grave explicava minha angústia; eu verificava essa ação destrutiva do Tempo precisamente quando me propunha a evidenciar, intelectualizar numa obra de arte as realidades extratemporais.

Em alguns seres, a substituição lenta, mas operada na minha ausência, de cada célula por outras trouxera mudança tão completa, tão radical metamorfose que eu poderia jantar cem vezes de frente deles num restaurante sem supeitar os haver jamais conhecido, como não adivinharia a majestade de um soberano incógnito ou o vício de um estranho. Já não será exata a comparação no caso de me ser revelada a identidade destes, pois nada me impediria de acreditar um rei ou um criminoso o homem sentado a minha frente, mas, quanto àqueles, tendo-os conhecido, ou, melhor, tendo conhecido indivíduos desse nome, não podia admitir que fossem os mesmos, tão diferentes estavam. Todavia, tal qual faria ao aceitar a idéia da majestade ou do vício, que não tardaria conferir ao desconhecido (com o qual, na ignorância de sua verdadeira personalidade, cometeria facilmente a gafe de ser insolente ou amável) algo de distinto ou de supeito, eu me aplicava em introduzir na fisionomia da desconhecida, inteiramente desconhecida, a noção de que era a sra. Sazerat¹, e lograva afinal restabelecer o sentido outrora familiar dessa face, que me permaneceria alheio a ponto de fazê-la parecer outra mulher, tão despida de atributos humanos como um homem transformado em macaco, se o nome e a afirmação da identidade não me pusessem, apesar das dificuldades do problema, no caminho da solução. Por vezes, entretanto, a antiga imagem renascia bastante precisa para permitir-me tentar o confronto; e, como uma testemunha levada à presença do acusado que vira, eu me sentia forçado, tão grande era a diferença, a confessar: “Não, não o reconheço”.

Uma jovem perguntou-me: “Quer ir jantar comigo num restaurante?”. E, respondendo eu: “Se não achar comprometedor a companhia de um rapaz”, todos se puseram a rir, de tal forma que acrescentei: “Ou de um velho”. A frase causadora da hilaridade era, logo o percebi, das que teria a meu respeito minha mãe,

¹ Não deveria estar a sra. Sazerat na recepção da princesa de Guermantes, por ter nesse mesmo dia convidado para um chá a mãe do narrador, como visto anteriormente. (N. do T.)

para quem eu não deixara de ser um menino. Eu me colocava, portanto, para julgar-me, em seu ponto de vista. Se acabara por, a seu exemplo, registrar as alterações por mim sofridas desde a primeira infância, é que já se faziam muito antigas. Detivera-me naquele de quem se podia dizer, antecipando um pouco: “É quase um rapaz”. Assim me imaginava ainda, já agora com imenso atraso. Não me dera conta de minha mudança. E, afinal, onde a verificavam os que tanto se riam? Não tinha um fio branco, meu bigode era preto. Desejaria indagar-lhes como se patenteava a coisa horrível. E então compreendi que a velhice — de todas as realidades, talvez aquela da qual conservemos até mais tarde uma idéia puramente abstrata, consultando calendários, datando cartas, assistindo a casamentos de amigos, de filhos de amigos, sem entender, por medo ou preguiça, a significação de tudo isso, até avisarmos um belo dia uma silhueta estranha, como a do sr. d’Argencourt, que nos revela estarmos vivendo em mundo novo; até vermos o neto de uma de nossas contemporâneas, a quem instintivamente tratáramos como um camarada, sorrir como se estivéssemos caçoando, lembrando-nos que poderíamos ser seu avô; compenetrei-me afinal do que significavam a morte, o amor, os prazeres do espírito, a utilidade da dor, a vocação. Porque se os nomes haviam para mim perdido a individualidade, as palavras me desvendavam todo o seu sentido. A beleza das imagens se situa por detrás das coisas, a das idéias na frente. De sorte que a primeira cessa de nos maravilhar quando atingimos estas, mas só compreendemos a segunda quando as ultrapassamos.

Ora, a todas essas reflexões, a cruel descoberta que acabava de fazer acerca do Tempo decorrido não poderia senão somar-se, contribuindo para a própria substância de meu livro. Tendo decidido que esta constituiria unicamente de impressões de fato completas — as situadas fora do Tempo — força me seria destacar, entre as verdades nas quais as encastoeira, as relativas ao Tempo, ao Tempo onde mergulham e se alteram os homens, as sociedades, as nações. E não levaria em conta tão-somente as modificações externas das criaturas, de que não me faltavam exemplos, pois, enquanto pensava em minha obra, já com impulso suficiente para não ser prejudicada por distrações passageiras, continuava a cumprimmentar os conhecidos, a dar-lhes dois dedos de prosa. O envelhecimento, aliás, não se evidenciava em todos do mesmo modo. Ouvi alguém perguntando meu nome, soube ser o sr. de Cambremer. Para mostrar que me reconhecia, indagou: “Ainda tem seus acessos de asma?”, acentuando, diante de minha resposta afirma-

tiva: “Veja que não impedem a longevidade”, como se eu fosse indubitavelmente centenário. Eu lhe falava com os olhos pregados nos dois ou três traços suscetíveis de enquadrarem-se mentalmente na síntese de recordações — da qual divergia todo o resto — que em mim correspondia a sua pessoa. Mas logo virou ligeiramente a cabeça. Vi então o que o tornava irreconhecível: enormes bolsas vermelhas nas faces, impedindo-o de abrir francamente os olhos e a boca; fiquei perplexo, sem ousar fixar essas espécies de antrazes, aos quais seria mais polido deixá-lo aludir em primeiro lugar. E como, doente corajoso, nem se queixasse de seu mal, e risse, temi dar prova de insensibilidade não perguntando o que tinha, e de falta de tato perguntando. “Com a idade não se espaçaram?”, interrogou, continuando a ocupar-se de minhas sufocações. Disse-lhe que não. “Ah! pois minha irmã tem melhorado muito”, acrescentou em tom de contradita, como se meu caso não pudesse ser diverso do de sua irmã, e a idade fosse um remédio que, tendo feito bem à sra. de Gaucourt, me devesse forçosamente ser benéfico. A sra. de Cambremer-Legrandin, tendo-se aproximado, aumentou meu receio de parecer indiferente não deplorando o que notara no rosto de seu marido, sem contudo ousar fazê-lo. “Está gostando de vê-lo?”, indagou. “Ele vai bem?”, repliquei de maneira indecisa. “Felizmente, como deve ter verificado.” Nem percebera o mal que me ofuscava, e não era senão uma das máscaras do Tempo, por este aplicada à face do marquês, pouco a pouco, porém, e tornando-a vultuosa tão lentamente que escapara à marquesa. Quando o sr. de Cambremer acabou de inteirar-se de minha asma, chegou a minha vez de informar-me discretamente junto de alguém se ainda vivia a mãe do marquês. Vivia. Na apreciação do tempo passado, só custa o primeiro passo. É difícil, antes, imaginar tanto tempo decorrido, depois, aceitar que não se haja passado ainda mais. Causa espanto, a princípio, ser tão longínquo o século XIII, mais tarde existem tantas igrejas daquela época, entretanto inúmeras na França. Em poucos instantes operara-se em mim o trabalho mais vagarosamente realizado em quem, tendo hesitado em considerar sexagenária uma pessoa que conhecera jovem, não chega a capacitar-se, após três lustros, de que ainda viva e não conte mais de 75 anos. Perguntei ao sr. de Cambremer como ia sua mãe. “Sempre admirável”, retrucou, usando um adjetivo que, por oposição às tribos onde reina a impiedade para com os pais idosos, se aplica em certas famílias aos macróbios, nos quais o exercício de faculdades físicas, como ouvir bem, ir à missa a pé e suportar com insensibilidade os lutos impregna-se, aos olhos dos filhos, de extraordinária beleza moral.

Se pela pintura algumas mulheres confessavam a velhice, esta se patenteava, ao contrário, pela ausência de artifícios nos homens em cujos rostos eu não a notara expressamente, e que entretanto pareciam mudados porque, desesperando de agradar, já não se enfeitavam. Era o caso de Legrandin. A supressão do róseo, que eu nunca supusera artificial, das faces e dos lábios, conferia-lhe à fisionomia uma tonalidade acinzentada e aos traços comprimidos e tristonhos a precisão escultural e lapidar dos de um deus egípcio. Um deus! Antes um fantasma. Perdera o ânimo não só de pintar-se, como de sorrir, de dar brilho ao olhar, de dizer frases engenhosas. Espantava vê-lo tão pálido, tão abatido, não pronunciando senão raras palavras, insignificantes como as dos mortos que se evocam. Como diante da mediocridade do espírito de um homem em vida brilhante, ao qual as perguntas do médium se prestariam entretanto a respostas chistosas, eu procurava descobrir o que o impedia de mostrar-se insinuante, eloqüente, agradável. Afinal entendi que a causa da substituição do Legrandin colorido e rápido por seu pálido e triste fantasma fora a velhice. Em certos homens nem estavam ainda brancos os cabelos. Reconheci, vendo-o dar um recado a seu amo, o velho criado de quarto do príncipe de Guermantes. Os pêlos duros que lhe eriçavam as faces e o crânio continuavam de um ruivo tirante a rosa, e não se podia suspeitá-lo de tingi-los como a duquesa de Guermantes. Nem por isso parecia mais moço. Provava apenas a existência, entre os homens, de espécies que, como os musgos, os líquens e tantos outros no reino vegetal, não se alteram com a aproximação do inverno.

Em outros convidados, de semblantes ainda intatos, a idade se marcava de modo diverso; só na marcha mostravam-se incertos; pareciam a princípio sofrer de alguma doença nas pernas, e só depois se percebia ter sido a velhice que lhes pregara solas de chumbo. A alguns embelezava a idade, como ao príncipe d'Agriente. Ao homem alto, magro, de olhar inexpressivo e cabelos condenados a perene vermelhidão, sucedera, numa metamorfose análoga à dos insetos, um velho cuja cabeleira ruiva, como um pano de mesa muito usado, fora substituída por outra branca. O peito ganhara uma corpulência imprevista, robusta, quase bélica, que deve ter violentamente rompido a frágil crisálida de outrora; uma gravidade autoconsciente banhava os olhos onde se lia uma benevolência nova, a todos estendida. E como, a despeito de tudo, uma vaga semelhança subsistia entre o potente príncipe atual e o retrato conservado por minha memória, admirou-me a força original de renovação do tempo que, respeitando embora a unidade do ser

e as leis da vida, sabe assim mudar o cenário e introduzir contrastes ousados em dois aspectos sucessivos das mesmas personagens, pois muitos dos presentes eu identifiquei imediatamente, mas como retratos infíeis reunidos numa exposição, onde um artista inenxato e malévolos houvesse endurecido as feições de um, privado esta da frescura da pele ou da flexibilidade do talhe, tornado sombrio o olhar daquele. Comparando essas imagens com as que me guardavam os olhos da memória, preferia as antigas. Tal como muitas vezes achamos pior e recusamos uma das fotografias que um amigo nos dá para escolher. A cada um, ante a figura que agora exhibia, eu desejaria dizer: “Não, não quero esta, você não está bem nela, não parece sua”. Não ousaria acrescentar: “Em vez de seu lindo nariz reto, puseram-lhe o nariz adunco de seu pai, que você nunca teve”. Era com efeito um nariz novo e familiar. Breve, o artista Tempo interpretara todos esses modelos de modo a torná-los reconhecíveis, mas não parecidos, não que os embelezasse, mas porque os envelhecera. Esse artista trabalha, aliás, muito lentamente. Assim a réplica de Odette, cujo esboço, no dia em que vi Bergotte pela primeira vez, vislumbrara no rosto de Gilberte, o Tempo, tal um pintor que retivesse longamente a obra e aos poucos a completasse, levava-o afinal à perfeita semelhança, como breve se verá. A muitos, eu não reconhecia só, revia exatamente como foram; Ski, por exemplo, tão pouco mudado como uma flor ou uma fruta seca, tipo acabado de “celibatário da arte” a envelhecer inútil e insatisfeito. Confirmando minhas teorias artísticas, era um ensaio informe. Outros o imitavam, embora não fossem diletantes; mundanos sem interesse por coisa alguma, também a eles não amadurecera a velhice e, mesmo envolto no primeiro círculo de rugas e no arco de cabelos brancos, seu rosto corado e redondo conservava a leveza descuidada dos dezoito anos. Não eram velhos, mas rapazolas extremamente gastos. Muito pouco bastaria para apagar essa usura da vida, e a morte lhes restituiria ao semblante a mocidade tão facilmente como se limpa um quadro do qual só uma camada de poeira empanava o brilho. Pensei então na ilusão de que somos vítimas quando, ouvindo falar de algum velho célebre, de antemão confiamos em sua bondade, em sua justiça, na doçura de sua alma; pois sentia que haviam sido, quarenta anos antes, moços terríveis, cuja vaidade, doblez, arrogância e manhas, nada permitia supor não houvessem conservado.

E entretanto, em completo contraste com estes, tive a surpresa de conversar com homens e mulheres outrora insuportáveis, que haviam perdido quase todos os seus defeitos, talvez porque a vi-

da, frustrando-lhes ou realizando-lhes os desejos, lhes tivesse anulado a pretensão ou a amargura. Um casamento rico, tornando desnecessária a luta ou a ostentação, a própria influência da esposa, o conhecimento lentamente adquirido de valores diversos daqueles em que exclusivamente acreditavam na mocidade frívola, tudo isso lhes suavizara o caráter e permitira demonstrar as qualidades. Envelhecendo, pareciam ganhar uma personalidade nova, como as árvores às quais o outono, alterando as cores, parece mudar a essência. Neles a velhice se manifestava realmente, mas como uma coisa moral (que antes não possuíam). Em outros era sobretudo física, e tão nova que a pessoa — a sra. de Souvré, por exemplo — se me afigurava ao mesmo tempo conhecida e desconhecida. Desconhecida porque me era impossível supor que fosse ela, e, malgrado meu, não pude disfarçar, correspondendo ao seu cumprimento, o trabalho de espírito que me fazia hesitar entre três ou quatro senhoras — nas quais não incluía a sra. de Souvré — para saber a quem saudava, aliás com efusão que a deve ter espantado, pois, receoso de mostrar-me frio para com alguma amiga íntima, compensara a indecisão do olhar pelo calor do aperto de mão e do sorriso. Mas, por outro lado, não me era desconhecido seu recente aspecto. Vira-o muitas vezes em minha vida, em damas idosas e corpulentas, sem então suspeitar de que, muitos anos antes, tivessem sido parecidas com a sra. de Souvré. Aspecto tão diferente do antigo que se diria haver ela sido condenada, como uma personagem de conto de fada, a surgir sob a aparência, primeiro de uma jovem, depois de espessa matrona, e sem dúvida mais tarde de uma anciã trêmula e curva. Simulava, como uma nadadora cansada a avistar ao longe a margem, afastar penosamente as ondas do tempo que a submergiam. Após contemplar-lhe detidamente a fisionomia hesitante, incerta como a memória infiel, incapaz de reter as formas antigas, logrei todavia descobrir restos destas, graças ao jogo que consistia na eliminação dos quadrados e hexágonos pela idade apostos a suas faces. Não misturara, aliás, esta apenas figuras geométricas aos rostos femininos. No da duquesa de Guermantes, semelhante a si mesma, e não obstante agora heterogênea como um *nougat*, distinguíam-se estrias azinhavradas, um pedacinho de concha rósea pulverizada, uma excrescência indefinível, menor do que uma baga de *gui* e menos transparente do que uma pérola de vidro.

Logo se verificava não ser devido a nenhum acidente de carro, mas a um ataque, o coxear de alguns homens que já tinham, como se diz, um pé na sepultura. Da sua, entreaberta, certas mu-

lheres meio paralíticas, como a sra. de Franquetot, pareciam não poder soltar inteiramente os vestidos presos na lápide, e, incapazes de aprumar-se, infletidas, de cabeça baixa, descreviam uma curva que era de fato sua posição atual entre a vida e a morte, à espera da queda final. Nada impediria o movimento da parábola que as arrebatava, elas tremiam se tentavam erguer-se, e seus dedos já não conseguiam segurar coisa alguma.

Embuçados nas cãs, alguns semblantes já tinham a rigidez, as pálpebras cerradas dos moribundos, e os lábios, agitados por perpétuo tremor, pareciam murmurar as orações dos agonizantes.

A um rosto linearmente o mesmo, bastava, para fazer-se outro, a substituição dos cabelos negros ou louros por brancos. Os encarregados das caracterizações nos teatros sabem uma peruca empoadada suficiente para disfarçar e tornar irreconhecível um ator. O jovem marquês de Beausergent, que eu conhecera segundo-tenente no camarote da sra. de Cambremer, na noite em que a sra. de Guermantes estava com a prima, conservada, talvez acrescida, a regularidade dos traços, a rigidez fisiológica da arteriosclerose exagerando a retidão impassível daquela fisionomia de dândi, emprestando-lhe às feições a nitidez intensa, quase caricatural à força de imobilidade, dos estudos de Mantegna ou de Michelângelo. Sua tez, outrora de vivo tom avermelhado, cobria-se agora de solene palidez; os pêlos prateados, a gordura discreta, o nobre ar de doge, a fadiga sonolenta, tudo nele concorria para dar uma impressão nova de majestade fatal. No lugar do retângulo de barba loura ajustara-se tão perfeitamente outro de fios brancos que, notando os cinco galões do antigo segundo-tenente, meu impulso foi felicitá-lo, não por ter sido promovido, mas por estar tão à vontade na fantasia de coronel, para a qual certamente pedira emprestados o uniforme e a atitude grave e triste do oficial superior que fora seu pai. Em outro, também a barba branca sucedera à loura, mas como o rosto permanecia vivo, sorridente e jovem, só lhe conferia maior colorido e realce, aumentando o brilho dos olhos, dando ao mundano sempre moço uma expressão inspirada de profeta. A transformação que os cabelos brancos e outros semelhantes haviam operado, sobretudo nas mulheres, afetar-me-ia menos se atingisse apenas a cor, o que pode ser agradável à vista, e não a pessoa, o que desorienta o espírito. Com efeito, “reconhecer” alguém e, mais ainda, identificá-lo sem ter logrado reconhecê-lo, é pensar duas coisas contraditórias com uma só denominação, é admitir que já não exista o ser conhecido, e sim outro, desconhecido, é entrever um mistério quase tão perturbador como o da morte, do qual é, aliás,

o prefácio e o anúncio. Pois essas mudanças, eu sabia o que significavam, a que serviriam de prelúdio. Por isso, somando-se a tantas outras alterações, a alvura da cabeleira impressionava nas mulheres. Diziam-me um nome, e pasmava-me vê-lo aplicar-se tanto à loura valsista que eu conhecera outrora quanto à pesada senhora encanecida que se arrastava a mim. Com certo tom róseo da pele, esse nome era talvez a única ligação entre as duas mulheres — a da memória e a da recepção da princesa de Guermantes — mais opostas do que uma ingênua e uma velhota de comédia. Para a vida chegar a dar à dançarina esta vasta corpulência, para conseguir, como um metrônomo, retardar seus canhestros movimentos, para, conservando como único elemento constante as faces — sem dúvida mais cheias agora, porém já arroxeadas desde a mocidade —, substituir à loura tão leve este velho marechal ventripotente, deve-lhe ter sido necessário realizar mais destruições e reconstruções do que para colocar uma cúpula no lugar de uma flecha, e, quando se pensava que tal trabalho se operara, não em matéria inerte, mas numa carne cujas modificações só se fazem insensivelmente, o espantoso contraste entre a aparição presente e a criatura da qual eu me lembrava fazia esta recuar para um passado mais que remoto, quase inverossímil. Custava-se a reunir os dois aspectos, a designar pelo mesmo nome as duas pessoas; porque, assim como é difícil representar-se vivo um morto, ou morto um vivo, também o é, quase tanto, e do mesmo modo (a destruição da juventude, de um ser alado e vigoroso sendo o primeiro passo para o nada) conceber velha a que foi moça, quando o aspecto da anciã, justaposto ao da jovem, de tal forma o repele que, cada uma por sua vez, a velha, a moça, novamente a velha, parecem figuras de sonho, e não se acreditaria que isto pudesse jamais ter sido aquilo, que a matéria daquilo se tivesse, sem refugiar-se alhures, tornado isto graças às sábias manipulações do tempo, que seja a mesma substância, e do mesmo corpo — se não se possuisse a prova do nome igual e o testemunho afirmativo dos amigos, aos quais só conferem relativa aparência de verdade as rosáceas das faces, outrora disfarçadas pelo ouro das espigas, hoje estateladas sob a neve. Horrorizava imaginar os períodos decorridos antes de cumprir-se tal revolução na geologia daquele rosto, verificar a erosão ao longo do nariz, as massas aluvionais, opacas e refratárias, acumuladas nas bordas das faces, deformando o oval. Eu sempre considerara o indivíduo humano como um polipeiro; onde o olho, organismo independente apesar de associado, não espera ordens da inteligência para piscar à passagem de um grão de poeira, mais

ainda, onde o intestino, parasita enterrado, se infecta sem ciência da inteligência; e, paralelamente, a alma se me afigurara, na duração da vida, como uma série de eus, unidos mas distintos, a morrerem uns após outros, ou mesmo a se alternarem, como os que, em Combray, se substituíam em mim quando a noite chegava. Mas percebera também que as células componentes de um ser duram mais do que ele. Vira os vícios, a coragem dos Guermantes ressurgirem em Saint-Loup, tanto quanto seus próprios defeitos, estranhos e efêmeros, ou o semitismo de Swann. Dava-se o mesmo com Bloch. Depois da morte do pai, só os arraigados sentimentos de família, freqüentes nos judeus, como a convicção de que fora um homem a todos superior, deram a seu amor por ele a forma de um culto. Não pudera suportar a idéia de sua perda, e tivera de recolher-se durante um ano a um sanatório. Respondera a minhas condolências em tom a um tempo profundamente sentido e quase altivo, tanto se julgava digno de inveja por ter privado com pessoa de tal porte, cujo carro de dois cavalos gostaria de doar a algum museu histórico. E agora, na mesa familiar (porque, ao contrário do que supunha a duquesa de Guermantes, estava casado), a mesma cólera que animara o pai contra Nissim Bernard o impelia contra o sogro. As explosões eram idênticas. Assim como, ouvindo as palavras de Cottard, Brichtot e tantos outros eu sentira que, pela cultura e pela moda, uma única ondulação propaga em toda a extensão do espaço as mesmas maneiras de falar, de pensar assim também, em toda a duração do tempo, imensos vagalhões trazem das profundezas das idades, através de gerações superpostas, as mesmas cóleras, as mesmas tristezas, os mesmos arrojios, as mesmas manias, cada corte, operado em níveis diferentes da mesma série, mostrando, projetada em telas sucessivas, a repetição de um quadro idêntico, embora muitas vezes insignificante, como aquele em que igualmente se defrontavam, Bloch e o sogro, Bloch pai e Nissim Bernard, e tantos outros por mim ignorados.

Havia homens cujo parentesco com outros eu conhecia sem lhes haver jamais notado uma só feição comum; admirando o velho eremita encanecido que se tornara Legrandin, de súbito verifiquei-lhe, posso dizer descobri-lhe, com satisfação de zoólogo, nos malares, a forma dos de seu jovem sobrinho Léonor de Cambremer, que entretanto não se lhe assemelhava; a esse primeiro traço comum acrescentei outro ainda não observado, depois mais outros, não incluídos nos que habitualmente me oferecia a síntese de sua mocidade, de sorte que em breve obtive dele como uma caricatura, mais verdadeira, mais reveladora do que se fosse literal-

mente parecida; o tio se me afigurava agora o jovem Cambremer, assumindo, por brincadeira, a aparência do velho que de fato um dia seria e, assim, o que com tanto vigor me desvendava a sensação do Tempo já não era apenas a transformação dos moços de outrora, mas também a que aguardava os de hoje.

As mulheres procuravam manter o que constituíra o cunho mais pessoal de sua sedução, ao qual não se ajustava porém, na maioria dos casos, a nova substância dos rostos. As feições onde se gravara, senão a mocidade, pelo menos a beleza, tendo em quase todas desaparecido, elas tentavam, com o que lhes restava, fabricar faces diferentes. Deslocando, nas próprias fisionomias, o centro, não de gravidade, mas de perspectiva, em cujo derredor dispunham diversamente os traços, inauguravam aos cinquenta anos outro gênero de beleza, como se muda tardiamente de profissão ou se plantam beterrabas nas terras já imprestáveis para os vinhedos. Em torno dessas feições novas florescia uma nova juventude. Só não se adaptavam a tais transformações as muito bonitas ou muito feias. As primeiras, como se se esculpisssem num mármore cujas linhas definitivas não sofressem correção, esboroavam-se como estátuas. As segundas, portadoras de alguma deformidade facial, levavam certas vantagens sobre as belas. Antes do mais, eram inconfundíveis. Sabia-se não haver em Paris duas bocas assim, o que me permitia identificá-las sem tardança nesta *matinée* onde não reconhecia mais ninguém. E, além disso, nem pareciam envelhecidas. A velhice é algo de humano. Sendo monstros, elas não poderiam mudar, como não mudam as baleias. Também outros homens, outras mulheres não davam a impressão de estarem mais velhos; o talhe continuava esbelto, fresco o rosto. Mas se, para falar-lhes, eu me acercava de seu semblante de pele lisa e finos contornos, este se alterava como uma superfície vegetal, uma gota de água ou de sangue examinadas ao microscópio. Distinguia então, na epiderme que acreditara unida e macia, repelentes manchas gordurosas. As linhas não resistiam às lentes. A do nariz logo se quebrava e arredondava, invadida pelos mesmos círculos oleosos que o resto do rosto; de perto, os olhos empapuçados destruíam a ilusória semelhança da face atual com a antiga. De sorte que, nestes convidados, jovens de longe, a idade crescia com a aproximação, que lhes aumentava o volume das faces e permitia observá-las em seus diversos planos. Para eles, em suma, a velhice dependia do espectador saber colocar-se de jeito a vê-los jovens, não lhes lançando senão olhares longínquos, que diminuem os objetos, sem os vidros receitados aos presbitas pelos oculistas;

em seu caso a velhice, discernível como a presença de infusórios numa gota de água, estava, aparentemente, menos em função da passagem dos anos do que do grau, na visão do observador da escala aumentativa.

Em geral, o maior ou menor encanecimento parecia marcar a extensão do tempo vivido, tal como os cumes cobertos de neve, que, ainda surgindo aos olhos na mesma linha de outros, revelam o nível de sua altitude pelo esplendor da neve alvura. O que contudo nem sempre se dava, ao menos em relação às mulheres. Assim, as mechas da princesa de Guermantes, que, quando grisalhas, lhe emolduravam em prata a fronte saliente, tendo adquirido, à força de brancura, um tom baço de lã e estopa, simulavam, ao contrário, o cinzento da neve poluída, cujo brilho se empanara. E, das louras dançarinas, muitas não conquistaram, com as perucas empoadas, apenas a amizade de duquesas que outrora nem conheciam. Porque se haviam inteiramente dedicado à dança, a arte as tocara, como a graça. E, como ilustres damas setecentistas em conventos, encerravam-se em apartamentos repletos de quadros cubistas, um pintor cubista trabalhando só para elas, que só para ele viviam.

Velhos de feições deformadas buscavam não obstante reter, fixa e permanentemente, uma dessas expressões que, para tirar partido de um dote físico ou disfarçar um defeito, se assumem diante dos retratistas; eram definitivos e imutáveis instantâneos de si mesmos.

Todos haviam levado tanto *tempo* vestindo as fantasias que nem as notavam os próximos. Alguns, em virtude de um prazo dilatatório, continuavam os mesmos até mais tarde. Mas então o disfarce adiado operava-se com maior rapidez; de qualquer modo, era inevitável. Nunca adivinhara eu a menor semelhança entre a sra. X. e a mãe, que já conheci idosa, sumida e curva como um turco velho. Com efeito, sempre vira bonita e esguia a filha, que assim se conservou por um período excessivo, pois, para quem devia, antes da noite, enfiar a fantasia de turca, grande era seu atraso, tanto que se viu obrigada a encolher-se às pressas, quase de repente, para reproduzir fielmente a figura de turca velha outrora exibida pela mãe.

Encontrei ali um antigo camarada que, durante dez anos, eu vira quase diariamente. Alguém nos quis apresentar de novo. Encaminhei-me então para ele, e ouvi-o dizer, numa voz que logo reconheci: “É para mim um grande prazer, depois de tantos anos”. Mas que surpresa a minha! A voz parecia emitida por um fonó-

grafo aperfeiçoado, porque, se era a de meu amigo, provinha de um sujeito corpulento e grisalho, para mim desconhecido, dando portanto a impressão de ter sido alojada artificialmente, por engenho mecânico, nesse velho gordo igual a tantos outros. Sabia entretanto ser ele, visto não se prestar a mistificações a pessoa que, depois de tanto tempo, nos apresentara. Declarou-me que eu não mudara, e compreendi que também a si se achava o mesmo. Mirei-o então mais atentamente. Afinal, apesar da gordura, conservara muitos traços antigos. Mas não chegava a convencer-me que era ele. Procurei então recordar-me. Tivera na mocidade olhos azuis, sempre risonhos, sempre móveis, à cata evidentemente de alguma coisa que no momento me escapara, algo de desinteressado, a verdade talvez, perseguida com constante inquietação, espírito galho-feiro, mas erradio respeito por todos os amigos de sua família. Ora, feito político influente, hábil, despótico, os olhos azuis, que aliás não encontraram o que buscavam, se haviam imobilizado, o que lhes aguçava o olhar, como se sáisse de sob um sobrecenho carregado. Por isso, a expressão de alegria, de abandono, de inocência se transformara em ar de manha e dissimulação. Decididamente, parecia-me outro, quando, de súbito, ouvi, provocada por palavras minhas, sua risada, sua risada solta de antigamente, a que lhe correspondia à perene mobilidade do olhar. Alguns melômanos achavam inteiramente diversa a música de Z. orquestrada por X. São nuanças insensíveis ao vulgo, mas uma contida gargalhada infantil, sob um olhar pontudo como um lápis azul bem afiado embora um pouco torto, é mais significativa do que uma diferença de orquestração. Cessado o riso, eu bem quereria prolongar a sensação que me causara, mas, como Ulisses, na *Odisséia*, correndo para a mãe morta como um espírito tentando em vão arrancar de uma aparição uma resposta capaz de identificá-la, como o visitante de uma exposição de eletricidade, mais propenso a crer emitida espontaneamente por alguém a voz restituída inalterada pelo fonógrafo, não pude mais reconhecer meu amigo.

É, porém, mister ressaltar a aceleração ou o retardamento que sofrem, para certas pessoas, as medidas do próprio tempo. Eu encontrara por acaso na rua, haveria quatro ou cinco anos, a viscondessa de Saint-Fiacre (nora da amiga dos Guermantes). Seus traços esculturais pareciam assegurar-lhe eterna mocidade. Era, aliás, ainda jovem. Ora, não consegui, a despeito de seus sorrisos e cumprimentos, vislumbrá-la numa senhora de feições tão desfeitas que não se lhe poderia recompor a linha do rosto. É que há três anos tomava cocaína e outras drogas. Os olhos, afundados em negras

olheiras, eram de alucinada. A boca tinha um ricto estranho. Deixara, segundo me contaram, só para esta recepção a cama ou a *chaise-longue* onde passava meses. O Tempo possui assim trens expressos e especiais, que conduzem à velhice prematura. Mas em trilhos paralelos circulam trens de volta, quase igualmente velozes. Tomei o sr. de Courgivaux pelo filho, tão remoçado o achei (já devia ter ultrapassado os cinqüenta anos e estava mais jovem do que aos trinta). Encontrara um médico inteligente, suprimira o álcool e o sal; voltara à casa dos trinta, que, hoje, nem parecia haver atingido. É que, de manhã, cortara o cabelo.

Coisa curiosa, o fenômeno da velhice como que levava em conta, em suas modalidades, certos hábitos sociais. Grandes senhores que haviam sempre usado ternos de alpaca ordinária e velhos chapéus de palha, inadmissíveis para pequeno-burgueses, envelheciam como jardineiros, como os camponeses entre os quais viveram. Manchas pardas lhes invadiam as faces, e seu rosto amarelecera, escurecera como um livro.

E eu pensava nos que não tinham vindo porque já não podiam, nos que os secretários, alimentando a ilusão de sua sobrevivência, desculpavam em telegramas volta e meia entregues à princesa, nos doentes cuja agonia se arrastava havia meses, que já não se levantam, não se mexem, e, ainda cercados pela curiosidade frívola de visitantes curiosos como turistas ou confiantes como peregrinos, olhos fechados, terço na mão, empurrando ligeiramente o lençol já mortuário, parecem jazer no túmulo, a carne rígida e pálida esculpida como mármore pela doença, deixando transparecer o esqueleto.

Algumas senhoras eram sem dúvida facilmente reconhecíveis, com a fisionomia quase intata, tendo apenas, como para harmonizarem com a estação, arvorado os cabelos grisalhos, adornos outoniços. Mas em outras, e também em certos homens, a transformação era tão completa, tão impossível a identificação — a de um sempre lembrado boêmio moreno com o monge ancião de agora, por exemplo — que, ainda mais do que atores hábeis, suas fabulosas modificações lembravam os transformistas prodigiosos, cujo protótipo é Fregoli. Tal velha tivera vontade de chorar ao compreender que o indefinível sorriso melancólico, sua maior sedução, já não conseguia irradiar-se pela máscara de gesso que lhe aplicara a velhice. Depois, desistindo repentinamente de agradar, achando mais sensato resignar-se, utilizou a carranca de modo jocoso, para fazer rir! A maioria feminina não conhecia tréguas na luta contra a idade, e estendia, para a beleza a afastar-se como o sol poen-

te cujos raios desejava ardentemente conservar, o espelho de sua face. Para isso, algumas tentavam aplinar, alargar a branca superfície, renunciando à graça picante das covinhas ameaçadas, à malícia do sorriso condenado e já frouxo; ao passo que outras, vendo afastar-se definitivamente a beleza, refugiavam-se na expressão, como se compensa pela arte da dicção a perda da voz, agarravam-se a um trejeito, a um pé de galinha, a um olhar vago, por vezes a um sorriso que, devido à descoordenação dos músculos, incapazes de obedecer, mais parecia um esgar de pranto.

Uma senhora gorda deu-me boa-tarde, e, enquanto falava, as idéias as mais diversas me passavam pela cabeça. Hesitei um minuto em responder-lhe, temeroso de que, reconhecendo os demais convidados tal quanto eu, me tomasse por outro; depois, ante sua tranqüilidade, exagerei, ao contrário, imaginando-a alguma relação íntima, a amabilidade do sorriso; e não cessava de buscar-lhe na fisionomia, com o olhar, o nome que me faltava. Como o candidato incerto da resposta prega os olhos no examinador, na vã esperança de encontrar nele o que deveria procurar na própria memória, eu observava, continuando a sorrir-lhe, os traços da senhora gorda. Pareceram-me os da sra. de Forcheville, e meu sorriso se matizava de respeito à medida que me diminuía a hesitação. Daí a um segundo, ouvi-a dizer: “Você me tomou por mamãe, e de fato estou ficando muito parecida com ela”. Reconheci Gilberte.

Mesmo, contudo, nos homens pouco mudados, naqueles em quem só o bigode encanecera, sentia-se não ser apenas material a modificação. Era como se os vissemos através de um vapor colorido, ou melhor, de um vidro pintado, a alterar o aspecto das faces sobretudo pelo que lhes acrescentava de turvo, evidenciando estarem na realidade muito longe aqueles que nos permitia ver em “tamanho natural”, a uma distância diversa, é verdade, da do espaço, mas de cujo fundo, como de outra margem, percebíamos ser-lhes tão difícil reconhecer-nos como nós a eles. Talvez só a sra. de Forcheville, que logo avistei, tumefata como se se tivesse injetado algum líquido, uma espécie de parafina preservadora da pele, parecesse a mesma antiga *cocotte*, para sempre “naturalizada”. “Você me toma por minha mãe”, dissera Gilberte. Era verdade. E seria, aliás, lisonjeiro para a filha. Não só nesta, porém, manifestavam-se traços de família, até então invisíveis no rosto como as partes interiores da semente, onde não se adivinham as saliências que um dia formarão. Assim, uma enorme curva materna vinha, nesta ou naquela, transformar pelas alturas dos cinqüenta anos um nariz antes reto e puro. Em outra, filha de banqueiro,

a tez da frescura camponesa se avermelhava, assumia tons de cobre, refletia o ouro que tanto manejara o pai. Alguns indivíduos acabavam por parecer com seus bairros, traziam em si resquícios da Rue de l'Arcade, da Avenue du Bois, da Rue de l'Élysée. Mas reproduziam sobretudo as feições paternas.

Partindo da idéia de que os outros ainda eram os mesmos, achamo-los velhos. Mas se nos capacitarmos de que são velhos, reconhecemo-los, não os julgamos muito acabados. Com Odette não se dava só isso; seu aspecto, para quem não lhe esquecia a idade e esperava encontrar uma velha, parecia desafiar mais milagrosamente as leis da cronologia do que a conservação do rádio as da natureza. Se não a identifiquei à primeira vista foi, não por ter, e sim por não ter mudado. Côncio, havia uma hora, de tudo quanto o tempo acrescenta às criaturas, e da subtração indispensável para vê-los como os conhecera, efetuava agora rapidamente o cálculo, e, somando à antiga Odette o número de anos passados, obtive como resultado uma pessoa que me parecia não poder ser a que tinha sob os olhos, precisamente porque esta era semelhante à de outrora.

Qual, nisso, a parte dos cosméticos e das tinturas? Lembra-va, com os cabelos dourados penteados para baixo — peruca arrepiada de grande boneca mecânica sobre uma face atônita, também, de boneca —, sobre os quais pousava um chapéu de palha igualmente baixo, a Exposição de 1878 (da qual teria sido, sobretudo se já contasse então a idade atual, a mais fantástica maravilha), recitando seu papel numa revista de fim de ano, mas a Exposição de 1878 representada por uma mulher ainda jovem.

Um ministro anterior ao movimento do general Boulanger, que voltara agora ao governo, chegou por sua vez junto de nós, endereçando às damas um sorriso trêmulo e longínquo, como se o enleassem os mil liames do passado, minúsculo fantasma guiado por não invisível, a estatura reduzida, essencialmente outro, como se fosse a própria miniatura em pedra-pomes. Esse antigo presidente do Conselho, tão bem recebido no *faubourg* Saint-Germain, fora outrora réu de um processo criminal, execrado pela sociedade e pelo povo. Mas, graças à renovação, em ambos, dos componentes, e, nos elementos subsistentes, das paixões e até das recordações, o caso fora inteiramente esquecido, ele se via novamente acatado. Não há, pois, humilhação, forte embora, a que não nos devamos prontamente resignar, certos de que, ao cabo de poucos anos, os erros enterrados não passarão de poeira imperceptível, sobre a qual vicejará a paz sorridente e florida da natureza. O in-

divíduo momentaneamente repudiado encontrar-se-á, pelo jogo de equilíbrio do tempo, entre duas recentes camadas sociais, que só lhe testemunharão deferência e admiração, que lhe permitirão pavonear-se a contento. Mas só ao tempo incumbe essa tarefa; na hora da luta, nada o consola de ouvir-se chamar “tubarão” pela turba de punhos cerrados, quando subia ao “tintureiro”, na presença de sua vizinha, a jovem leiteira que não se pode colocar no plano do tempo, que ignora o desprezo ontem votado aos homens hoje incensados pelos jornais matutinos, e não antevê celebrado pela imprensa e festejado pelas duquesas quem, ora à beira da condenação, talvez por pensar nela, não encontre as palavras humildes aptas a granjear simpatia. O tempo amaina igualmente as brigas de família. Na casa da princesa de Guermantes estava um casal cujos tios, já falecidos, se haviam esbofetado, tendo em seguida um deles, para rebaixar o outro, escolhido como testemunhas do duelo seu porteiro e seu copeiro, sob a alegação de que o adversário não merecia gente de sua classe. Mas essas histórias dormiam nos jornais de trinta anos antes e ninguém mais as lembrava. E assim o salão da princesa era iluminado, desmemoriado e florido como um cemitério tranqüilo. O tempo não somente desfizera as antigas criaturas como possibilitara, criara novas associações.

Para tornar ao político, não obstante sua mudança de substância física, tão profunda como as transformações das idéias morais que agora suscitava no público, isto é, apesar de já ser remota sua presidência do Conselho, voltara a ser ministro. Esse presidente do Conselho de há quarenta anos fazia parte do novo Gabinete, cujo chefe lhe entregara uma pasta um pouco como os diretores de teatro confiam a uma de suas antigas camaradas, já retirada, o papel que a julgam ainda mais capaz do que as jovens de desempenhar com finura, sabendo-a, não só em difícil situação financeira, como capaz de demonstrar ao público, aos oitenta anos quase, a integridade de seu talento ainda a bem dizer intato, naquela força vital que se verifica depois com espanto ter admirado poucos dias antes da morte.

Tão milagroso era o aspecto da sra. de Forcheville que nem se poderia falar em rejuvenescimento, e sim em reflorescimento, conseguido à custa de carmins e tintas ruivas. Mais ainda do que a encarnação da Exposição Universal de 1878, ela seria, numa moderna exibição de horticultura, o ponto de mira, de atração. Para mim, aliás, era como se dissesse, em vez de: “Eu sou a Exposição de 1878”, “Eu sou a alameda das Acácias de 1892”. Lá ainda de-

veria estar. E, justamente porque não mudara, não dava a impressão de viver. Parecia uma rosa esterilizada. Cumprimentei-a, e vi-a, por algum tempo, buscar em vão meu nome em minha fisionomia. Declinei-o e logo, como se, graças a essas sílabas mágicas, eu tivesse perdido a aparência, adquirida com a idade, de uma árvore ou de um canguru, reconheceu-me e pôs-se a falar com sua entonação característica, que se deslumbrava de ouvir à saciedade, nas menores palavras, durante toda a conversa, que, tendo-a aplaudido nos teatrinhos, a encontrava depois num almoço íntimo. A voz continuava a mesma, inutilmente quente, envolvente, com um ligeiro sotaque inglês. E, entretanto, assim como os olhos me pareciam fitar de longínquo litoral, o tom fazia-se tristonho, quase súplice, tal o dos mortos da *Odisséia*. Odette ainda poderia representar. Dei-lhe os parabéns por sua mocidade. Retrucou: “Você é muito gentil, *my dear*, obrigada”, e como, por preocupação de elegância, dificilmente exprimia sem afetação até um sentimento verdadeiro, repetiu diversas vezes: “Obrigada, muito, muito”. Mas eu, que fizera longos trajetos a pé a fim de avistá-la no Bois, que, quando estivera pela primeira vez em sua casa, recolhera, como um tesouro, o som de sua voz a cair da boca, achava agora intermináveis os minutos a seu lado, por não saber o que dizer, e afastei-me. Não devia, coitada, manter-se em forma por muito tempo. Menos de três anos mais tarde, numa *soirée* dada por Gilberte, eu a veria, não caduca, mas um tanto enfraquecida mentalmente, incapaz de esconder sob a máscara impassível o que pensava — mas talvez nem pensasse —, o que sentia, a balançar a cabeça e sacudir os ombros a cada impressão, como os ébrios, as crianças e certos poetas que, alheios ao meio, e inspirados, compõem poemas em sociedade, franzem o sobrolho, fazem mil trejeitos, com grande pasmo da senhora a quem dão o braço para conduzir à mesa. As impressões da sra. de Forcheville — salvo uma, precisamente a que lhe explicava a presença na festa dada por Gilberte, de ternura pela filha bem-amada e orgulho de vê-la receber com tanto brilho, orgulho que mal velava, na mãe, a melancolia da própria decadência — não eram agradáveis, e mantinham-na como se menina fosse, em defesa constante e timorata contra as desconsiderações de que era alvo. Só se ouviam palavras deste teor: “Não sei se a sra. de Forcheville me reconheceu, se não lhe precise ser apresentado de novo”. “Ora, não tome esse trabalho”, respondia alguém, falando alto, esquecido de que o ouvia a mãe de Gilberte, ou a isso indiferente, “não vale a pena. É melhor deixá-la de lado. Está meio gagá.” Furtivamente, a sra. de Forcheville lançava aos

interlocutores injuriosos um olhar de seus olhos ainda belos, mas logo o recolhia, receosa de ter sido impolida, e, agitada pela ofensa, sopitando a débil indignação, a cabeça a tremular, o peito a arfar, contemplava outro convidado igualmente grosseiro sem grande espanto, pois de fato sentira-se mal nos últimos dias e sugerira cautelosamente à filha, sem ser atendida, um adiamento da recepção. Nem por isso menos a estremecia; as duquesas que entravam, a admiração geral pela nova casa inundavam-lhe de júbilo o coração, e, vendo chegar a marquesa de Sebran, então a dama mais alto e intangivelmente situada na escala social, a sra. de Forcheville verificou ter sido uma boa e previdente mãe, e estar cumprida sua tarefa. Novos comentários escarminhos obrigaram-na outra vez a mirar os mal-educados e a falar sozinha, se falar se pode chamar à linguagem muda a traduzir-se tão-somente pela gesticulação. Tão formosa ainda, ganhara a mais — o que nunca possuía — uma infinita simpatia; porque, ela que enganara Swann e todo mundo, era agora enganada pelo universo inteiro; e tão fraca estava que nem ousava, tendo-se invertido os papéis, defender-se do homens. Dentro em breve nem da morte se defenderia. Mas, após esta antecipação, recuemos três anos, regressemos à *matinée* da princesa de Guermantes, onde nos encontramos.

Tendo Bloch me pedido que o apresentasse ao dono da casa, o fiz sem sombra das objeções que me tolheram na primeira recepção do príncipe de Guermantes a que comparecera, e então me pareciam tão justas como agora simples dizer-lhes o nome de um dos seus convidados, ou mesmo ousar introduzir sem maiores preâmbulos alguém que não houvesse sido convidado. Seria porque, desde aquela época afastada, eu me tornara um “familiar”, embora ultimamente um pouco “esquecido”, da roda onde era então novinho? Seria, ao contrário, porque, já não me incluindo entre os autênticos mundanos, tudo quanto lhes era difícil deixara de existir para mim, uma vez vencida a timidez? Seria porque as criaturas, tendo pouco a pouco deixado cair diante de mim o primeiro, não raro o segundo e o terceiro aspecto fictício, eu adivinhava sob a altivez sobranceira do príncipe uma grande e humana avidez de aproximar-se até daqueles a quem afetava desprezar? Seria porque também ele mudara, a exemplo de tantos jovens e maduros insolentes abrandados pela velhice (tanto mais quanto havia muito conheciam de vista e sabiam bem aceitos os homens e idéias recentes contra os quais resmungavam), sobretudo se contasse esta com o auxílio das virtudes e vícios que facilitam as relações, ou da revolução operada por uma conversão política como a do príncipe ao dreyfusismo?

Bloch me interrogava como eu interrogara a outros quando de minha entrada na sociedade, como ainda me acontecia fazer a propósito de pessoas que então conhecera, mas estavam tão longe, tão afastadas de tudo como os habitantes de Combray, que tantas vezes tentei “situar” exatamente. Mas Combray se me afigurava de feitio peculiar, inconfundível com o resto, verdadeiro *puzzle* que nunca lograria encaixar no mapa da França. “Então não poderei avaliar o que foi antigamente o príncipe, lembrando-me de Swann ou do barão de Charlus?”, perguntava Bloch, que imitava agora freqüentemente meu modo de falar, como eu imitara outrora o seu. “Absolutamente não.” “Mas em que consiste a diferença?” “Para senti-la, seria necessário ouvi-los conversar uns com os outros, o que é impossível, Swann estando morto e Charlus quase. Mas era enorme.” E enquanto a idéia de o que teriam dito as palestras entre essas personagens fabulosas acendia chispas no olhar de Bloch, eu verificava que exagerara, ao evocá-lo, o prazer de sua companhia, nunca experimentado senão posteriormente, quando me via só, a impressão da verdadeira diversidade sendo apreendida apenas pela imaginação. Bloch o terá percebido? “Talvez estas me pintando tudo embelezado”, disse; “sei, por exemplo, que já não é moça a dona desta casa, a princesa de Guermantes, e, entretanto, não há muitos anos me falavas de sua sedução incomparável, de sua maravilhosa beleza. Possui sem dúvida um porte aristocrático e os olhos extraordinários que descrevias, mas não a acho, afinal, o portento que anunciaste. Evidentemente é *racée*, mas...” Fui obrigado a esclarecer que não se tratava da mesma mulher. Com efeito, a princesa de Guermantes falecera e o príncipe, arruinado pela derrota da Alemanha, desposara a ex-sra. Verdurin, que Bloch não reconhecia. “Estás enganado, eu procurei no *Gotha* deste ano e encontrei o príncipe de Guermantes, morando na casa onde estamos, e casado com uma dama ilustre, espera um pouco, com Sidonie, duquesa de Duras, nascida Baux.” Realmente, pouco depois de enviivar, a sra. Verdurin se casara com o velho duque de Duras, então já sem fortuna, que a fizera prima dos Guermantes e morrera dois anos depois. Representara para a sra. Verdurin uma transição muito útil, e agora, feita princesa de Guermantes, pelo terceiro enlace, ela gozava, no *faubourg* Saint-Germain, de uma situação que provocaria o maior pasmo em Combray, onde, nos últimos anos, antes de ser princesa de Guermantes, era chamada zombeteiramente, como se com tal nome representasse uma comédia, de “duquesa de Duras” pelas senhoras da Rue de l’Oiseau, a filha da sra. de Goupil e a nora da sra. Sazerat. E até, exigindo

o princípio das castas que ela se conservasse sra. Verdurin até a morte, o título, que não acreditavam dever conferir-lhe nenhum prestígio mundano, causava antes mau efeito. “Dá que falar”, expressão em todas as classes aplicada às mulheres levianas, e no *faubourg* Saint-Germain também às escritoras, na burguesia de Combray estendia-se às que fazem casamentos num ou noutro sentido “desiguais”. Quando desposou o príncipe de Guermantes, devem tê-lo imaginado um falso Guermantes, um esroque. Quanto a mim, pensar nessa continuidade de título, de nome, graças à qual existia ainda uma princesa de Guermantes, sem nada de comum com a que tanto me seduzira e já não vivia, morta indefesa, despojada da própria identidade, era tão doloroso como ver os bens da princesa Hedwige, seu castelo, tudo quanto lhe pertencera, pela outra desfrutado. A sucessão ao nome é triste como todas as sucessões, todas as usurpações de propriedade; e sempre, sem cessar, surgiriam, à feição de vagas, novas princesas de Guermantes, ou, melhor, sob a figura nova que lhe desempenharia em cada geração as funções, viveria, milenar, uma única princesa de Guermantes, alheia à morte, a tudo que flui e nos fere o coração, e o nome, como o mar, recobriria as que periodicamente soçobrassem com sua imutável e imemorial placidez.

Mas — em contradição com essa permanência — os velhos mundanos achavam tudo diferente na sociedade, onde se recebia gente outrora inadmissível, e, como se diz, “tinham e não tinham razão”. Não tinham, porque não levavam em conta a curva do tempo, devido à qual hoje se via já no termo final a gente nova, a cuja partida eles haviam assistido. Também ao começarem a freqüentar haviam os atuais veteranos encontrado já instaladas pessoas das quais outros recordavam a entrada. Uma geração basta agora para processar-se a evolução secular que enobreceu o nome plebeu de Colbert. E, por outro lado, poderiam estar com a razão, pois, se os indivíduos mudam de situação, as noções e costumes mais enraizados (bem como as fortunas, as alianças e ódios entre países) também se alteram, inclusive as que proscrevem as relações pouco elegantes. O esnobismo, a exemplo da própria guerra, não somente ganha feitio diverso, mas poderia até desaparecer, deixando livre a entrada no Jockey de radicais e judeus.

Certo, a modificação exteriormente estampada nas fisionomias conhecidas não passava de símbolo da interior, efetuada gradualmente. Talvez todos tivessem continuado a fazer as mesmas coisas, mas sua concepção delas e dos seres que freqüentavam, sendo viva, evoluíra, e, ao cabo de alguns anos, outras coisas, outros se-

res eram os que, sob o mesmo nome, amavam e, tornados assim eles próprios outras pessoas, seria estranho não apresentarem nova aparência.

Se, em períodos de vinte anos, os conglomerados de grupos se desmanchavam e reformavam sob a atração de astros recém-vindos, destinados, aliás, por sua vez, a apagar-se e reaparecer, nas almas humanas também se operavam cristalizações, seguidas de fragmentações e novas cristalizações. Se, para mim, a duquesa de Guermantes se revestira de várias personalidades, para ela mesma, para a sra. Swann etc., tal indivíduo, favorito antes do caso Dreyfus, degenerara em fanático ou imbecil a partir deste, que alterara o valor dos seres e reclassificara conseqüentemente os partidos, os quais se haviam desde então novamente desfeito e refeito. Contribuí poderosamente para isso, somando sua influência às puras afinidades intelectuais, o tempo decorrido, que nos faz olvidar antipatias e desdêns, e até o próprio motivo de nossas antipatias e desdêns. Se houvessem outrora analisado a origem da voga da jovem sra. Léonor de Cambremer, teriam encontrado seu parentesco com o lojista de nosso edifício, Jupien, concorrendo ainda para fazê-la atraente o fato de seu tio fornecer homens ao sr. de Charlus. Mas da combinação que produzia tão cintilantes efeitos, as causas, já remotas, ignoradas por muitos dos novos, estavam também esquecidas pelos antigos, mais atentos ao brilho presente do que às vergonhas passadas, pois aceita-se sempre um nome em sua acepção atual. E o mais interessante nessas transformações dos salões era provirem do tempo perdido, filiarem-se a um fenômeno da memória.

Entre os convidados contava-se um homem de grande prestígio, que acabava de prestar, num processo famoso, um depoimento cujo único valor residia na alta moralidade da testemunha, diante da qual inclinaram-se unanimemente juízes e advogados, e que determinou a condenação de duas pessoas. Houve por isso, a sua entrada, um movimento de curiosidade e deferência. Era Morel. Talvez fosse eu o único a saber que fora sustentado pelo sr. de Charlus, depois por Saint-Loup, e até por um amigo deste. A despeito de tais recordações, saudou-me prazerosa, embora reservadamente. Lembrava-se de quando nos encontramos em Balbec, e essas reminiscências se lhe nimbavam da poesia e da melancolia da mocidade.

Mas havia também convidados que eu não poderia reconhecer, pela boa razão de nunca os ter conhecido, o tempo havendo exercido, neste salão, sua química tanto sobre os indivíduos como

sobre a sociedade. Até este meio, cuja natureza específica, definida por certas afinidades que exerciam ação atrativa sobre todas as figuras principescas da Europa e repulsiva sobre qualquer elemento não aristocrático, se me afigurava um refúgio material para o nome de Guermantes, ao qual emprestava uma última realidade, havia sofrido, em sua constituição íntima, que me parecera estável, uma alteração profunda. Espantou-me menos a presença de gente já vista em outras rodas, cuja entrada nesta julgara impossível, do que a íntima familiaridade da acolhida, do tratamento pelo prenome; um certo conjunto de preconceitos aristocráticos, de esnobismo, que outrora afastava do apelido Guermantes tudo quanto com ele não se harmonizava, deixara de funcionar.

Alguns estrangeiros que, quando eu começara a freqüentar, davam grandes jantares só para a princesa de Guermantes, a duquesa de Guermantes, a princesa de Parma, sentavam-se em lugares de honra na mesa dessas damas, eram tidos como firmemente instalados na sociedade de então, e talvez de fato o fossem, haviam sumido sem deixar vestígios. Tratar-se-ia de diplomatas que regressaram a seus países? Talvez um escândalo, um suicídio, um rapto lhes explicassem a ausência, ou quem sabe se não seriam alemães? Mas seu nome só devera o lustre a circunstâncias momentâneas, e já ninguém o usava: não me entendiam quando o pronunciava, faziam-me soletrar, e imaginavam que eu falava de rastaquêras.

Criaturas que, segundo o antigo código social, nem deveriam ser convidadas, tinham, para meu maior pasmo, íntimas relações com pessoas admiravelmente bem-nascidas, que só em sua honra se vinham cacetejar na casa da princesa de Guermantes. O que melhor caracterizava essa sociedade era sua prodigiosa tendência para desclassificar-se.

Lassas ou quebradas, já não atuavam as molas da máquina joeirante, mil corpos estranhos penetravam, destruíam completamente a homogeneidade, a distinção, a cor. Como uma velhota caduca, o *faubourg* Saint-Germain só tinha sorrisos tímidos para os servos insolentes que lhe invadiam os salões, bebiam a laranja e apresentavam as amantes. Ainda assim, a sensação do tempo decorrido e da destruição de uma parte de meu passado prendia-se menos ao desaparecimento do conjunto coeso (o salão Guermantes) de elementos cuja presença, freqüência e coordenação se explicavam por mil nuances, mil razões, do que à extinção do próprio conhecimento dessas mil razões, dessas mil nuances, graças às quais tal personagem ainda nele figurando parecia naturalmente indicada, e em seu lugar, enquanto tal outra que se lhe empare-

lhava representava uma novidade suspeita. Esse desconhecimento não campeava só na sociedade, mas na política, em tudo. Porque a memória dura nos indivíduos menos do que a vida, e, por outro lado, jovens sem as lembranças nos outros abolidas fazendo agora, muito legitimamente, mesmo no sentido nobiliárquico, parte da alta-roda, o olvido ou a ignorância dos pontos de partida levavam a aceitar todos — em sua elevação ou em sua queda — onde se encontravam, como se houvesse sido sempre assim, se a princesa de Guermites e Bloch tivessem sempre gozado da melhor situação, Clemenceau e Viviani sido sempre conservadores. Certos fatos prolongando-se excessivamente, a recordação execranda do caso Dreyfus, transmitida pelos pais, persistia vagamente nos moços, que corrigiam, ao ouvir tachar Clemenceau de *dreyfusard*: “Não é possível, é um equívoco, estava justamente do lado oposto”. Ministros tarados e antigas mulheres públicas eram considerados modelos de virtude. Perguntando alguém a um rapaz de família ilustre se já não se falara da mãe de Gilberte, o fidalgo concordou que efetivamente, no começo da vida, ela desposara um aventureiro de nome Swann, mas depois se casara com um homem de prole, o conde de Forcheville. Sem dúvida, alguns dos assistentes, a duquesa de Guermites, por exemplo, ririam de tal asserção (que, negando a elegância de Swann, me parecia monstruosa, a mim a quem entretanto outrora, em Combray, parecera, como a minha avó, ser impossível a Swann conhecer “princesas”), e também certas senhoras que poderiam estar presentes, mas já não saíam, como as duquesas de Montmorency, de Mouchy, de Sagan, amigas íntimas de Swann, que nunca tinham visto esse Forcheville, não recebido nos salões de seu tempo. Mas precisamente a sociedade de então, bem como as fisionomias ora transformadas e as mechas douradas substituídas por perucas brancas, só existia na memória de uns poucos, cujo número baixava cada vez mais. Bloch, durante a guerra, deixara de “sair”, de frequentar seu antigo meio, onde fazia má figura. Em compensação, não cessara de publicar as obras cujos sofismas absurdos eu procurava agora destruir, para não me deixar enleiar, obras sem originalidade, mas que davam aos moços e a muitas grã-finas a impressão de uma altura intelectual pouco comum, de uma espécie de gênio. Foi, pois, em seguida a uma cisão completa entre seu antigo mundanismo e o recente que, numa sociedade reconstituída, fez, na nova fase de vida, acatada e gloriosa, sua aparição de grande homem. Os moços ignoravam, naturalmente, que, em sua idade, fosse noviço nos salões, tanto mais quanto aos poucos nomes ouvidos de Saint-Loup lhe

permitted conferir ao prestígio atual um recuo indefinido. Na pior das hipóteses, parecia um desses indivíduos de talento que em todas as épocas brilham nas altas-rodas, e nem se cogitava de que pudesse ter vivido alhures.

Mal acabara eu de falar com o príncipe de Guermites, Bloch apoderou-se de mim e me apresentou a uma jovem que me conhecia de nome pelas referências da duquesa de Guermites. Se as novas gerações não prezavam muito a esta, acusada de ser amiga de atrizes etc., as senhoras — hoje velhas — de sua família ainda a achavam uma personagem extraordinária, não só por lhe conhecerem exatamente a origem, a primazia heráldica, a intimidade com as “royalties”, como diria a sra. de Forcheville, como também por vê-la desdenhar as reuniões familiares, onde se entediava, e saber que não poderiam contar com ela. Suas relações no mundo teatral e político, aliás vagamente sabidas, só lhe faziam aumentar o retraimento e, portanto, o prestígio. De modo que, enquanto nos círculos políticos e artísticos era tida como uma criatura indefinida, uma trãnsfuga do *faubourg* Saint-Germain à cata de subsecretários de Estado e de estrelas, naquele mesmo *faubourg*, quando davam alguma festa, perguntavam: “Valerá a pena convidar Marie-Sosthènes?¹ Não virá. Só mesmo pró-forma, mas sem esperar que aceite”. E se, lá para as dez e meia, numa *toilette* deslumbrante, revelando nos olhares duros que lhe lançava o desprezo por todas as primas, ela assomava, parando um instante à entrada com ar de majestoso desdém, e sobretudo se se demorava uma hora, a alegria da velha dona da casa excedia a de um diretor de teatro vendo outra Sarah Bernhardt, que lhe prometera um concurso no qual não se ousava fiar, aparecer e, com benevolência e simplicidade infinitas, recitar, além do trecho combinado, vinte outros. A presença de Marie-Sosthènes, a quem os chefes de gabinete falavam do alto das tamancas, e que nem por isso (assim o espírito dirige o mundo) desistia de procurá-los cada vez mais, colocava a recepção da *douairière*, onde entretanto só havia mulheres elegantíssimas, à parte e muito acima de todas as outras recepções *douairières* da mesma “season” (como diria ainda a sra. de Forcheville), às quais não se dignara comparecer aquela que consideravam uma das rainhas do momento. O nome da moça a quem Bloch me apresentara era-me totalmente desconhecido, e os dos vários Guermites não lhe deviam ser familiares, pois perguntou a uma americana-

¹ Nova confusão a respeito do nome da duquesa, em regra chamada de Oriane. (N. do T.)

na a que título alardeava a sra. de Saint-Loup tanta intimidade com o grupo ali reunido. Ora, para essa americana, casada com o conde de Furcy, parente obscuro dos Forcheville, estes representavam o que há de mais seletivo no mundo. Por isso retrucou com a maior naturalidade: “Quando mais não fosse, por ter nascido Forcheville; não poderia ter origem mais ilustre”. A sra. de Furcy, embora supondo ingenuamente o nome de Forcheville superior ao de Saint-Loup, sabia ao menos o que significava este. Mas a simpática amiga de Bloch e da duquesa de Guermantes não possuía dele a menor noção, e, sendo bastante leviana, respondeu a uma jovem que lhe perguntava como vinha a sra. de Saint-Loup a ser parente do dono da casa, o príncipe de Guermantes: “Pelos Forcheville”, informação que a interlocutora comunicou, como se sempre a houvesse sabido, a uma das amigas, que, muito nervosa e geniosa, ficou rubra como um galo quando um senhor lhe assegurou não provir dos Forcheville a aliança entre Gilberte e os Guermantes, tanto que o contestador julgou ter-se enganado, adotou o erro e não tardou em propalá-lo. Os jantares, as festas mundanas eram para a americana uma espécie de escola Berlitz. Ouvia os nomes e os repetia sem lhes procurar antes conhecer o valor, o alcance exato. A uma pessoa desejosa de saber se Gilberte herdara Tansonville de seu pai, o sr. de Forcheville explicara que não, que a propriedade vinha da família do marido, era vizinha de Guermantes, pertencera à sra. de Marsantes, mas, estando hipotecada, fora resgatada pelo dote de Gilberte. Enfim, um velho membro do antigo grupo evocou Swann, suas relações com os Sagan e os Mouchy, e, perguntando-lhe a americana amiga de Bloch como eu conheceria Swann, declarou ter sido por intermédio da sra. de Guermantes, sem suspeitar do vizinho de campo, do jovem amigo de meu avô que ele fora para mim. Enganos desse gênero, sempre os cometeram homens célebres, e passam por particularmente graves nas sociedades conservadoras. Para mostrar Luís XIV de uma ignorância que “o fez cair, em público, nos mais grosseiros absurdos”, limita-se Saint-Simon a citar dois casos nos quais o rei, não sabendo Rénel da família dos Clermont-Gallerande, nem Saint-Herem da dos Montmorin, a ambos tratara como indivíduos secundários. Ao menos no tocante ao segundo, temos o consolo de saber que o monarca não morreu em erro, tendo sido, “muito tarde”, esclarecido pelo sr. de La Rochefoucauld. “E ainda”, acrescenta condescendentemente Saint-Simon, “foi mister explicar-lhe que casas eram essas, cujos nomes nada lhe diziam.” Esse olvido tão pronto em recobrir o passado mais recente, essa invasora ignorância, con-

ferem, por contraste, foros de erudição, tanto mais preciosa quanto mais rara, ao restrito conhecimento da genealogia dos homens, de suas verdadeiras situações, dos motivos amorosos, pecuniários ou outros pelos quais se aliaram a tal família ou fizeram casamentos inferiores, conhecimento prezado em todos os meios de espírito conservador, por meu avô possuído no mais alto grau a respeito da burguesia de Combray e de Paris, tão estimado por Saint-Simon que, ao celebrar a maravilhosa inteligência do príncipe de Conti, antes mesmo de falar de ciência, ou melhor, como se fosse esta a primeira das ciências, louva-o por ter sido “um belo espírito luminoso, justo, exato, extenso, de infinita leitura, a par de tudo, conhecedor de toda as genealogias, de suas quimeras e realidades, de uma polidez que distinguia a cada uma segundo a hierarquia e o mérito, concedendo tudo quanto os príncipes de sangue devem conceder e já não concedem. Falava sem reticências até das usurpações por estes cometidas, fornecendo-lhe a história dos livros e das conversações oportunidade para aludir ao que lhe parecia mais honroso no nascimento, nos cargos” etc. Menos brilhante, meu avô não era menos exatamente informado de tudo quanto tocava à burguesia de Combray e de Paris, nem com menor prazer o saboreava. Já escasseiam os entendidos, os especialistas desse gênero, capazes de saber que Gilberte não era Forcheville, nem Méséglise a sra. de Cambremer ou Valintonais a sua nora. Raros e talvez não recrutados na mais alta aristocracia (não são forçosamente os devotos, nem mesmo os católicos, as maiores autoridades na *Légende Dorée* ou nos vitrais do século XIII), mas de preferência numa aristocracia secundária, mais curiosa de um mundo distante que tem tantos maiores lazeres para estudar quanto menos frequenta, esses conhecedores reúnem-se com prazer, travam relações, dão jantares semelhantes aos dos bibliófilos ou dos amigos de Reims, mas onde só se degustam genealogias. Não se admitindo mulheres, os maridos contavam, de volta: “Foi muito interessante. Um dos convivas, sr. de la Raspelière, encantou-nos explicando não ser Forcheville de nascimento essa sra. de Saint-Loup que tem uma filha tão bonita. É um verdadeiro romance”.

Não sendo apenas simpática e elegante, mas também inteligente a amiga de Bloch e da duquesa de Guermantes, a conversa com ela era agradável, apesar de dificultada por não me ser novo apenas seu nome, mas o de muitas das pessoas das quais falava, que constituíam atualmente o âmago da sociedade. É certo que, por seu lado, desejosa de me ouvir contar casos, ignorava não poucos dos que lhe citei, inteiramente esquecidos, senão todos, pelo

menos aqueles que, não sendo apelidos genéricos e permanentes de célebres famílias nobres (cujos títulos exatos ela raramente sabia, induzida em confusões por não haver entendido bem algum nome pronunciado no jantar da véspera), só haviam refulgido graças ao valor de um indivíduo do qual não lhe chegaram ecos, pois começara a freqüentar (não só por ser ainda jovem como por morar havia pouco na França, cujos salões não se lhe abriam logo) vários anos depois de me ter eu recolhido. De forma que, se nos era comum o dicionário de palavras, o onomástico diferia para cada um de nós. Não sei como, caiu-me dos lábios o nome da sra. Leroi, e, por acaso, através de um velho amigo da sra. de Guermantes, que ligeiramente a cortejava, já o conhecia a americana. Inexatamente, porém, como depreendi do tom desdenhoso pelo qual a jovem esnobe me respondeu: “Sim, sei quem foi a sra. Leroi, a velha amiga de Bergotte”, como se dissesse: “Não a convidaria para minha casa”. Compreendi que ao informante, perfeito mundano, imbuído do espírito dos Guermantes, parecera tolo e anti-Guermantes explicar: “A sra. Leroi, que freqüentava todas as altezas, todas as duquesas”, preferindo comentar: “Era muito engraçada. Um dia deu esta resposta a Bergotte”. Apenas, para os não iniciados, tais alusões feitas no correr da conversa equivalem aos esclarecimentos dados pela imprensa ao povo, que, alternativamente, de acordo com seu jornal, tem Loubet e Reinach na conta de ladrões ou de grandes homens. Para minha interlocutora, a sra. Leroi fora uma espécie de sra. Verdurin da primeira fase, menos brilhante, e cujo “grupinho” se reduzira ao solitário Bergotte... Esta moça foi aliás das últimas a terem, por puro acaso, notícia da sra. Leroi, hoje justamente esquecida. Não figura nem mesmo no índice das memórias póstumas da sra. de Villeparisis, a quem tanto preocupou. A marquesa, todavia, omitiu a sra. Leroi não tanto por ter esta em vida sido pouco amável para com ela, quando porque, morta, não interessaria a ninguém, silêncio ditado, pois, menos pelo ressentimento mundano da mulher do que pelo tato literário da escritora. Minha palestra com a galante amiga de Bloch foi amena, por não lhe faltar inteligência, mas a diferença entre nossos dicionários a tornava, a par de instrutiva, difícil. Embora sabendo que os anos passam, que a mocidade se transforma em velhice, que aluem as fortunas e os tronos mais sólidos, que é efêmera a glória, nosso modo de tomar conhecimento e, por assim dizer, de gravar a chapa desse universo movediço, levado pelo Tempo, é, ao contrário, estático. De tal sorte que vemos sempre jovem quem assim conhecemos, que ornamos retrospectivamente das vir-

tudes da velhice quem só nessa quadra vimos, que confiamos sem reserva no crédito de um milionário e nos favores de um soberano, sabendo pelo raciocínio mas não crendo efetivamente que poderão, amanhã, ser fugitivos despojados de seu poderio. Em terreno mais restrito, e de puro mundanismo, como em problemas simples pelos quais nos iniciamos nas dificuldades mais complexas da mesma ordem, a incompreensão resultante, na conversa com aquela moça, do fato de termos freqüentado a mesma sociedade com 25 anos de intervalo me revelava o sentido da história, e ele deveria me robustecer. É preciso, aliás, notar que essa ignorância das situações reais — graças à qual em cada decênio os eleitos surgem em sua aparência atual e como se não existisse o passado, sendo impossível a uma americana chegada há pouco entender que o sr. de Charlus tivesse tido a mais alta posição em Paris quando Bloch não tinha nenhuma, que Swann, depois tão desejoso de agradar ao sr. de Bontemps, houvesse sido tratado com a maior amabilidade pelo príncipe de Gales — não campeia apenas entre os recém-vindos, mas também entre os que sempre freqüentaram rodas vizinhas, sendo, nuns como noutros, mais uma conseqüência (agora exercida sobre o indivíduo, e não sobre a curva social) do Tempo. Sem dúvida, embora mudemos o ambiente, de gênero de vida, nossa memória, retendo o fio de nossa personalidade estável, prende-lhe sucessivamente a lembrança de todos os meios onde vivemos, dos quais, mesmo passados quarenta anos, ainda nos recordamos. Na casa do príncipe de Guermantes, não olvidava Bloch o humilde israelita de seus dezoito anos, e Swann, já indiferente a Odette, apaixonado pela mulher que servia chá no mesmo Colombin tido pela sra. Swann durante algum tempo como tão elegante com a confeitaria da Rue Royale, Swann, cômico de seu valor mundano, não esquecido de Twickenham, não se iludia sobre os motivos pelos quais freqüentava Colombin de preferência à duquesa de Broglie, e sabia perfeitamente que, se acaso fosse muito menos “chic”, nem por isso deixaria de ir ao Colombin ou ao Hotel Ritz, onde, pagando, qualquer um entra. Os amigos de Bloch ou de Swann recordavam-se também certamente do pequeno grupo judeu ou dos convites a Twickenham, e, como indecisas projeções da personalidade daqueles, não separavam, em sua memória, do Bloch mundano de hoje o sórdido Bloch de outrora, do Swann dos últimos dias, freqüentador de Colombin, o Swann do palácio de Buckingham. Mas estes haviam, de algum modo, sido os vizinhos de Swann na vida; seguindo rumo bastante próximo do seu, puderam guardar-lhe as imagens; em outros, mais afastados, não tanto pela distân-

cia social como pela menor intimidade, que tornara vagas as relações e espaçados os encontros, as reminiscências, raras, faziam imprecisas as noções. Ora, a estranhos desse gênero já não resta, ao cabo de trinta anos, nenhuma lembrança nítida, capaz de, pela sugestão do passado, alterar o valor do ser atual. Nos derradeiros anos da vida de Swann, eu ouvira, e de mundanos, à menção de seu nome, esta pergunta, que lhes parecia resumir todos os seus títulos de notoriedade: “O Swann de Colombin?” Agora, gente que entretanto deveria estar a par de tudo dizia de Bloch: “O Bloch-Guermantes? O íntimo dos Guermantes?” Tais erros, que cindem em dois uma vida, e isolando o passado fazem de quem se fala um outro homem, diferente, uma criação da véspera, mera condensação de hábitos recentes (quando traz em si, ligando-o ao passado, a continuidade da própria existência), esses erros dependem igualmente do Tempo, mas são em vez de um fenômeno social, um fenômeno da memória. Tive logo em seguida um exemplo, de natureza diversa é verdade, mas nem por isso menos frisante, dos esquecimentos que modificam para nós o aspecto das criaturas. Um jovem sobrinho da sra. de Guermantes, o marquês de Villemandois, fora outrora tão obstinadamente insolente comigo que me vi forçado a, em represália, adotar para com ele uma atitude insultante, e tacitamente nos tornamos inimigos. Abismava-me eu em minhas reflexões sobre o tempo, na *matinée* da princesa de Guermantes, quando, pedindo para me ser apresentado, ele me disse que conhecera meus pais, que lera artigos meus e desejava travar relações comigo. É certo que, como tantos outros, trocara com a idade a impertinência pela gravidade, já não tinha a mesma arrogância e, por outro lado, ouvira elogiar-me, por artigos entretanto superficiais, no meio que freqüentava. Mas estes eram apenas motivos acessórios de sua cordialidade e de suas arremetidas. O principal, ou pelo menos o que permitiu aos outros manifestarem-se, era que, com memória inferior à minha, ou menos atento a meus revides do que eu a suas agressões, por ser eu então menos importante a seus olhos do que ele aos meus, estava inteiramente esquecido de nossa inimizade. Meu nome lhe recordava quando muito ter me visto, ou algum dos meus, na casa de uma de suas tias. E, não sabendo bem se me fora apresentado ou reapresentado, apressou-se em falar-me da tia, em cujo salão acreditava ter me conhecido, lembrando-se não de nossa desavença, mas de que lá se falava muito de mim. Um nome, eis tudo quanto nos fica de um ser, não só depois de morto, mas em vida. E nossas noções atuais a seu respeito são tão vagas e bizarras, correspondem tão

pouco às antigas, que nos esquecemos de quase o termos desafiado em duelo, mas nos lembramos de que usava, em menino, estranhas polainas amarelas nos Campos Elísios, onde, a despeito de nossas asserções, não tem a menor idéia de haver brincado conosco. Bloch entrara saltando como uma hiena. Pensei: “Freqüenta salões onde há vinte anos não pisaria”. Mas tinha vinte anos mais. Estava mais perto da morte. De que lhe servia isso? De perto, transparecia sob a face na qual, de longe, eu só divisara a mocidade alegre (porque de fato perdurasse, ou porque eu evocasse), a máscara quase assustadora, ansiosa, de um velho Shylock, já caracterizado, esperando, nos bastidores, a hora de entrar em cena, a recitar a meia voz os primeiros versos. Dentro de dez anos, dominador, mas de muletas, chegaria a estes salões, onde o impusera a fraqueza dos La Trémoille, lamentando-se por ter de visitá-los. De que lhe serviria isso?

Das mudanças produzidas na sociedade eu poderia extrair verdades tanto mais valiosas e dignas de cimentar uma parede de minha obra quanto não eram, como talvez eu me inclinasse a crer, no primeiro momento, peculiares a nossa época. Quando, noviço, eu penetrei, mais alheio do que agora Bloch, no ambiente dos Guermantes, talvez tenha tomado por parte integrante dele elementos heterogêneos, recentemente agregados, parecendo estranhamente novos aos antigos, dos quais eu não os distinguia, e que, por sua vez, embora aceitos pelos duques de então como membros natos de *faubourg*, haviam sido *parvenus*, por si mesmos ou por seus pais ou avós. Não era, pois, tão brilhante este meio por só se compor de gente de prol, mas pelo dom de assimilar mais ou menos completamente os adventícios, de torná-los, em cinqüenta anos, perfeitos mundanos. Mesmo no passado para onde, a fim de o revestir de toda a sua grandeza, eu recuava, aliás com razão, o nome dos Guermantes, que gozavam sob Luís XIV de prestígio superior ao de hoje, já se dava de maneira idêntica o fenômeno que registro. Não se aliaram então à família Colbert, por exemplo, que hoje, é certo, reputamos fidalga, pois não é uma Colbert ótimo partido para um La Rochefoucauld? Mas não atraiu os Guermantes a fidalguia dos Colbert, ainda simples burgueses, enobrecidos, isso sim, por essa aliança. Se o nome d’Haussonville se extinguir com o representante atual dessa casa, atribuir-lhe-ão talvez o lustro a Madame de Staël, quando, todavia, antes da Revolução, o sr. d’Haussonville, um dos mais ilustres senhores do reino, gabava-se junto do sr. de Broglie de não conhecer o pai de Madame de Staël, e não o poder, portanto, apresentá-lo como a ele, d’Haus-

sonville, não o poderia apresentar o sr. de Broglie, não imaginando nem um nem outro que seus filhos desposariam um dia, respectivamente, a filha e a neta da autora de *Corine*. Eu percebera, por certas palavras da duquesa de Guermantes, que talvez pudesse ter feito na sociedade figura de homem elegante, sem título, mas facilmente aceito como tradicionalmente filiado à aristocracia, a mesma de Swann, e antes dele de Lebrun, de Ampère, de todos os amigos da duquesa de Broglie, ela própria em seu tempo recém-vinda na alta-roda. As primeiras vezes que jantei em casa da sra. de Guermantes, devo ter escandalizado homens como o sr. de Beausseuil, menos por minha presença do que pelas observações reveladoras de minha completa ignorância de recordações que lhe constituíam o passado e moldavam os hábitos sociais. Um dia, quando, muito idoso, Bloch possuir do salão Guermantes, tal como agora se lhe apresentava aos olhos, lembranças remotas, experimentará sem dúvida a mesma irritação diante de certas intrusões, de certas ignorâncias. E, por outro lado, terá provavelmente adquirido e irradiará as qualidades de tato e discrição que me pareciam privilégio de homens como Norpois, mas que renascem e se encarnam naqueles que acima de todos se nos afiguravam dever repeli-las. Aliás, a oportunidade que me facultara a admissão na sociedade dos Guermantes, eu a considerara algo de excepcional. Mas, a despeito de sair pouco de mim e de meu ambiente imediato, verificava não ser tão raro como supusera esse fenômeno social, revelando-se, em suma, assaz numerosos os repuxos que, do mesmo lago de Combray onde eu nascera, se elevavam simetricamente a mim, acima da massa líquida que os alimentava. Certamente, tendo sempre qualquer coisa de peculiar as circunstâncias, e de individual os caracteres, diferiram os modos por que Legrandin (graças ao estranho casamento de seu sobrinho) a seu tempo penetrara nesse meio, por que a filha de Odette se lhe aparentara, por que o próprio Swann e depois eu lá chegamos. Para mim, que me enclausurara em minha vida e só dentro a via, a de Legrandin me parecia não se relacionar com ela, e seguir rumo oposto, como quem margeia o curso de um regato em seu vale profundo não percebe outro córrego, divergente, que vai, apesar dos desvios de seu leito, desaguar no mesmo rio. Mas, numa rápida visão panorâmica — semelhante à dos estatísticos, indiferentes aos motivos sentimentais, às imprudências evitáveis que determinaram a morte de tal pessoa, atentos, apenas ao número de falecimentos num ano —, viam-se muitos seres, partidos do meio cuja descrição ocupou o início desta narrativa, instalados em outro totalmente diverso,

sendo provável que, dada a média de casamentos realizados anualmente em Paris, qualquer outro meio burguês, rico e culto, fornecesse em proporções equivalentes indivíduos jogando-se, como Swann, como Legrandin, como eu e Bloch, no oceano da “alta sociedade”. E aí reconheciam-se uns aos outros, pois se o jovem conde de Cambremer maravilhava a toda gente com sua distinção, sua graça, sua sóbria elegância, eu via nelas — como também em seu belo olhar e em seu ardente desejo de impor-se — as características de seu tio Legrandin, isto é, um velho amigo bem burguês, embora de feição aristocrático, de meus pais.

A bondade, simples maturação que acabara adoçando naturezas primitivamente ácidas como a de Bloch, é tão comum como o sentimento de justiça que nos leva, se for boa nossa causa, a não temer um juiz hostil mais do que um juiz amigo. E os netos de Bloch serão bons e discretos quase instintivamente, o que com Bloch certamente não se dera. Mas notei que, enquanto outrora fingia crer-se obrigado a viajar duas horas de trem a fim de visitar alguém que não o convidara, agora que recebia muitos convites, não apenas para almoços e jantares, mas para passar quinze dias aqui ou ali, recusava vários, e sem contar nada, sem jactar-se de ser instado e escusar-se. A discrição, discrição nos atos, nas palavras, lhe viera com o prestígio e os anos, como uma espécie de maioridade social, se assim se pode dizer. Sem dúvida, mostrar-se antes tão discreto como incapaz de benevolência, de um conselho amigo. Mas certos defeitos prendem-se menos a tal ou qual indivíduo do que a determinada fase da existência, considerada do ponto de vista social. São quase exteriores aos seres, que se colocam sob sua luz como sob solstícios diversos, preexistentes, gerais, inevitáveis. Os médicos que buscam verificar se tal medicamento aumenta ou diminui a acidez do estômago, lhe ativa ou retarda as secreções, obtêm resultados variáveis, não segundo a víscera da qual tiram o suco gástrico, mas o instante mais ou menos próximo da ingestão do remédio em que procedem ao exame.

Assim, em cada período de sua duração, o nome de Guermantes, entendido como um resumo de todos quantos enfeixava em si mesmo ou em suas cercanias, sofria perdas, recrutava elementos novos, à semelhança dos jardins onde flores mal desabrochadas, destinadas a substituir as que forem murchando, confundem-se numa massa que parece sempre igual, salvo para os que não haviam ainda visto as novas e guardam na lembrança a imagem precisa das antigas.

Várias das pessoas reunidas ou evocadas nesta *matinée* apresentavam a meus olhos os aspectos que sucessivamente me haviam oferecido, de acordo com as circunstâncias diferentes, opostas, nas quais me haviam aparecido, evidenciando assim as faces múltiplas de minha vida, as diversidades de perspectiva, como um acidente de terreno, uma colina ou um castelo que, surgindo ora à direita, ora à esquerda, parece a princípio dominar uma floresta, depois erguer-se de um vale, e revela assim ao viajante as mudanças de orientação e altitude da estrada por onde segue. Subindo cada vez mais, eu chegava a encontrar imagens de uma mesma criatura, separadas por tão largo intervalo cronológico, conservadas por formas tão distintas do meu “eu”, revestidas de significações tão diferentes, que as omitia quando acreditava abranger o fluir de minhas relações com quem as provocara, e nem me pareciam pertencer-lhes, até que algum casual relâmpago de atenção me permitisse filiá-las, como a uma etimologia, a seu sentido inicial. A srta. Swann lançava-me, por sobre a cerca de róseos espinhos, um olhar cuja expressão, a do desejo, só retrospectivamente pude alcançar. O amante da sra. Swann, segundo a crônica de Combray, fitava-me, por detrás da mesma sebe, com um ar duro cuja significação também no momento não desvendei, e, aliás, mudou depois a ponto de não o reconhecer eu no homem que, em Combray, mirava um anúncio perto do Cassino, do qual me vinha, quando muito de dez em dez anos, a lembrança, com esta reflexão: “Mas já era o sr. de Charlus, parece incrível!”. A sra. de Guermantes no casamento da filha do dr. Percepied, a sra. Swann vestida de rosa, na casa de meu tio-avô, a sra. de Cambremer, irmã de Le-grandin, tão elegantes que este receava ter de apresentar-nos, constituíam com outras, de Swann, Saint-Loup etc., figuras que, quando me voltavam, eu me divertia em colocar como frontispício no limiar de minhas relações com toda essa gente, parecendo de fato apenas imagens, não gravadas em mim pelo ser de que provinham, ao qual nada mais as ligava. Não somente há criaturas dotadas de memória e outras dela destituídas (sem contudo atingirem o alheamento completo dos embaixadores da Turquia), nas quais há sempre lugar — a notícia procedente esvanecendo-se em oito dias ou tendo a seguinte o dom de exorcizá-la — para as novidades contraditórias que lhes comunicam, como, mesmo com dons equivalentes de memória, duas pessoas não retêm os mesmos fatos. Uma terá dado meia atenção ao incidente do qual a outra conservará persistentes remorsos, e, em compensação, haverá captado no vôo, como sinal característico de simpatia, uma palavra que aquela dei-

xava escapar sem refletir. O desejo de não se ter enganado ao emitir um falso prognóstico abrevia a duração de lembrança deste e permite em breve afirmar-se não o haver proferido. Enfim, um interesse mais profundo, mais gratuito, torna diversas as memórias, podendo um poeta, quase completamente esquecido de sucessos que outros lhe recordam, guardar uma impressão entretanto fugitiva. De tudo isso resulta que, após vinte anos de ausência, encontramos, em vez de rancores esperados, perdões involuntários, inconscientes e, inversamente, ódios inexplicáveis (pois de nosso lado esquecemos as más impressões que deixamos). Até da história dos que nos são mais familiares perdemos as datas. Porque havia pelo menos vinte anos que vira Bloch pela primeira vez, a sra. de Guermantes juraria ter este nascido em sua roda e sido aos dois anos embalado ao colo da duquesa de Chartres.

E quantas vezes essas pessoas se me apresentaram, no decurso de seus dias, em circunstâncias que pareciam trazer os mesmos seres, mas sob formas e para fins vários; e a diversidade dos pontos de minha existência por onde passara o fio da de cada uma dessas personagens acabara por emaranhar os mais distantes, como se a vida possuísse um número limitado de fios para executar os mais variegados desenhos. Que haveria, por exemplo, de mais diverso, em meus muitos passados, do que as visitas a meu tio Adolphe, o sobrinho da sra. de Villeparisis, prima do marechal, ou Le-grandin e a irmã, ou o antigo alfaiate do pátio de nosso edifício, amigo de Françoise? E hoje todos esses fios diferentes estavam reunidos, aqui na trama do casal Saint-Loup, ali no outrora jovem par Cambremer, para não falar de Morel, nem de tantos outros cuja inserção concorrera para formar um conjunto tão bem urdido que parecia uma unidade perfeita, da qual os indivíduos representavam apenas os elementos componentes. E minha vida já se fazia bastante longa para suscitar-me, nas regiões opostas da memória, em correspondência com os seres dos quais me aproximava, outros que o completavam. Aos Elstir, cujo lugar nesta evocação era um penhor da glória adquirida, eu somava minhas mais antigas lembranças dos Verdurin, dos Cottard, a conversa no restaurante de Rivebelle, a manhã em que conhecera Albertine, e tanta coisa mais. Assim um amante de arte a quem mostram o painel de um retábulo sabe em que igreja, em que museu, em que coleção particular andam dispersos os demais (e como, lendo catálogos de vendas ou freqüentando antiquários, logra encontrar o objeto gêmeo do que possui e com este forma par, reconstitui mentalmente o políptico, o altar todo). Como a caçamba guindada num poço

toca por diversas vezes, de lados opostos a corda presa à roldana, quase não havia pessoa ou coisa alguma que, havendo figurado em minha vida, nela não representasse diversos papéis. Se, ao cabo de alguns anos, acontecia-me desencavar da memória uma simples relação mundana, ou mesmo um objeto material, logo verificava que, pela incessante urdidura de fios vários em seu torno, compusera-lhes a vida um belo casulo aveludado, semelhante aos que, nos velhos parques, recamam de esmeraldas os humildes canos de água.

Não era apenas exteriormente que tantas criaturas pareciam personagens de sonho. Nelas próprias, a vida, já na quadra da mocidade e do amor meio sonolenta, tornava-se cada vez mais um sonho. Esquecidas até de seus ódios e ressentimentos, precisariam, para certificar-se de que falavam a alguém a quem havia dez anos não dirigiam a palavra, consultar um registro, mas este tinha a imprecisão dos pesadelos onde nos sentimos insultados, mas sem saber qual o agressor. As contradições flagrantes da política, reunindo num mesmo ministério indivíduos que se haviam mutuamente acusado de assassínios ou traições, provinham de tais sonhos. E em certos velhos tornava-se tal sonho expresso como a morte após a realização do ato do amor. Naqueles momentos, nada se poderia indagar do presidente da República, esquecido de tudo. Depois, se o deixavam descansar alguns dias, a lembrança dos negócios públicos lhe voltava, fortuita como um devaneio.

Por vezes, mais de uma imagem me acudia do ser tão diferente do que depois se me mostrara. Durante anos, Bergotte me parecia um doce ancião divino, e eu me sentira paralisado, como por um fantasma, diante do chapéu cinza de Swann, do mantô violeta de sua mulher, do mistério em que, até num salão, envolvia a duquesa de Guermites o nome de sua raça: origens quase fabulosas, encantadora mitologia de relações depois banais, que graças a seus inícios se prolongavam no passado como em pleno céu, com fulgor semelhante ao da cauda brilhante de um cometa. E ainda as que não haviam começado misteriosamente, como as minhas com a sra. de Souvré, hoje tão secas e puramente mundanas, guardavam em seus primórdios o sorriso inaugural, mas calmo, mais doce, untuosamente esboçado na plenitude de uma tarde à beira-mar, de um primavera crepúsculo parisiense, ressoante de equipagens, de poeira redemoinhante, de sol agitado como água. E talvez a sra. de Souvré pouco valesse fora desse quadro — como certos monumentos (a Santa Maria della Salute, por exemplo) que, sem grande beleza própria, ressaltam admiravelmente lá onde es-

tão colocados —, mas fazia parte de um lote de recordações que, umas pelas outras, eu avaliava alto, sem indagar qual a parte exata da sra. de Souvré.

Uma coisa espantou-me em todos esses seres mais do que suas mudanças físicas e sociais: a idéia diferente que agora faziam uns dos outros. Legrandin desprezara outrora Bloch e nem se dignava falar-lhe. Pois mostrou-se muito amável para com ele. Não por causa de sua melhor situação, o que neste caso nem mereceria menção, as alterações sociais acarretando forçosamente as das posições respectivas daqueles que atingem. Mas porque as criaturas — isto é, o que para nós significam — não têm em nossa memória a uniformidade de um quadro. Evoluem ao sabor de nossos olvidos. Chegamos às vezes a confundi-las com outras: “Bloch, aquele moço que costumava ir a Combray”, diziam, pensando em mim. Inversamente, a sra. Sazerat atribuía-me uma tese histórica sobre Filipe II (da autoria de Bloch). Mesmo sem cair em tais trocas, esquecemos as canalhices de um sujeito, seus defeitos, a última vez que nos separamos sem lhe apertar a mão, e, ao contrário, lembramo-nos de outro encontro anterior, quando nos dávamos bem. A esses encontros anteriores prendia-se a cordialidade que Legrandin testemunhava a Bloch, talvez por se lhe ter apagado um trecho do passado, talvez por julgá-lo prescrito, no misto de perdão, olvido e indiferença que é um dos efeitos do Tempo. Aliás, nem no amor coincidem as recordações. Albertine me repetia exatamente uma frase minha numa de nossas primeiras entrevistas, que de todo me esquecera. De outro fato, que se me gravara para sempre, ela não tinha a menor idéia. Nossas vidas paralelas eram como essas orlas de alamedas onde de distância em distância se vêem vasos de flores, simétricos mas alternados. Com maioria de razão compreende-se que, no caso de pessoas mais afastadas, mal saibamos quem são, ou nos deixemos dominar por impressões remotas, diversas das que depois nos causaram, sugeridas pelo meio onde novamente as encontramos, constituído por gente que, só recentemente as tendo conhecido, lhes emprestava qualidades e destaque não possuídos outrora e que desmemoriados para logo aceitamos.

Sem dúvida, pondo diversas vezes em meu caminho essas criaturas, a vida as apresentara a mim envoltas em situações especiais, que me tiravam a perspectiva e impediam-me de lhes penetrar na essência. Esses mesmos Guermites, objetos para mim de tão lindo sonho, só os vira, inicialmente, sob o aspecto de uma velha amiga de minha avó, ou de um homem que, em pleno dia, me fitara

de modo desagradabilíssimo no jardim do Cassino. (Pois há entre nós e os outros seres uma barreira de contingências semelhante à que, na percepção, impede o contato direto entre a realidade e o espírito, como me demonstraram minhas leituras em Combray.) Só mais tarde, diante de seu nome, convenci-me de que, conhecendo-os, conhecera os Guermantes. Mas talvez me tornasse mais poética a vida o fato de a raça misteriosa, de olhos perfurantes e bico de pássaro, a raça rósea, dourada, inatingível, se me haver, tão repetida e naturalmente, graças a circunstâncias cegas e várias, oferecido à contemplação, ao comércio, à intimidade, a ponto de, para ser apresentado à sra. de Stermaria ou encomendar vestidos para Albertine, eu me ter dirigido aos Guermantes, como aos mais serviciais de meus amigos. Sem dúvida, tanto quanto os outros mundanos que depois conheci, enfadava-me freqüentá-los. O encanto da própria duquesa de Guermantes, como o de certas páginas de Bergotte, só me era sensível a distância, esvaindo-se de perto, visto residir em minha memória e em minha imaginação. Mas enfim, apesar de tudo, os Guermantes, assim como Gilberte, diferiam dos outros grã-finos, por lançarem fundas raízes em meu passado, na época em que fora sonhador e acreditara nos homens. O que agora com tédio possuía, conversando com uns e outros, nada mais seria senão a realização dos sonhos que na infância julgara mais belos e inacessíveis, consolava-me confundir, como uma negociante cujos assentamentos são malfeitos, o valor da posse com o preço ao qual os cotara meu desejo.

Mas com outros seres a história de minhas relações se enfunava de devaneios mais ardentes, concebidos sem esperança, onde florescia com tal exuberância minha vida de então, a eles dedicada, que não chegava a entender como, efetivados, se reduziam à rala fita, estreita e desbotada, de uma intimidade fria e espaçada, sem resquícios do que lhe constituía o mistério, a febre, a doçura.

“Que é feito da marquesa d’Arpajon?”, perguntou a sra. de Cambremer. “Morreu”, retrucou Bloch. “Não, você está confundindo com a condessa d’Arpajon, que faleceu no ano passado.” A princesa de Malta entrou na discussão; jovem viúva de um velho marido riquíssimo e de alta linhagem, ela era freqüentemente pedida em casamento, o que lhe dava grande confiança em si. “A marquesa d’Arpajon também morreu, há mais ou menos um ano.” “Um ano! Garanto que não”, afirmou a sra. de Cambremer, “estive há menos de um ano num concerto em sua casa.” Bloch e os

gigolôs elegantes não puderam tomar parte nos debates, distantes como estavam de todas essas mortes de anciães, quer pela enorme diferença de idade, quer (como Bloch) por terem entrado recentemente de esguelha, num círculo novo, já em declínio, cujo crepúsculo não lhes poderia iluminar a projeção de um passado que desconheciam. E para a gente da mesma época e do mesmo meio, a morte perdera sua estranheza. Quem manda diariamente saber notícias de muitos amigos em estado grave, dos quais uns se restabelecem e outros sucumbem, não pode saber ao certo se alguém que nunca tivera ocasião de ver escapara à congestão pulmonar ou se finara. A morte se multiplicava e fazia-se mais indecisa entre os velhos. No cruzamento de duas gerações e de duas sociedades que, mal colocadas, por motivos diversos, para enxergar a morte, quase a confundiam com a vida, aquela se humanizara, transformara-se num incidente próprio a mais ou menos qualificar as criaturas; sem demonstrar no tom de voz a consciência de que esse episódio rematava tudo para aquele de quem falavam, diziam: “Mas você se esquece de que fulano morreu”, como diriam: “Foi condecorado” (característica diferente, mas não mais importante), “É da Academia”, ou — o que, impedindo igualmente de comparecer às reuniões, vinha a dar no mesmo — “Foi passar o inverno no sul”, “Mandaram-no para um clima de montanha”. Em se tratando de homens conhecidos, o que deixavam ao morrer ainda servia para lembrar que já não existiam. Mas dos simples mundanos macróbios, ninguém sabia bem se estavam ou não vivos, não só por ser vago ou estar esquecido seu passado, como por não se prenderem de modo algum ao futuro. E a dificuldade por todos experimentada em distinguir, na velha gente da sociedade, as doenças, a ausência, o retiro no campo ou a morte, provava, tanto quanto a indiferença dos hesitantes, a insignificância dos defuntos.

“Mas, se não morreu, por que é que ninguém mais a vê, nem ao marido?”, perguntou uma solteirona metida a engraçada. “Eu te explico”, redargüiu a mãe, que, apesar de quinquagenária, não perdia uma festa, “é porque estão velhos e em sua idade não se sai mais.” Era como se, antecedendo ao cemitério, houvesse uma cidade fechada, de velhos, com lâmpadas sempre acesas na bruma. A sra. de Sainte-Euverte cortou a discussão declarando que a condessa d’Arpajon morreria, haveria um ano, após longa enfermidade, mas que a marquesa também morreria depois, rápida “e obscuramente”, morte nisto semelhante à vida de toda aquela gente, e que, trazendo em si o motivo pelo qual passara despercebida, desculpava as confusões. À afirmação de que a sra. d’Arpajon fa-

lecera realmente, a solteirona lançou à mãe um olhar alarmado, temerosa de que a “impressionasse” a morte de suas “contemporâneas”; acreditava ouvir de antemão comentarem seu fim com esta explicação: “Ficou ‘muito impressionada’ com a morte da sra. d’Arpajon”. Mas a mãe, ao contrário, sentia-se como se tivesse derrotado em concurso adversários notáveis, cada vez que “desaparecia” alguém de sua idade. A morte alheia era-lhe o único meio de tomar agradavelmente consciência da própria vida. À solteirona não escapou a quase satisfação da mãe ao dizer a sra. d’Arpajon enclausurada numa das casas de onde não saem os velhos fatigados, e sobretudo ao sabê-la na Cidade do Além, aquela de onde não se volta.

E, para divertir as amigas, fez-lhes depois uma narrativa depopulante do caso, apresentando a mãe a esfregar as mãos e a exclamar prazerosamente: “Meu Deus, é mesmo verdade que morreu a pobre d’Arpajon!” Essa morte foi um regozijo até para os que não precisavam dela a fim de felicitar-se por estarem vivos. Porque toda morte é para os outros uma simplificação da existência, anula os escrúpulos de gratidão, as visitas obrigatórias. Não foi contudo assim que Elstir recebeu a morte do sr. Verdurin.

Devendo ir ainda a duas recepções, e tomar chá com duas rainhas, uma senhora saiu. Era a princesa de Nassau, a grande *cocotte* da sociedade de meu tempo. Mas, a não ser pela estatura reduzida — o que, pondo-lhe a cabeça mais baixa do que antigamente, fazia supô-la, como se diz, “com um pé na sepultura” —, não parecia envelhecida. Era ainda a mesma Maria Antonieta de nariz austríaco e delicioso olhar, conservada embalsamada graças a mil cremes de beleza que, maravilhosamente combinados, lhe compunham uma face lilás. Nimbava-a, emanando das muitas reuniões seletas onde era esperada, uma graça confusa e meiga, feita de pena de partir, de promessas de retorno, de discreta esquivância. Nascida quase nos degraus de um trono, casada três vezes, sustentada durante longo tempo, luxuosamente, por grandes banqueiros, sem falar nas incontáveis fantasias que se permitira, ela ostentava com galhardia, a par dos admiráveis olhos redondos, da face esmaltada, do vestido malva, as recordações um tanto confusas desse passado inumerável. Como passasse diante de mim ao sair “à inglesa”, eu a cumprimentei. Reconheceu-me, apertou-me a mão e fixou em mim as pupilas redondas e malva, que pareciam dizer: “Há quanto tempo não nos vemos, conversaremos melhor

de outra vez”. Sem saber se, no carro, uma noite em que voltáramos juntos da casa da duquesa de Guermantes, houvera ou não alguma coisa entre nós, reforçou a pressão dos dedos. Parecia, na dúvida, aludir ao que não se dera, sem maior dificuldade, pois deitava olhares ternos a uma simples torta de morangos e assumia, quando, num concerto se via obrigada a sair antes do fim, a atitude desesperada da ruptura não definitiva. Mas, incerta sobre o possível caso comigo, não prolongou a furtiva carícia, nem me disse uma só palavra. Lançou-me apenas, como já notei, um olhar que significava: “Há quanto tempo!”, no qual perpassaram seus maridos, seus generosos amantes, duas guerras, as pupilas estelares, semelhantes a relógios astronômicos talhados em opalas, marcando sucessivamente todas as horas solenes de um passado remoto, sempre presente quando pretendia do mesmo passo saudar e escusar-se. Depois, deixando-me, caminhou ligeira para a saída, a fim de não incomodar os outros, e também de mostrar-me que só não ficara a palestrar comigo por estar com pressa, devendo recuperar o minuto perdido se quisesse chegar pontualmente ao chá da rainha da Espanha, da qual era a única convidada. Até, perto da porta, pareceu-me que se ia pôr a correr. Corria, com efeito, para o túmulo.

Enquanto isso, ouvia-se a princesa de Guermantes repetir, exaltada, com a voz metálica que lhe dava a dentadura: “É isso mesmo, faremos um grupo! Faremos um grupo! Gosto desta mocidade tão inteligente, tão pronta a aderir! Ah! que *mugichista* está aqui!” O grande monóculo no olho redondo, falava meio risonha, meio triste por não poder manter por muito tempo o mesmo entusiasmo, mas até o fim “pronta a aderir”, a organizar “um grupo”.

Eu me sentara junto de Gilberte de Saint-Loup. Falamos de Robert, Gilberte em tom de deferência, como se se tratasse de um ente superior, ao qual me quisesse mostrar como compreendera e admirara. Lembramos um ao outro quanto as idéias que ele professara sobre a arte militar (pois lhe repetira em Tansonville as mesmas teses que sustentara diante de mim em Doncières e depois alhures) haviam freqüentemente, e, em suma, em numerosos pontos, sido confirmadas pela última guerra. “Não lhe posso dizer a que ponto me impressionam agora as menores coisas que ele me dizia em Doncières e também durante a guerra. As últimas palavras que lhe ouvi, quando nos despedimos para sempre, foram sobre seu desejo de ver Hindenburg, general napoleônico, enfrentar um dos

tipos de batalha napoleônica, o que visa a cindir dois adversários, provavelmente, acrescentou, os ingleses e nós. Ora, apenas um ano após a morte de Robert, um crítico ao qual votava profunda admiração, e que exercia visivelmente grande influência sobre suas teorias militares, Henry Bidou, dizia que a ofensiva de Hindenburg em março de 1918 era a ‘batalha da ruptura, por parte de um exército em formação concentrado de dois exércitos dispostos em linha, manobra que o imperador realizou com bom êxito em 1796 nos Apeninos e malogrou em 1815 na Bélgica’. Pouco antes, Robert comparara diante de mim as batalhas a peças teatrais nas quais nem sempre é fácil saber o que pretendia o autor, tendo seu plano sido alterado durante os ensaios. No tocante à ofensiva alemã de 1918, interpretando-a assim, Robert não estaria certamente de acordo com o sr. Bidou. Mas outros críticos pensam que o vitorioso avanço de Hindenburg na direção de Amiens, seguido de um estacionamento forçado, e o triunfo em Flandres, sucedido por novo estacionamento involuntário, transformaram Amiens e Bolonha, acidentalmente afinal, em objetivos dos quais não cogitara. E, cada um sendo livre de refazer a seu modo uma peça, alguns viram nessa ofensiva o prenúncio de uma marcha fulminante sobre Paris, outros, golpes cegos e desordenados para destruir o exército inglês. E, ainda quando as ordens dadas pelos chefes se opõem a tal ou tal concepção, resta aos críticos o recurso de dizer, como Monnet-Sully a Coquelin, que lhe afirmava não ser *Le misanthrope* a comédia triste e dramática que desejava levar (pois, segundo o testemunho de contemporâneos, Molière dava-lhe uma interpretação cômica que provocava risos): ‘Ora, era Molière quem estava errado’.”

“E sobre os aviões”, acrescentou Gilberte, “lembra-se de quando ele dizia (falava tão bem!): ‘Cada exército deve ser um Argos de cem olhos’. Infelizmente não pôde assistir à realização de suas teorias.” “Pôde sim”, repondi; “na batalha do Somme pôde ver que começaram por cegar o inimigo, furando-lhe os olhos, destruindo-lhe os aviões e balões cativos.” “Ah! é isso mesmo.” E como, depois que só vivia para a inteligência, se tornara um pouco pedante: “Acreditava também na volta aos antigos métodos. Pois reparou como, nesta guerra, as expedições da Mesopotâmia” (ela deve ter lido isso, na ocasião, nos artigos de Brichot) “evocam a todo instante, inalterada, a retirada de Xenofonte? E para ir do Tigre ao Eufrates, o comandante inglês serviu-se de barcos estreitos e longos, as gôndolas locais, já usadas pelos antigos caldeus”. Estas palavras me fizeram sentir a estagnação do passado,

que, em certos lugares, por uma espécie de peso específico, se imobiliza indefinidamente, podendo ser sempre recobrado intato. E confesso que, pensando em minhas leituras em Combray, tão perto de Robert, impressionou-me — como na campanha da França a menção à trincheira de Madame de Sévigné — ver no Oriente, a propósito do cerco de Kout-el-Amara (Kout, o Emir, como nós dizemos *Vaux-le-Vicomte* e *Boilleau-l’Evêque*, explicaria o pároco de Combray se estendesse às línguas orientais sua sede de etimologia), aliar-se ao de Bagdá o nome de Baçorá, do qual tanto se fala nas *Mil e uma noites*, por onde, muito antes do general Townsend, no tempo dos califas, passava Simbad, o Marujo, para voltar a Bagdá ou de lá sair.

“Não lhe escapou um aspecto da guerra”, prossegui; “percebeu que é humana, podendo ser vivida como um amor ou como um ódio, narrada como um romance, e que, por conseguinte, a convicção de ser a estratégia uma ciência pouco adiante para entender a guerra, que não é estratégica. Como ignoramos os projetos da mulher amada, os generais ignoram os do inimigo, que talvez nem os tenha deliberado. Os alemães, na ofensiva de 1918, pretendiam tomar Amiens? Não se sabe com certeza. É possível que também eles não o soubessem; previamente, que o plano nascesse do progresso de suas forças a oeste, no rumo de Amiens. Ainda supondo a guerra científica, será necessário pintá-la como Elstir o mar, ao revés, partindo das ilusões, das crenças pouco a pouco retificadas, tal como Dostoiévski reconstituiria uma existência. É aliás fora de dúvida que a guerra não é estratégica, mas antes patológica, comportando acidentes imprevistos que o clínico talvez pudesse evitar, como a Revolução russa.”

Nesta conversa, Gilberte se referira a Robert com um respeito que mais parecia dirigido a meu finado amigo do que a seu defunto esposo. Era como se me dissesse: “Sei quanto você o admirava. Quero mostrar-lhe que também compreendi o ente superior que ele foi”. E todavia o amor que já não lhe dedicava à memória talvez fosse a causa remota das peculiaridades de sua vida atual. Era agora inseparável de Andrée. Embora esta começasse, graças sobretudo ao talento do marido, a penetrar, não sem dúvida na roda dos Guermantes mas num meio infinitamente superior ao que outrora freqüentava, causara espécie sua intimidade com a marquesa de Saint-Loup. O fato pareceu sintoma, em Gilberte, de inclinação para o que lhe parecia a vida artística, e, portanto, para a queda de nível social. Esta explicação pode ser verdadeira. Outra me veio porém ao espírito, sempre imbuído da noção de que

as imagens aqui e ali reunidas são geralmente o reflexo, ou de qualquer modo o efeito, de um agrupamento anterior, simétrico mas diverso, de outras imagens muito distantes das do segundo. Parecia-me que, se se viam juntos todas as noites Andrée, o marido e Gilberte, talvez fosse porque, há anos, ter-se-ia podido ver o marido de Andrée vivendo com Rachel e abandonando-a pela atual esposa. É provável que então Gilberte, no mundo muito fechado e muito alto onde vivia, de nada houvesse sabido. Mas deveria ter sido informada mais tarde, quando Andrée subira e ela própria descera o bastante para se avistarem. Sofrera certamente naquele momento a atração da mulher causadora do abandono de Rachel pelo homem, sem dúvida sedutor, que preferira a Robert.

Assim talvez a presença de Andrée evocasse para Gilberte o romance de mocidade que fora seu amor por Robert, e lhe inspirasse o maior respeito pela amada do homem tão querido por aquela Rachel que sentia ter sido mais cara ao marido do que ela própria. Mas é também possível que, ao contrário, tais reminiscências em nada entrassem na predileção de Gilberte pelo casal de artistas, devidas simplesmente — como tantas vezes acontece — ao desenvolvimento dos desejos, em regra inseparáveis nas mundanas, de instruir-se e de acanalhar-se. Gilberte se lembraria quicá tão pouco de Robert como eu de Albertine, e, ainda sabendo ter sido Rachel quem o artista deixara por Andrée, não pensasse, quando juntos os via, nesse fato que não influíra em sua simpatia por eles. Não se poderia verificar não apenas a verossimilhança, mas a veracidade de minha primeira explicação, sem o testemunho dos interessados, único recurso em casos tais, dado que em suas confidências houvesse clarividência e sinceridade. Ora, consegue-se raramente a primeira, e nunca a segunda.

“Mas como vem a reuniões tão numerosas?”, perguntou-me Gilberte. “Vê-lo nesta balbúrdia não corresponde à idéia que faço de você. Onde menos esperava encontrar era nestas festanças de minha tia, já que tenho uma tia”, acrescentou maliciosamente, pois, sendo sra. de Saint-Loup antes de a sra. Verdurin entrar para a família, e considerando-se legítima Guermantes, sentia-se atingida pela *mésalliance* feita pelo tio ao desposar a sra. Verdurin, a quem, é verdade, ouvira tantas vezes ridicularizar pelos parentes, que, evidentemente, só em sua ausência aludiam à *mésalliance* de Saint-Loup. Afetava, aliás, tanto maior desdém por essa tia duvidosa quanto a princesa de Guermantes, pela espécie de perversão que leva a gente inteligente a evadir-se das convenções, e também pela necessidade de recordar-se, comum em pessoas idosas, e a fim

de prover de um passado em sua recente elegância, gostava de dizer, a respeito de Gilberte: “Esta menina não é para mim uma relação nova; conheci muito sua mãe, amiga de minha prima Mar-santes. Foi até em minha casa que ela encontrou o pai de Gilberte. Quanto ao pobre Saint-Loup, conheci-lhe toda a família; seu tio foi meu íntimo antigamente, na Raspelière”. “Veja que os Verdurin não eram pés-rapados”, observavam-me os que ouviam falar assim a princesa de Guermantes, “eram velhos amigos da família da sra. de Saint-Loup.” Talvez eu fosse o único a saber, por meu avô, que de fato não seriam pés-rapados os Verdurin. Mas não exatamente por terem freqüentado Odette. Mas é tão fácil embelezar-se as narrativas de um passado do qual já ninguém está a par, como as das viagens por países aonde ninguém foi. “Enfim”, concluiu Gilberte, “já que você deixa de vez em quando sua Torre de Marfim, não apreciaria mais pequenas reuniões íntimas em minha casa, só com espíritos simpáticos? Mixórdias descomunais, como esta, não são para seu feitio. Vi-o conversar com minha tia Oriane, possuidora de todas as qualidades que quiserem, mas a quem — não é? — não caluniaremos dizendo que não pertence à elite intelectual.” Eu não podia comunicar a Gilberte as idéias que há uma hora me vinham, mas pareceu-me que, no terreno da pura distração, ela serviria a meus prazeres, os quais, com efeito, não se resumiriam em falar de literatura com a duquesa de Guermantes — nem com a sra. de Saint-Loup. Certamente, pretendia recomençar no dia seguinte, desta vez visando a um fim determinado, a viver na solidão. Nem em casa receberia nas horas de trabalho, pois o dever de realizar minha obra superava o de ser polido, ou mesmo compassivo. Os visitantes insistiriam, sem dúvida. Todos os que há tanto tempo não me viam acabavam de encontrar-me e me julgavam curado. Obstinar-se-iam no propósito de falar-me, pois só me procurariam depois de terminado o labor de seu dia, ou de sua vida, e teriam então tanta necessidade de minha presença quanto outrora eu da de Saint-Loup, porque — como já eu presentira em Combray, quando meus pais me vinham censurar precisamente no momento em que, a sua revelia, eu acabava de tomar as mais louváveis resoluções — não marcam as mesmas horas os relógios interiores distribuídos aos homens, soando num a do repouso e noutra a do trabalho, apontando o do juiz a do castigo quando desde muito mostrava o do culpado a do arrependimento e do aperfeiçoamento íntimo. Mas, a quem me visitasse ou convidasse, eu teria a coragem de responder que, a fim de ser informado de coisas essenciais, tinha uma entrevista urgente, importantís-

sima, comigo mesmo. E entretanto, embora quase não existam relações entre nosso eu verdadeiro e o outro, pode parecer egoísmo, em virtude da homonímia e do corpo comum a ambos, a abnegação que nos leva a sacrificar os deveres mais fáceis e até os divertimentos. E, aliás, não seria para com eles me ocupar que ia afastar-me dos queixosos de minha ausência, para com eles me ocupar mais a fundo do que o faria a seu lado, para tentar revelá-los a si mesmo, realizá-los? Que adiantaria se, por mais alguns anos, eu perdesse noites a fio respondendo ao eco mal extinto de suas palavras com o som igualmente vão das minhas, pelo estéril prazer de um contato mundano que exclui a penetração? Não seria melhor que, de seus gestos, de suas frases, de sua vida, de sua natureza eu buscasse traçar a curva e descobrir a lei geral? Infelizmente, teria de lutar contra o vezo de nos colocar no lugar dos outros, que, se favorece a concepção da obra, lhe retarda a execução. Pois, por uma polidez superior, essa tendência nos induz a imolar aos outros não somente nossas preferências, mas nosso dever, já que, do ponto de vista alheio, este, seja qual for, seja o de ficar na retaguarda, onde será útil, quem na frente não pode prestar serviços poderá ser tomado pelo que em absoluto não é, por comodismo. E, longe de julgar-me infeliz nessa existência sem amigos, sem palestras, como sucedeu a tantos homens ilustres, eu me convencia de que as forças de exaltação gastas na amizade são como portas simuladas, conduzem a um convívio egoísta, sem saída, e nos desviam da verdade. Mas enfim, quando sentisse a necessidade de intervalos de repouso e distração, em vez dos debates intelectuais que os mundanos acham úteis aos escritores, ligeiros amores com raparigas em flor constituiriam o alimento escolhido, rigorosamente adequado a minha imaginação, nisso semelhante ao famoso cavalo que só de rosas se nutria. O que de súbito me punha a desejar de novo era aquilo com que em Balbec já sonhava, quando, sem ainda as conhecer, via passarem em frente ao mar Albertine e suas amigas. Mas, ai de mim!, não encontraria justamente aquelas que então mais cobiçara. A ação dos anos, que transformara todos os seres hoje vistos, e a própria Gilberte, reduzira certamente todas as sobreviventes, como teria feito com Albertine se estivesse viva, a mulheres muito diversas das impressões que me deixaram. Doía-me ter de imaginá-las diferentes, pois o tempo que muda os seres não altera as figuras que deles guardamos. Nada é mais triste do que essa oposição entre a decadência das criaturas e a imarcescibilidade das lembranças do que compreendermos não ser de fato mais a mesma quem com tanto viço surge à memória, não nos ser pos-

sível, exteriormente, contemplar a que interiormente tão bela nos parece, e que não obstante almejamos rever. Esse desejo violento das moças outrora vistas, excitado em mim pela memória, eu sentia que só seria satisfeito por alguém da mesma idade, isto é, por outra pessoa. Já me ocorrera mais de uma vez que não pertence à criatura cobiçada o que nela nos parece único. Mas com o fluir do tempo verificava-o de modo indiscutível, pois, vinte anos mais tarde, espontaneamente, eu me propunha a procurar, em substituição às moças minhas amigas, as atuais detentoras da juventude então estuante naquelas. Não é aliás só o despontar de nossos desejos carnales que, por não levar em conta o tempo decorrido, não corresponde à realidade. Sucedia-me por vezes esperar que, por milagre, ainda estivessem, ao contrário do que supunha, vivas minha avó e Albertine. Imaginava vê-las, meu coração se alvorçava. Esquecia-me apenas de uma coisa, de que, se de fato vivessem, Albertine teria agora mais ou menos o aspecto da sra. Cottard em Balbec, minha avó, com mais de 95 anos, já não possuiria a bela face calma e sorridente com a qual ainda agora me figurava, tão arbitrariamente como se emprestam barbas a Deus Padre, ou, no século VII, vestiam-se de gentis-homens, sem levar em conta sua ancianidade, os heróis de Homero. Mirei Gilberte sem pensar: “Gostaria de revê-la”, mas assegurei-lhe que me daria o maior prazer convidando-me para encontrar mocinhas, às quais, entretanto, nada pediria senão o ressurgimento de meus sonhos, de minhas tristezas de outrora, e talvez, num dia pouco provável, um beijo casto. Tal como a Elstir aprazia contemplar junto de si, encarnada na esposa, a beleza veneziana que tão freqüentemente pintara, eu dava a mim mesmo a desculpa de ser atraído, devido a um certo egoísmo estético, pelas mulheres formosas, capazes de me fazer sofrer, e tinha um tal ou qual sentimento idólatra pelas futuras Gilbertes, futuras duquesas de Guermantes, futuras Albertines que viesse a conhecer e talvez me fossem, esperava, tão inspiradoras como a um escultor os soberbos mármore antigos entre os quais erra. Deveria entretanto ter pensado que anterior a todas era meu sentimento do mistério que as envolvia, e assim, em vez de pedir a Gilberte que me apresentasse donzelas, deveria freqüentar os lugares onde nada as aproxima de nós, onde entre elas e nós existe algo de intransponível, onde, a dois passos, na praia, no mar, vêmo-las separadas pelo impossível. Assim meu senso de mistério se pudera aplicar sucessivamente a Gilberte, à duquesa de Guermantes, a Albertine, a tantas outras. Sem dúvida, o desconhecido, o quase incognoscível, tornara-se o comum, o familiar, indiferente ou do-

loroso, mas conservando do que fora um certo encanto. E, na verdade, como a folhinha que o estafeta nos dá para fazer jus a festas, nenhum de meus anos deixara de ostentar, no frontispício ou intercalada entre seus dias, a imagem da mulher então amada, imagem tanto mais arbitrária quanto em muitos casos eu nunca vira o original, por exemplo a arrumadeira da sra. Putbus, a srta. d'Orgeville, ou alguma jovem cujo nome figurava na resenha mundana de um jornal, entre um enxame de graciosas valsistas. Adivinhava-a linda, apaixonava-me por ela, e lhe compunha um corpo ideal, destacando-se na paisagem da província onde, pelo *Annuaire des Châteaux*, sabia situarem-se as propriedades de sua família. Para as mulheres que conhecia, tornava-se pelo menos duplo esse fundo de quadro. Cada uma delas se projetava, em ponto diferente de minha vida, como divindade protetora e local, primeiro no centro de uma daquelas paisagens de sonho, cuja justaposição me quadriculava a existência, e que eu me deleitava em imaginar; depois, trazida pelas recordações, aparecia nos sítios onde a conhecera, e que me evocava por se lhes prender, pois, se a vida é errante, sedentária é a memória, e, embora sem cessar deambulamos, nossas lembranças, fixas nos lugares que deixamos, aí continuam sua rotina cotidiana, como os amigos ocasionais, abandonados pelo viajante com a cidade onde os encontrou, terminam em sua ausência, do mesmo modo, seus dias e sua vida, ao pé da igreja, nas soleiras das portas, sob as árvores da praça. Assim era que a sombra de Gilberte se alongava, não apenas diante da igreja da Île-de-France, onde a evocara, mas ainda na aléia de um parque, para os lados de Méséglise, e a da sra. de Guermantes num caminho úmido, todo florido de pirâmides de cachos roxos e avermelhados, ou no ouro matinal de uma calçada parisiense. E essa segunda pessoa, nascida não do desejo, mas da recordação, não era a única para cada uma destas mulheres, porque a cada uma vira eu diversas vezes, em épocas diferentes, como se fosse outra para mim, eu mesmo outro, imerso em sonhos de outra cor. Ora, a lei reguladora dos sonhos de cada ano subordinando-lhe as lembranças da amada de então, tudo quanto se relacionava, por exemplo, com a duquesa de Guermantes de minha infância, uma força atrativa o concentrava em torno de Combray, e tudo quanto dizia respeito à duquesa de Guermantes que ia agora convidar-me para um almoço, em torno de centro sensitivo inteiramente diverso: havia várias duquesas de Guermantes, como houvera, desde a dama cor-de-rosa, várias sras. Swann, separadas pelo éter incolor dos anos, não me sendo possível saltar de uma a outra, como não poderia

ir de um a outro dos astros perdidos no espaço. Figuras não apenas distintas, mas diferentes, ornadas pelos sonhos que me haviam empolgado em épocas quase opostas, como por uma flora especial inexistente noutros mundos; tanto que, resolvendo não ir almoçar nem com a sra. de Forcheville nem com a sra. de Guermantes, eu não poderia afirmar, pois isso me transportaria para outro planeta, que esta fosse a duquesa de Guermantes descendente de Geneviève de Brabante, e aquela a Dama Rósea, embora me assegurasse disso o homem instruído em mim existente, como me afirmaria um sábio que a Via Látea é a fragmentação de uma única estrela. Assim Gilberte, a quem não obstante eu pedia proporcionar-me amigas semelhantes à que me fora outrora, era para mim tão somente a sra. de Saint-Loup. Vendo-a, já não me lembrava do papel que desempenhara em meu amor, também por ela esquecido, a minha admiração por Bergotte, por Bergotte em quem só via agora o autor de seus livros, alheio (a não ser por vagas e esparsas reminiscências) à emoção com que fora apresentado ao homem à decepção, ao pasmo com que o ouvira conversar, no salão atapetado de alvas peles, florido de violetas, onde cedo se acendiam, em tantos consolos, tantas lâmpadas. Todas as recordações que me compunham a primeira srta. Swann apartavam-se, efetivamente, da Gilberte atual, retidas muito longe pela força de atração de outro universo, presas a uma frase de Bergotte com a qual se confundiam, recedentes a perfume de pilriteiro. A fragmentária Gilberte de hoje acolheu sorridente meu pedido. Depois, refletindo sobre ele, tornou-se séria, parecendo procurar mentalmente alguma coisa. Felizmente, pois assim absorta não prestou atenção a um grupo formado a pouca distância de nós, cuja vista não lhe seria agradável. Nele figurava a duquesa de Guermantes, em palestra animada com uma velha horrenda, que eu examinava sem conseguir adivinhar quem era. “É esquisito ver Rachel aqui”, segredou-me Bloch, passando junto a mim. Esse nome mágico rompeu de pronto o sortilégio que conferira à amante de Saint-Loup a forma estranha daquela velha imunda, e logo a reconheci perfeitamente. Já disse alhures como, do mesmo modo, apenas me diziam os nomes dos homens cujas fisionomias desconhecia, cessava a ação da magia e eu os identificava. Houve, porém, um que, ainda depois de lhe saber o nome, não pude reconhecer, e pensei em algum homônimo, pois já nada tinha de comum, não apenas com a pessoa antiga, mas com a que eu vira há poucos anos. Era, todavia, ele mesmo, apenas mais gordo e encanecido, mas raspava o bigode, e tanto bastara para lhe fazer perder a personalidade.

Voltando a Rachel, era de fato com ela, agora atriz célebre, convidada para recitar versos de Musset e de La Fontaine nesta recepção, que a tia de Gilberte, a duquesa de Guermantes, conversava naquele momento. Ora, a presença de Rachel só poderia, em qualquer caso, ser desagradável a Gilberte, inquietando-me ainda mais saber que ia declamar, e verificar sua intimidade com a duquesa. Esta, certíssima de ter o primeiro lugar em Paris (ignorante de que tal lugar só existe nos espíritos que nele acreditam, e de que muitos recém-vindos, não a vendo em parte alguma, não lhe lendo o nome em nenhuma resenha de festa elegante, julgá-la-iam, ao contrário, destituída de importância), só em visitas tão raras e espaçadas quanto possível avistava o *faubourg* Saint-Germain, onde, como dizia, era “mortal o tédio”, e, em compensação, permitia-se a fantasia de almoçar com atrizes que achava deliciosas.

A duquesa ainda hesitava, receosa das cenas do sr. de Guermantes em relação a Balthy e a Mistinguett, que lhe pareciam adoráveis, mas adotara decididamente Rachel por amiga. As novas gerações concluíam disso que, a despeito de seu nome, a duquesa de Guermantes não passava de uma meio-sangue, e jamais pertenceria à nata da sociedade. Sem dúvida, a alguns soberanos cuja intimidade lhe disputavam duas outras grandes damas, a sra. de Guermantes ainda tomava o incômodo de convidar para almoçar. Mas como, de um lado, esses monarcas só de longe em longe apareciam, e, de outro, a duquesa, pelo respeito supersticioso dos Guermantes para com o velho protocolo (pois, tanto quanto a caceteava a gente bem-educada, prezava a boa educação), punha nos convites: “Sua Majestade ordenou à duquesa de Guermantes”, “dignou-se” etc. E as camadas recentes, alheias a tais fórmulas, viam nelas um indício a mais da origem humilde da duquesa. Do ponto de vista da sra. de Guermantes, a familiaridade com Rachel podia mostrar que nos enganáramos ao julgar-lhe hipócritas e mentirosas as condenações da elegância, ao imaginarmos que se recusara a ir à casa da sra. de Sainte-Euverte não em nome da inteligência, mas do esnobismo, que só achava a marquesa tola porque esta, não tendo ainda firmado sua situação, não conseguia esconder as atitudes esnobes. Mas a amizade com Rachel trairia também, na duquesa, uma inteligência afinal medíocre, insatisfeita, que, farta de mundanismo, tardiamente buscava realizar-se, com total ignorância das autênticas realidades intelectuais, e uma ponta daquela fantasia graças à qual senhoras distintas, convencidas de que “vai ser muito divertido”, acabam a noite fastidiosamente, forçando-se a ir acordar alguém a quem nada têm a dizer, jun-

to de cujo leito ficam um instante, envoltas em suas capas de bailes, até verificarem já ser muito tarde, e resolvem ir dormir.

É mister acrescentar que a viva antipatia votada havia pouco a Gilberte pela versátil duquesa talvez lhe acentuasse a satisfação de receber Gilberte, e de repetir uma das máximas dos Guermantes, a saber: que eram muito numerosos para desposarem as brigas (e quase para usarem luto) uns dos outros, independência resumida na frase “Não tenho nada com isso”, e fortalecida pela política adotada em relação ao sr. de Charlus, a quem não poderiam de fato apoiar sem indispor-se com todo mundo. Quanto a Rachel, os esforços que evidentemente fizera para aproximar-se da duquesa de Guermantes (esforços que esta não soubera distinguir dos desdêns afetados, das grosserias intencionais que a espicavam e lhe inspiraram o maior apreço por uma atriz tão pouco esnobe) prendiam-se, de modo geral, ao fascínio exercido, a partir de certo momento, pelos mundanos sobre os mais inveterados boêmios, paralelo ao que os últimos exercem por sua vez sobre os primeiros, duplo refluxo correspondente, no plano político, à curiosidade recíproca e ao desejo de aliança entre povos que se combateram. Mas a atitude amistosa de Rachel podia vir de um motivo pessoal. Fora na casa da sra. de Guermantes, fora da sra. de Guermantes que recebera outrora a mais cruel afronta. Com o tempo, se não a esquecera, perdoara-a, mas o prestígio singular que a seus olhos assim granjeara a duquesa nunca se apagaria. A conversa da qual eu queria desviar a atenção de Gilberte logo, aliás, se interrompeu, pois a dona da casa veio buscar Rachel, cuja vez de declamar chegara, e que, separando-se da duquesa, assomou ao estrado.

Ora, realizava-se naquele momento, no extremo oposto de Paris, um espetáculo bem diferente. A Berma convidara algumas pessoas para um chá em honra da filha e do genro. Mas os convidados custavam a chegar. Informada de que Rachel ia recitar na festa da princesa de Guermantes (para maior escândalo da grande artista, que continuava a considerar Rachel uma prostituta, só figurando outrora nas peças onde ela, a Berma, tivera o principal papel porque Saint-Loup lhe pagava o vestuário, escândalo tanto mais profundo quanto se espalhara por Paris o boato de que, embora fossem os convites feitos em nome da princesa, era na realidade Rachel quem recebia nos salões daquela), a Berma escrevera, insistindo por sua presença, a alguns íntimos que sabia também ami-

gos da princesa de Guermantes que a haviam conhecido quando ainda era Verdurin. Mas as horas se passavam e ninguém aparecia. A alguém que lhe perguntava se queria ir ao chá da Berma, Bloch respondera ingenuamente: “Não, prefiro o da princesa de Guermantes”. Infelizmente, todos eram no fundo da mesma opinião. A Berma, vítima de uma doença mortal que a obrigava a frequentar pouco a sociedade, vira seu estado agravar-se quando, para sustentar os hábitos de luxo da filha, que o genro, indolente de saúde débil, não podia satisfazer, recomeçara a trabalhar. Não ignorava que estava encurtando seus dias, mas queria, com polpudos honorários, agradar à filha, e ao genro, a quem detestava mas adulava, pois, sabendo-o adorado pela mulher, temia que, se o descontentasse, ele a impedisse, por maldade, de ver aquela. A filha da Berma, não de todo má, e amada em segredo pelo médico da mãe, persuadira-se de que não seria perigoso para a enferma levar *Fedra*. Forçara de algum modo o amante a concordar, só lhe restando da resposta a licença, concedida com reservas a que não dera a menor atenção; o médico dissera efetivamente não ver grande inconveniente em tais representações; dissera-o por sentir que isso causaria prazer à mulher amada, e também talvez por ignorância, por saber de qualquer modo incurável a moléstia — resignamos com facilidade, quando isso nos beneficia, a abreviar o martírio dos doentes —, ou ainda pela estulta ilusão de que, distraído a Berma, a atividade lhe faria bem, tolíce que julgou justificada quando, tendo recebido dos filhos da atriz um camarote, achou-a tão extraordinariamente viva em cena como fora dela quase moribunda. E, com efeito, em parte, nossos hábitos nos permitem, permitem até a nosso organismo, a acomodação a uma existência que à primeira vista parece impossível. Quem já não viu um velho profissional de equitação, cardíaco, executar no picadeiro acrobacias às quais não se acreditaria que seu coração resistisse um segundo? A Berma, não menos afeita à cena, a cujas exigências seus órgãos estavam perfeitamente adaptados, podia, graças à prudência indiscernível ao público, dar impressão de boa saúde, só perturbada por um mal puramente nervoso e imaginário. Após a declaração a Hippolyte, a atriz sabia que tremenda noite a esperava, mas os admiradores aplaudiam-na com entusiasmo, proclamando-a mais bela do que nunca. Chegava em casa sofrendo horrivelmente, mas feliz por levar à filha as notas azuis que, com brejeirice de antiga garota da ribalta, enfiava nas meias, de onde as puxava satisfeita, esperando um sorriso, um beijo. Infelizmente, essas notas permitiam à filha e ao genro embelezarem ainda mais sua casa, contígua

à da mãe, de sorte que contínuas marteladas interrompiam o sono tão necessário à grande comediante. Segundo as exigências da moda, ou para cingir-se ao gosto de X. ou Y., que esperavam receber, eles reformavam todas as salas. E a Berma, sentindo fugir-lhe o sono que lhe acalmaria o sofrimento, resignava-se à vigília, não sem um secreto desprezo pelas preocupações de elegância que lhe apressavam a morte e tornavam atrozes os derradeiros dias. Era sem dúvida por isso que as considerava com desdém, vingança natural contra o que nos molesta e não podemos impedir. Mas também porque, consciente do próprio gênio, certa, desde muito moça, da insignificância de todos os decretos da moda, mantivera-se sempre fiel à tradição que respeitava, que encarnava, graças à qual continuava a julgar coisas e pessoas exatamente como há trinta anos, a ver por exemplo em Rachel não a atriz em voga, mas a prostituta que conhecera. Não era, entretanto, melhor do que a filha, a quem transmitira, pela hereditariedade e pela convivência, cuja eficácia ainda aumentava a mais legítima das admirações, o egoísmo, a zombaria implacável, a crueldade inconsciente. Apenas imolara tudo isso à filha, e assim de tudo se libertara. Aliás, mesmo se não tivesse sempre operários em casa, a filha da Berma fatigaria igualmente a mãe, pois as forças atrativas, ferozes e levianas da mocidade esgotam os velhos, os enfermos que as querem seguir. Sucediavam-se diariamente almoços dos quais, sem passar por egoísta, não poderia a Berma privar a filha, nem mesmo esquivar-se, já que, para forçar a vinda de relações recentes e recalcitrantes, ela contava com a presença prestigiosa da mãe ilustre. “Prometia-a” a essas mesmas pessoas, para uma festa alhures, a fim de lhes fazer uma “fineza”. E a pobre mãe, gravemente empenhada no colóquio com a morte que já se instalara nela, via-se obrigada a levantar-se cedo, a sair. Além disso, como Réjane, em pleno apogeu de talento, houvesse dado, com imenso êxito, representações no estrangeiro, o genro achou que a Berma não se poderia deixar eclipsar, cobiçou para a família a mesma profusão de glória, e forçou a sogra a viagens só suportadas graças a injeções de morfina, que lhe poderiam ser fatais, visto o estado de seus rins. A mesma sedução de elegância, do prestígio social, da vida, atuara, como uma bomba aspirante, no dia da festa da princesa de Guermantes, atraindo, como uma máquina pneumática, até os mais fiéis amigos da Berma, em cuja casa, contrária e consequentemente, o vazio era absoluto e mortal. Só comparecera um rapaz, na esperança de que fosse também brilhante a reunião da Berma. Vendo passarem-se as horas e compreendendo afinal que to-

do mundo a abandonara, a Berma mandou servir o chá, e todos se sentaram em volta da mesa, mas como para um repasto funerário. Nada mais lembrava, na fisionomia da Berma, aquela cujo retrato tanto me perturbara, numa noite de *mi-carême*. Trazia, como diz o povo, a morte estampada no rosto. Parecia agora uma estátua da Acrópole. Já estando meio petrificada suas artérias endurecidas, longos cordões, de rigidez mineral, se lhe esculpiam ao longo das faces. Em comparação com a horrível máscara ossificada, os olhos mortíços conservavam uma relativa vivacidade, tinham o brilho velado de uma serpente dormindo entre pedras. Entretanto o rapaz, que por polidez se sentara à mesa, consultava volta e meia o relógio, atraído pela recepção dos Guermantes. A Berma não fez a menor censura aos amigos que, ingenuamente esperançosos de mantê-la na ignorância de sua preferência pelos Guermantes, a haviam desprezado. Murmurou apenas: “Uma Rachel recebendo nos salões da princesa de Guermantes é coisa que só em Paris se vê”. E comia silenciosamente, e com solene lentidão, como se cumprisse um rito fúnebre, bolos que lhe eram proibidos. O “chá” era tanto mais triste quanto o genro não se consolava de não ter sido convidado por Rachel, que ele e a mulher conheciam. Sua mágoa ainda aumentou quando o rapaz lhe disse ter bastante intimidade com Rachel para, se não tardasse em chegar à casa dos Guermantes, pedir-lhe que convidasse, à última hora, o frívolo casal. Mas a filha da Berma, não ignorando o asco votado a Rachel pela mãe, sabia que a mataria de desespero caso solicitasse um convite da antiga meretriz. Por isso declarou ao marido e ao rapaz que o projeto era irrealizável. Mas vingou-se assumindo durante o chá atitudes próprias a exprimir-lhe a sede de divertimentos e o desgosto de se ver deles privada pela desmancha-prazeres que era a mãe. Esta fingia não perceber os trejeitos da filha, e dirigia de quando em quando, com voz expirante, uma palavra amável ao conviva único. Mas logo a corrente de ar que aspirava tudo para os Guermantes, e a mim mesmo levara, foi mais forte, até que o rapaz despediu-se e saiu, deixando Fedra ou a morte, que já não se distinguiam uma da outra, acabar de comer, com a filha e o genro, os bolos funerários.

Minha conversa com Gilberte foi interrompida pela voz de Rachel, que se alçava. Era inteligente seu modo de recitar, sugerindo ser o poema algo preexistente à declamação, do qual só nos chegou um fragmento, como se a artista, de passagem, ficasse um ins-

tante ao alcance de nossos ouvidos. Pasmaram, porém, os ouvintes ante essa mulher que, sem emitir um único som, dobrara os joelhos, curvava-se e, de repente, para dizer versos muito conhecidos, assumia um tom súplice.

O anúncio de uma poesia a quase todos familiar causara prazer. Mas quando se viu Rachel, antes de começar, olhar em volta com ar desvairado, levantar as mãos num gesto implorante, e, depois, acompanhar de um gemido cada palavra, todos se sentiram vexados, quase melindrados por essa exibição de sentimentos. Ninguém imaginava que se pudesse recitar daquele modo. Aos poucos, vamo-nos habituando, isto é, esquecendo a primeira sensação de mal-estar, distinguindo o que é bom, comparando mentalmente as diversas maneiras de declamar, pensando: assim é melhor, assim é pior. Também quando, no julgamento de uma causa simples, vemos um advogado avançar, erguer um braço de onde pende a larga manga da beca, arengar em tom ameaçador, nem ousamos fitar os vizinhos. Parece-nos grotesco, mas talvez seja magnífico, melhor será nada demonstrar. Toda gente se entreolhava, sem saber que cara fazer; alguns jovens mal-educados abafavam o riso; lançava-se disfarçadamente, à direita e à esquerda, a mesma furtiva mirada que, nos jantares elegantes, à vista de instrumentos novos, garfo de lagosta, raspador de açúcar etc., de utilidade e manejo desconhecidos, se fixa sobre algum conviva traquejado, na esperança de que se sirva logo e possa ser imitado. Assim se procede quando, citando alguém um verso cuja ignorância não se quer confessar, deixa-se, como quem cede o passo diante de uma porta, a outro mais instruído a satisfação de dizer de quem é. Ouvindo a atriz, todos aguardavam, pois, de cabeça baixa e olhar investigador, que outro tomasse a iniciativa de rir ou criticar, de chorar ou aplaudir. A sra. de Forcheville, vinda expressamente de Guermantes, de onde, como veremos, a duquesa fora mais ou menos expulsa, assumia uma expressão atenta, tensa, quase desagradável, talvez para mostrar que era conhecedora e não estava ali como mundana, talvez por hostilidade para com as pessoas que, menos versadas em literatura, lhe poderiam querer falar de outra coisa, talvez para melhor concentrar-se, e saber se “gostava” ou não, talvez porque, achando embora “interessante”, “não apreciava” pelo menos a maneira de dizer certos versos. Atitude que pareceria mais própria da princesa de Guermantes. Mas, sendo a anfitriã e, tão avara como rica, não querendo dar a Rachel senão cinco rosas, esta se encarregara da claqué. Provocava o entusiasmo e dava o tom soltando a todo momento exclamações des-

lumbradas. Apenas nisso se mostrava Verdurin, parecendo escutar os versos por prazer, como se fossem ditos só para ela, e por acaso se houvessem reunido quinhentas pessoas, às quais prometera, às escondidas, participar de seu deleite. Notei, sem a menor vaidade, tão velha e feia estava, que Rachel me olhava de maneira significativa, com certa reserva, aliás. Enquanto recitava, deixava ela palpitar nos olhos um sorriso contido e penetrante, destinado sem dúvida a aguilhoar o assentimento que de mim esperava. Entretanto, algumas senhoras idosas, pouco habituadas a recitativos poéticos, perguntavam ao vizinho: “Não reparou?”, aludindo à mímica solene, trágica, da atriz, que não sabiam como qualificar. A duquesa de Guermantes sentiu a indecisão e forçou a vitória, exclamando: “Admirável!”, no meio de um poema, que julgara terminado. Vários convidados apressaram-se em sublinhar a exclamação com olhares aprovativos e inclinações de cabeça, para mostrar talvez menos sua compreensão de intérprete do que suas relações com a duquesa. Acabado o poema, como estivéssemos perto de Rachel, ela agradeceu à duquesa de Guermantes e ao mesmo tempo, aproveitando a oportunidade, voltou-se para mim e cumprimentou-me graciosamente. Percebi então que, ao contrário das miradas apaixonadas do filho do sr. de Vougebert, que eu tomara por uma saudação destinada a outrem, o que em Rachel me parecera explosão de cobiça nada era senão o desejo de ser reconhecida e abordada por mim. Respondi-lhe sorridente. “Tenho a certeza de que ele não sabe mais quem sou”, disse com requiebro de faceirice a atriz à duquesa. “Ao contrário”, afirmei, “reconheci-a imediatamente.”

Se, ao recitar com tanta segurança os mais belos versos de La Fontaine, aquela mulher não pensara, por bondade, tolice ou acanhamento, senão na dificuldade de falar comigo, Bloch, ao ouvi-los, só cuidara de preparar-se para, mal terminado o poema, arrojá-lo como um sitiado em fuga, e passando, não sobre os corpos, mas sobre os pés dos vizinhos, ir felicitar a declamadora, não sei se por uma errônea concepção do dever, se por ânsia de chamar atenção.

“Saiu-se muito bem”, disse a Rachel, e, satisfeito com essas simples palavras o seu desejo, voltou, fazendo tanto barulho para chegar a seu lugar que Rachel precisou esperar mais de cinco minutos antes de encetar a segunda poesia. Quando esta, *Les deux pigeons*, findou, a sra. Morierval acercou-se da sra. de Saint-Loup, que sabia letrada, mas não herdeira do espírito malicioso do pai, e perguntou: “É uma fábula de La Fontaine, não?”; julgara reco-

nhecê-la, mas sem certeza, não lhe sendo familiares as fábulas de La Fontaine, que, além disso, achava próprias para crianças, e não para festas de adultos. “Para ter sido tão aplaudida, a atriz deve sem dúvida ter feito alguma paráfrase de La Fontaine”, pensava a pobre senhora. Ora, Gilberte, até então impassível, reforçou-lhe sem querer essa idéia, pois, não gostando de Rachel e querendo significar que a tal interpretação pouco restava da fábula, exprimiu-se com a sutileza do pai, que deixava em suspenso as pessoas ingênuas. Habitualmente, mais tocada pelo modernismo, embora filha de Swann — como pato chocado por galinha —, adotava a maneira dos poetas *lakistas* e se limitava a dizer: “Foi tocante, de encantadora sensibilidade”. Mas a sra. de Morierval respondeu com a fantasia de Swann, desorientadora para quem toma tudo ao pé da letra: “Um quarto é invenção da intérprete, um quarto loucura, um quarto sem sentido, e o resto de La Fontaine”, o que induziu a outra a afirmar que não se ouvira *Les deux pigeons*, de La Fontaine, e sim uma adaptação, da qual quando muito uma quarta parte seria de La Fontaine, o que, dada a extraordinária ignorância do público, a ninguém espantou.

Mas, tendo chegado atrasado um dos amigos de Bloch, este teve a alegria de lhe perguntar se não ouvira Rachel, e de fazer-lhe uma descrição entusiasta e exagerada de sua arte, encontrando inopinadamente, ao narrar a interpretação moderna, um prazer estranho, que não sentira ao ouvi-la. Em seguida, com afetada emoção, felicitou de novo Rachel em voz de falsete, proclamou-lhe o gênio, apresentou-lhe o amigo, que declarou não admirar ninguém tanto quanto Rachel, ao que esta, agora familiar de damas da alta sociedade, e sem querer as imitando, retrucou: “Oh! Fico muito lisonjeada, muito honrada com sua opinião”. O amigo de Bloch perguntou-lhe o que achava da Berma: “Coitada, dizem-na na maior miséria. Não deixava de ter — não, não direi talento, porque no fundo não possuía talento de verdade, só gostava de horrores; mas foi sem dúvida útil; representava com realismo, e Je- pois era boa, generosa, arruinou-se por causa dos outros. Há muito não ganha um vintém, porque o público já não aprecia seu gênero. Aliás”, acrescentou rindo, “devo explicar que nossa diferença de idade só me permitiu ouvi-la nos últimos tempos, sendo eu ainda muito jovem para poder julgar”. “Não recitava bem?”, arriscou o amigo de Bloch, para agradar a Rachel, que respondeu: “Ah! isso, nunca! Nunca consegui dizer um só verso; aquilo seria prosa, chinês, volapuque, tudo, exceto verso. Insisto em lembrar que a ouvi muito pouco, e só no fim”, repetiu para fazer-se

mais moça, “mas disseram-me que antes não era melhor, ao contrário”.

Eu refletia que o fluir dos anos traz necessariamente o progresso das artes. Do mesmo modo por que um autor do século XVII, anterior à Revolução, às descobertas científicas, à guerra, pode avantajá-lo a um escritor de hoje, por que talvez Fagon tenha sido tão grande médico como Boulbon (a superioridade do gênio compensando a inferioridade do saber), a Berma estava, como se diz, cem furos acima de Rachel, e o tempo, tornando-a famosa juntamente com Elstir, lhe consagrara o gênio.

Não é de espantar que a antiga amante de Saint-Loup falasse mal da Berma. Tê-lo-ia feito em moça. E se então não o fizesse fá-lo-ia agora. Que uma dama de sociedade, inteligentíssima e de grande bondade entre para o teatro, patenteie nesse ofício novo para ela o maior talento, consiga todos os triunfos, quem a revir após tudo isso será espantoso ouvir-lhe não sua linguagem antiga, mas a das comediantes, a grosseira maledicência destas para com as colegas, tudo quanto, passando sobre um ser humano, lhe acrescentam “trinta anos de palco”. Assim procedia Rachel, sem sair de seu meio.

A sra. de Guermantes, no declínio da existência, sentia o despertar de curiosidades novas. A alta sociedade já não tinha mais nada a revelar-lhe. A noção de ter aí o primeiro lugar era-lhe, como vimos, tão evidente como a distância entre o céu azul e a terra. Não se via na contingência de consolidar uma situação que julgava inexpugnável. Em compensação, quando lia ou ia ao teatro, sentia a necessidade de ampliar as leituras, os espetáculos; como outrora, no jardim minúsculo onde se servia laranjada, os mais requintados elementos de uma roda seleta se reuniam na intimidade para, entre as brisas aromáticas da noite e as nuvens de pólen, cultivar-lhe os gostos mundanos, um apetite diferente lhe despertava agora o desejo de saber as razões de tal polêmica literária, conhecer autores e até atrizes. Seu espírito fatigado exigia novos alimentos. Aproximou-se, para conhecer uns e outras, de mulheres a quem antes não mandaria um simples cartão, e que, na esperança de atraí-la, exageravam a intimidade com algum diretor de revista. A primeira atriz convidada imaginou-se a única a entrar naquele ambiente extraordinário, que pareceu mais medíocre à segunda quando viu por quem fora precedida. Porque algumas vezes ainda recebia soberanos, a duquesa não percebia a mudança da própria situação. Na realidade, ela, a única de sangue sem mescla, ela que, nascida Guermantes, podia assinar-se Guermantes-

Guermantes quando não usava o título de duquesa, ela que até às cunhadas parecia algo de precioso acima de tudo, como um Moisés salvo das águas, um Cristo escondido no Egito, um Luís XVII escapado à prisão do *Temple*, puro entre os puros, agora, movida sem dúvida pela necessidade hereditária de alimento espiritual, causa da decadência social da sra. de Villeparisis, tornara-se uma segunda sra. de Villeparisis, em cuja casa as mulheres esnobes temiam encontrar fulana ou sicrano, a quem os jovens, aceitando o fato consumado sem lhe indagar das causas, tomavam por uma Guermantes de ninhada inferior, de má colheita, uma Guermantes desclassificada. Nos novos meios que freqüentava, continuava a duquesa, muito mais fiel a si mesma do que supunha, a ver no tédio uma prova de superioridade intelectual, mas proclamava-o com uma violência que lhe fazia rouquenhar a voz. Como eu lhe falasse de Brichot: “Caceteou-me durante vinte anos!”, e como a sra. de Cambremer dissesse: “Releia o que Schopenhauer escreveu sobre a música”, chamou a atenção para esta frase, exclamando com veemência: “*Releia*, é uma obra-prima! Ora, isso também é demais!” Então o velho d’Albon sorriu, reconhecendo uma das formas do espírito Guermantes.

“Digam o que quiserem, é admirável, tem estilo, personalidade, é inteligente, nunca ninguém recitou versos tão bem”, sentenciou a duquesa, falando de Rachel, receosa dos ataques de Gilberte. Esta afastou-se, foi para o outro grupo, a fim de evitar uma discussão com a tia, a qual, aliás, fez sobre Rachel observações triviais. Mas se os melhores escritores, no limiar da velhice ou após um excesso de produção, perdem não raro o talento, são desculpáveis as damas de sociedade que, a partir de dado momento, deixam de ser espirituosas. Para Swann, à dura vivacidade da duquesa de Guermantes, já faltava a finura da jovem princesa de Laumes. Envelhecida, cansada ao menor esforço, a sra. de Guermantes dizia muita tolice. Certo, freqüentemente, como verifiquei durante esta *matinée*, voltava a ser a mulher antiga, comentava maliciosamente casos mundanos. Mas também sucedia à palavra esfuizante que, aliada ao belo olhar, lhe mantivera outrora sob o cetro espiritual os homens mais eminentes de Paris, cintilar ainda, porém no vácuo. No momento de lançar um dito chistoso, sua pausa se prolongava pelo mesmo número de segundos que, antigamente, ela parecia hesitar, criar, mas nada dizia que valesse a pena. Pouca gente, é verdade, notava tudo isso, tomando quase todos a continuidade das maneiras pela sobrevivência da graça, como certas pessoas, supersticiosamente apegadas a algum fornecedor, conti-

nuam a encomendar-lhe os *petits-fours*, há muito detestáveis. Já durante a guerra evidenciara a duquesa sinais de decadência. Se alguém pronunciava a palavra cultura, ela o interrompia, acendia seu lindo olhar, e proferia: a “KKKKkultur”, ao que, julgando reconhecer o espírito dos Guermantes, se riam os amigos. E, efetivamente, o molde era o mesmo, a mesma a entonação, o mesmo o sorriso que haviam deslumbrado Bergotte, o qual, por seu lado, se vivesse, guardaria também suas frases cortadas, suas interjeições, suas reticências, seus epítetos, mas para nada dizer. Os recém-vindos, entretanto, achavam-na estranha, e, se calhava encontrarem-na nos dias em que não estava de veia, na plena posse de seus recursos, exclamavam: “Como é tola!”. A duquesa, aliás, sabia canalizar suas maneiras novas e menos finas, não as deixando espriarem-se junto dos parentes de cuja glória aristocrática beneficiava. Quando, em seu papel de protetora das artes, convidava para seu camarote um ministro, ou um pintor, que lhe perguntava ingenuamente se não viria a cunhada, ou o marido, a timorata duquesa, dando-se soberbos ares de audácia, respondia insolentemente: “Não sei. Fora de casa, ignoro o que faz minha família. Para todos os políticos, para todos os artistas, sou viúva”. Assim poupava ao *parvenu* obsequioso as grosserias — e a si própria as censuras — da sra. de Marsantes e de Basin.

Contei à sra. de Guermantes que encontrara o sr. de Charlus. Ela o achava ainda mais “acabado” do que estava, os mundanos estabelecendo, relativamente à inteligência, distinções não apenas entre os diversos membros da sociedade, nos quais é mais ou menos equivalente, mas ainda entre as diferentes fases da vida de um mesmo indivíduo. Depois acrescentou: “Sempre foi o retrato de minha sogra; agora é espantosa a semelhança”. Nada havia nisso de extraordinário. Sabe-se, com efeito, que certas mulheres por assim dizer se projetam minuciosamente noutro ser, o único erro consistindo no sexo. Erro do qual não se poderia dizer: *felix culpa*, já que o sexo reage sobre a personalidade, e num homem a feminilidade se torna afetação, a reserva suscetibilidade etc. Mas ainda assim, no rosto, embora barbado nas faces, embora congestas sob as suíças, há linhas que se poderão superpor às do retrato materno. Todos os velhos Charlus são ruínas onde se reconhecem, com pasmo, sob camadas de gordura e de pó-de-arroz, restos de uma bela mulher em sua eterna mocidade.

“Nem sei exprimir o prazer que tenho em vê-lo”, prosseguiu a duquesa. “Meu Deus, qual foi mesmo a última vez que o vi...” “Na casa da sra. d’Agrigente, onde nos encontrávamos freqüen-

temente.” “Nem eu poderia abster-me de ir muito lá naquele tempo, meu caro, pois Basin a amava. Encontravam-me sempre na casa de sua amante do momento, ele não cessando de repetir-me: ‘Você precisa ir vê-la’. No fundo, parecia-me inconveniente essa espécie de ‘visita de digestão’ a que me forçava cada vez que a possuía. Acabei por habituar-me, mas o mais cacete era que minhas relações continuavam mesmo depois de rotas as dele. Isso me lembrava o verso de Victor Hugo: *‘Emporte le bonheur et laisse-moi l’ennui’*. Como na poesia, eu chegava, apesar de tudo, sorridente, mas, francamente, não era justo, ele me devia ter deixado ser inconstante com suas amantes, porque, armazenando assim todos os saldos de suas liquidações, eu não dispunha mais de uma só tarde livre. Aliás, agora, essa época me parece relativamente agradável, comparada com o presente. Deus meu, que recomeçasse a enganar-me só me poderia lisonjear, pois me remoça. Mas preferia seu sistema antigo. Que quer, passou muito tempo sem ser infiel, já não sabia bem como fazer! Ah! mas mesmo assim não nos damos mal, conversamos, e até gostamos um do outro”, explicou a duquesa, receosa de que eu os imaginasse separados, e, como se falasse de um doente grave: “Ainda fala muito bem, esta manhã ouviu-me ler alto durante uma hora. Vou avisá-lo de sua vinda, há de gostar de vê-lo”. Dirigiu-se para o duque, que, sentado num sofá, palestrava com a senhora a seu lado. Mas, vendo a mulher prestes a interrompê-lo, mostrou-se tão furioso que esta não teve outro recurso senão retirar-se. “Está ocupado, não sei em quê, deixemos para depois”, disse-me dando-me liberdade de agir como entendesse. Bloch, tendo-se aproximado de nós e indagado, da parte de sua americana, quem era uma jovem duquesa presente, respondi ser a sobrinha do sr. de Bréauté, sobre cujo nome, que nada lhe dizia, Bloch pediu maiores informações. “Ah! Bréauté”, exclamou a sra. de Guermantes, dirigindo-se a mim, “você se lembra? Meu Deus, como já vai longe tudo isso!” Depois, virando-se para Bloch: “Era um esnobe. Sua família morava perto de minha sogra. Nada disso o interessa, mas é divertido para este rapaz, que conheceu toda essa gente ao mesmo tempo que eu”, acrescentou, dando-me a perceber, de muitos modos, a passagem dos anos. As amizades, as opiniões da sra. de Guermantes se haviam, desde aquele momento, renovado tanto que considerava um esnobe seu encantador Babal. Por outro lado, este não somente se fizera remoto, como circunstância da qual não me apercebera ao entrar na sociedade, quando o crera uma das notabilidades essenciais de Paris, a cuja história mundana se associaria como Colbert à do reinado de

Luís XIV, tinha também seu estigma provinciano, era um vizinho de campo da velha duquesa, como tal recebido pela princesa de Laumes. Entretanto, esse Bréauté, despojado de seu vivo espírito, relegado para época longínqua com a qual se confundia, o que provava seu completo esquecimento pela duquesa, confinado aos arredores de Guermantes, constituía, entre ela e eu — coisa que me seria impossível prever naquela primeira noite na Opéra-Comique, quando me pareceu um deus náutico em seu marinho antro — um elo, já que, se se recordava de o ter eu conhecido, era que me considerava seu amigo, senão seu igual pelo nascimento, ao menos freqüentador mais antigo de sua roda do que muitos dos presentes, reminiscências todavia bastante vagas para lhe velarem certos por menores, para mim então muito importantes, como o fato de eu não ir a Guermantes, de não passar de um pequeno-burguês de Combray quando a avistei na missa do casamento da srta. Percepiéd, de não me ter ela querido convidar, a despeito da insistência de Saint-Loup, no ano seguinte ao de nosso encontro na Opéra-Comique. Para mim, tudo isso fora então capital, pois justamente naquele momento a vida da duquesa de Guermantes se me afigurava um Paraíso onde nunca me seria dado entrar, mas, para ela, em nada se destacava aquela fase da mediocridade de toda a sua existência, e, como, mais tarde, jantei muitas vezes em sua casa, e já era anteriormente amigo de sua tia e de seu sobrinho, não sabia exatamente quando começara nossa intimidade, não se dava conta do formidável anacronismo que cometia ao datá-la de muito antes. Se assim fosse, eu teria conhecido a sra. de Guermantes de nome fabuloso, teria sido admitido no ambiente dessas sílabas douradas, no *faubourg* Saint-Germain, enquanto a dama em cuja casa jantara muito naturalmente já era para mim igual a todas as outras, e me convidava de vez em quando, não para descer ao reino submarino das nereidas, mas para passar a noite na frisa de sua prima. “Se quiser mais informações sobre Bréauté, que não merecia tanta curiosidade”, disse a Bloch, “pergunte a este moço, que está cem furos acima dele: jantaram juntos cinqüenta vezes em minha casa. Não foi lá que o conheceu? Em todo caso, lá conheceu Swann.” Surpreendeu-me igualmente vê-la supor que eu pudesse ter encontrado alhures o sr. de Bréauté, e, portanto, que freqüentasse seu meio antes de conhecê-la, e verificar que julgava ter me apresentado Swann. Mentindo menos do que Gilberte ao dizer de Bréauté: “É um velho vizinho de campo, gosto de falar com ele de Tansonville”, quando ele nunca ia a Tansonville, eu poderia afirmar: “Era um vizinho de campo que vinha sempre nos

visitar à noite”, a respeito de Swann, que não se ligava para mim aos Guermantes. “Nem sei como explicá-lo”, continuou. “Era um homem para quem tudo estava dito sobre alguém quando lhe dava o tratamento de alteza. Sabia uma série de histórias engraçadas sobre a gente de Guermantes, minha sogra, a sra. de Varambon antes de sua ida para junto da princesa de Parma. Mas quem se lembra hoje em dia da sra. de Varambon? Este rapaz alcançou todas aquelas velharias, coisas passadas, gente da qual nem o nome resta, e que, aliás, não merecia sobreviver.” E eu percebia que apesar da aparente coesão da alta sociedade, onde, de fato, as relações atingem um máximo de concentração, e tudo se comunica, subsistem, ou pelo menos são suscitadas pelo Tempo, que lhes altera as denominações, províncias impermeáveis a quem começa a freqüentar depois de mudada a configuração. “Era uma boa senhora que dizia tolices incríveis”, continuou aludindo à sra. de Varambon, a duquesa, que insensível à poesia do incompreensível, que é um efeito do Tempo, extraía de tudo o elemento cômico, assimilável à literatura gênero Meilhac, ao espírito dos Guermantes. “De uma feita, deu-lhe a mania de tomar a todo instante umas pílulas então muito usadas contra a tosse e que se chamavam” — ela própria riu ao pronunciar um nome tão significativo e familiar outrora, hoje estranho à maioria dos seus interlocutores — “pastilhas Géraudel. ‘Sra. de Varambon’, dizia-lhe minha sogra, ‘vai fazer mal a seu estômago, tomando assim sem parar essas pastilhas Géraudel.’ ‘Mas, duquesa, como podem fazer mal ao estômago, se vão para os brônquios?’ Era ela quem repetia: ‘A duquesa tem uma vaca tão bonita que até parece um garanhão.’” E a sra. de Guermantes continuaria de bom grado a contar anedotas da sra. de Varambon, das quais conhecíamos centenas, mas logo sentimos que seu nome não despertava na memória ignorante de Bloch nenhuma das imagens em nós provocadas imediatamente à simples menção da sra. de Varambon, do sr. de Bréauté, do príncipe d’Agriente, e, por isso mesmo, talvez se nimbasse para ele de um prestígio cujas demasias eu compreendia, não entretanto por já lhe ter sido sensível, nossos próprios erros e ridículos raramente nos tornando, ainda quando os reconhecemos, mais indulgentes aos alheios.

O passado a tal ponto se transformara no espírito da duquesa, ou teriam sempre estado longe deste as demarcações existentes no meu, que lhe passara despercebido o que para mim marcara época, chegando a admitir que eu tivesse conhecido Swann em sua casa e o sr. de Bréauté alhures, e a conferir-me assim um passado mundano excessivamente recuado. A noção da fuga do tempo, que

eu acabava de adquirir, tinha-a também a duquesa, e até, por uma ilusão contrária à minha, que o crera mais curto, ela o cuidava mais remoto, desrespeitando notoriamente a linha divisória entre o momento em que fora para mim um nome — depois o objeto de meu amor — e aquele em que se me tornara uma mundana sem maior significação. Ora, só a freqüentara neste segundo período, quando já me parecia outra pessoa. Mas essas diferenças lhe escapavam, e não acharia estranha minha ida a sua casa dois anos antes, não sabendo que fora então outra a meus olhos, pois, para si mesma não era, como para mim, descontínua.

Contando à duquesa de Guermantes que Bloch crera a recepção dada pela antiga princesa de Guermantes, eu lhe disse: “Isso me lembrá a primeira festa a que fui na casa da princesa, receoso de não ter sido convidado e de ser expulso; seu vestido e seus sapatos eram vermelhos”. “Meu Deus, como tudo isso é antigo!”, respondeu ela, acentuando-me a impressão do tempo decorrido. Tinha um melancólico olhar perdido, e não obstante deteve-se a comentar o vestido vermelho. “Agora ninguém se vestiria assim. Era moda naquele ano.” “Mas não era bonito?”, interroguei. Ela temia sempre colocar-se por suas palavras em posição desfavorável, dizer alguma coisa que a diminuísse. “Mas, evidentemente, eu achava muito bonito. Ninguém se veste mais assim porque a moda mudou. Mas voltará, todas as modas voltam, no vestuário, na música, na pintura”, acrescentou com vivacidade, achando alguma originalidade nessa filosofia. A tristeza de envelhecer restituiu-lhe todavia a expressão fatigada, logo corrigida por um sorriso: “Tem a certeza de que eram vermelhos os sapatos? Julgava-os dourados”. Garanti que os tinha presente à memória, sem declarar a circunstância que me permitia afirmá-lo. “É amável de sua parte lembrar-se disso”, observou com ternura, as mulheres julgando amável quem lhes recorda a beleza, como os artistas quem lhes admira as obras. Aliás, nunca é tão longínquo o passado que o esqueçam damas de cabeça sólida como a duquesa. “Lembra-se”, disse-me, para agradecer a alusão a seu vestido e seus sapatos, “de que o levamos a casa, Basin e eu? O senhor esperava depois da meia-noite a visita de uma jovem. Basin ria-se perdidamente, só de pensar que recebia visitas àquela hora.” Lembrava-me efetivamente, tão bem como a duquesa, de que Albertine me chegara após a *soirée* da princesa de Guermantes, embora Albertine me fosse agora tão indiferente como o seria então à sra. de Guermantes, se esta tivesse sabido quem era a moça por causa de quem eu não pudera entrar em sua casa. É que, muito depois de saírem de nossos corações os po-

bres mortos, sua cinza fria continua a misturar-se, a servir de veículo às circunstâncias do passado. E, não os amando mais, sucede que, para evocar um quarto, uma alameda, um caminho onde em dado momento estiveram, sejamos obrigados, a fim de encher o lugar que ocuparam, a fazer-lhes referência, sem os lamentar, sem lhes mencionar os nomes, sem querer dar a outrem ensejo de identificá-los. (A sra. de Guermantes ignorava tudo a respeito da moça esperada naquela noite, nunca soubera quem era, e só a lembrava pelo desusado da hora e da situação.) Tais são as derradeiras e pouco invejáveis formas da sobrevivência.

As opiniões a seguir expressas pela duquesa sobre Rachel, embora mediócras, interessaram-me por marcarem, também, uma hora nova em seu relógio. Tal como Rachel, não se esquecera totalmente da ida daquela a sua casa, mas em sua cabeça os fatos se haviam transformado tanto quanto na da atriz. “Confesso-lhe”, disse-me, “que me causa ainda maior prazer ouvi-la, e vê-la aplaudida, por ter sido eu quem a descobriu, apreciou, recomendou, impôs, quando ninguém a compreendia e todos zombavam dela. Sim, meu caro, talvez se espante, mas a primeira casa onde recitou foi a minha! Sim, enquanto todos os que se consideravam de *avant-garde*, como minha nova prima”, acrescentou aludindo ironicamente à princesa de Guermantes, que para Oriane continuava a ser a sra. Verdurin, “a deixariam morrer de fome sem dignar-se ouvi-la, eu a achei interessante e paguei-lhe para declamar numa festa onde estava a nata da sociedade. Posso vangloriar-me, usando uma expressão um tanto tola e pretenciosa, pois, no fundo, o talento não precisava de ninguém, de a ter lançado. É claro que ela não precisava de mim.” Esbocei um gesto de protesto, e vi a sra. de Guermantes disposta a acolher a tese oposta: “Não concorda? Acha que o talento tem necessidade de amparo? No fundo, talvez esteja com a razão. É curioso, repete o que me disse outrora Dumas. Neste caso, agrada-me extremamente ter contribuído, pouco que seja, não para o talento, evidentemente, mas para a fama de tal artista”. A sra. de Guermantes preferia abandonar a idéia de que o talento vem a furo por si mesmo, como um abscesso, porque a outra era mais lisonjeira, e também porque, ultimamente, recebendo gente nova, e sentindo-se aliás cansada, tornara-se humilde, gostava de interrogar, de formar pela alheia a sua opinião. “É inútil dizer-lhe”, prosseguiu, “que o público de escol, a grã-finagem, não entendia nada. Por mais que eu insistisse: ‘É diferente, é interessante, é de uma novidade completa’, ninguém acreditava, como ninguém nunca acreditou em nada do que

eu dizia. Assim também o trecho que recitou, de Maeterlinck, agora é muito conhecido, mas naquele tempo só provocava motejos, e eu já o achava admirável. Espanta-me até quando penso em tudo isso, que uma camponesa como eu, cuja educação foi a de todas as meninas provincianas, apreciasse à primeira vista aquelas coisas. Não sabia por que, naturalmente, mas tocavam-me, mexiam comigo; olhe, Basin, que não peca pela sensibilidade, impressionou-se com o efeito que me causavam. Chegou a dizer: 'Não quero mais que você ouça esses absurdos; acaba doente'. E tinha razão: tomam-me por uma mulher seca, e eu sou, no fundo, um feixe de nervos.'

Foi então que se deu um incidente inesperado. Um laçao avisou a Rachel que a filha e o genro da Berma desejavam falar-lhe. Vimos como a filha da Berma resistira ao desejo que tinha o marido de mandar pedir um convite a Rachel. Mas, após a partida do rapaz, cresceu o tédio do jovem casal, reduzido à companhia da mãe, atormentado pela idéia do divertimento dos outros, até que, afinal, aproveitando o ensejo de ter a Berma ido para o quarto, escarrando sangue, ambos se vestiram, às pressas, com o maior apuro, chamaram um carro e apresentaram-se sem convite em casa da princesa de Guermantes. Rachel, desconfiada da verdade e intimamente satisfeita, assumiu um tom arrogante para dizer ao laçao que não os podia atender, que escrevessem o motivo de sua insólita aparição. O portador voltou logo com um cartão rabiscado pela filha da Berma, pedindo a Rachel que a deixasse entrar com o marido, pois não podiam resistir à vontade de ouvi-la. Rachel sorriu da ingenuidade do pretexto, e de seu próprio triunfo. Respondeu que lamentava muito, mas que já estavam terminados os recitativos. Já na sala de entrada, onde se prolongava a espera, os criados começavam a caçoar dos dois suplicantes sem ventura. O receio de ver-se humilhada, de sofrer um vexame, a lembrança do nenhum valor de Rachel comparada a sua mãe induziram a filha da Berma a empenhar-se com afinco numa empresa de início determinada pelo mero desejo de divertir-se. Solicitou, como um favor a Rachel, licença para apertar-lhe a mão, já que não a poderia ouvir. Rachel conversava com um príncipe italiano, que dizia seduzido por sua grande fortuna, da qual as relações mundanas feitas pela atriz velavam a origem; avaliou a mudança de situação, que punha agora a seus pés os filhos da ilustre Berma. Depois de ter contado a todos, galhofeiramente, o caso, mandou dizer ao jovem casal que entrasse, apressando-se este em surgir, arrasando

de um golpe a posição social da Berma, como já lhe destruíra a saúde. Rachel o compreendeu, e também que, sendo condescendentemente amável em vez de insistir na recusa, criaria uma reputação de bondade para si mesma, de vileza para o jovem casal. Recebeu-os, pois, de braços abertos, com afetação, exclamando, em tom de protetora importante, que sabe esquecer a própria grandeza: "Mas como não!, é um prazer. A princesa ficará encantada". Ignorando que, nos meios teatrais, corria serem seus os convites, talvez temesse, se os impedisse de entrar, suscitar, nos filhos da Berma, dúvidas, não sobre sua boa vontade, o que lhe seria indiferente, mas sobre sua influência. A duquesa de Guermantes afastou-se instintivamente, porque, à medida que mostravam desejos de freqüentar a sociedade baixavam as criaturas em sua estima. Só a interessava naquele momento a bondade de Rachel, e daria as costas aos filhos da Berma, se lhe fossem apresentados. Rachel, entretanto, compunha mentalmente a frase com que no dia seguinte esmagaria a Berma nos bastidores: "Penalizou-me, desolou-me fazer sua filha esperar. Se tivesse entendido logo o que queria! Bem que me mandou cartões sobre cartões". Deliciava-a dar essa punhalada na Berma. Talvez recuasse se soubesse que seria mortal. É bom fazer-se vítimas, mas sem pôr-se visivelmente em falta, e sem matá-las. Qual, aliás, seu crime? Diria rindo, alguns dias mais tarde: "É demais! Quis ser, com seus filhos, mais amável do que ela comigo, e por pouco não me acusam de havê-la assassinado. Invoco o testemunho da duquesa. Todos os maus sentimentos e toda a falsidade da vida de teatro parecem passar, através das grandes atrizes, para os filhos, em quem o trabalho incessante não constitui, como nas mães, um derivativo; as maiores intérpretes dramáticas sucumbem freqüentemente a conspirações domésticas travadas em seu redor, como não raro sucedia no final das peças que representavam".

Como vimos, Gilberte quisera evitar um conflito com a tia a propósito de Rachel. Fizera bem: seria difícil defender a filha de Odette diante da sra. de Guermantes, tal a animosidade desta, pois o novo sistema que, como me dissera, adotara agora o duque para enganá-la era aquele pelo qual a traía embora parecesse extraordinário a quem soubesse a idade de Odette, com a sra. de Forcheville.

Pensando-se na idade presumível da sra. de Forcheville, a lição parecia de fato assombrosa. Mas talvez houvesse Odette começado muito cedo a vida galante. E, além do mais, há mulheres

que em cada década surgem em nova encarnação, amando quando já as davam por mortas, reduzindo ao desespero uma jovem por sua causa abandonada pelo marido.

O motivo da infelicidade da duquesa era, aliás, o mesmo que, por outro lado, reduzia o sr. de Guermantes a freqüentar um meio inferior. Apaziguado pela idade avançada, apesar de ainda robusto, este deixara havia muito de ser infiel à esposa, quando, sem ninguém saber ao certo, apaixonou-se pela sra. de Forcheville.

E com tal intensidade que, reproduzindo nesse derradeiro amor seu modo de agir nos outros, o velho seqüestrava a amante e, embora com grandes diferenças, repetia meu caso com Albertine, como este repetira o de Swann com Odette. Almoçava e jantava diariamente em sua companhia, não saía de sua casa; ela tirava partido dessa assiduidade junto de amigos que de outra forma nunca fariam relações com o duque de Guermantes, e só para vê-lo a freqüentavam, como se visita uma *cocotte* para conhecer o soberano seu amante. Certo, a sra. de Forcheville já entrara havia muito na sociedade. Mas, tardiamente restituída à condição de mulher teúda e manteúda, e por um orgulhoso ancião, cuja importância, apesar de tudo, a dominava, ela se diminuía só querendo usar *peignoirs* a seu gosto, fazer os pratos de sua preferência, dizendo aos próprios amigos, a fim de lisonjeá-los, que lhe falara deles, como fazia com meu tio-avô referindo-se ao grão-duque, em cujo nome lhe dava cigarros, numa palavra, a despeito de tudo quanto adquirira com a situação mundana, e pela força de novas contingências, tendia a reencarnar-se na dama de cor-de-rosa de minha infância. Evidentemente, meu tio Adolphe estava morto, e bem morto. Mas a substituição, em derredor de nós, das pessoas antigas pelas atuais, acaso nos impedira de recomeçar a mesma vida? Às presentes injunções ela cedera sem dúvida por cupidez, mas também porque, festejada na sociedade enquanto tivera uma filha casadoira, esquecida apenas Gilberte desposara Saint-Loup, sentira que o duque de Guermantes, capaz de tudo para satisfazê-la, haveria de aproximá-la de várias duquesas, prontas certamente a pregar uma peça a sua amiga Oriane, e, finalmente, talvez espicaçada pela irritação da duquesa, sobre a qual, por um sentimento feminino de rivalidade, era-lhe grato prevalecer. Alguns sobrinhos recalcitrantes do sr. de Guermantes, os Courvoisier, a sra. de Marsantes, a princesa de Trania, visitavam a sra. de Forcheville, na esperança de serem contemplados no testamento, indiferentes aos melindres da sra. de Guermantes, de cujo desdém Odette se vingava pela maledicência. Essa ligação, que reproduzia as anteriores,

fizera o duque perder, pela segunda vez, a possibilidade da presidência do Jockey, e uma cadeira de lente livre da Academia de Belas-Artes, assim como a pública associação do sr. de Charlus com Jupien privara aquele da presidência da União e da Sociedade dos Amigos da Velha Paris. Assim os dois irmãos, de gostos tão diversos, sofriam idêntica desconsideração, em virtude da mesma indolência, da mesma falta de vontade, já sensíveis, mas de maneira agradável, no duque de Guermantes seu avô, membro da Academia Francesa, e que nos netos, arrastados, um por amores naturais, outro pelos que por tal não são tidos, redundara em desclassificação.

Passando as tardes e as noites com Odette, o velho duque já não ia a parte alguma. Mas hoje, sabendo-a na *matinée* da princesa de Guermantes, entrara um instante, para vê-la, apesar do desprazer de encontrar a esposa. Eu nem o reconheceria, se a duquesa, dirigindo-se a ele, não houvesse, havia pouco, claramente designado a mim. Era apenas uma ruína, porém soberba, ou, mais ainda, o empolgante espetáculo romântico de um rochedo em meio à tempestade. Fustigada de todos os lados pelas vagas do sofrimento, da revolta, da preamar ameaçadora, sua face corroída como um bloco de pedra guardava a linha, o donaire que eu sempre admirara; assim carcomida, lembrava as belas cabeças antigas, que, ainda deterioradas, nos felicitamos de possuir para ornar um gabinete de estudo. Parecia somente datar de época remota, não tanto pelo endurecimento e pela usura de material outrora brilhante, como pela expressão que sucedera à finura e à jovialidade, expressão inconsciente, involuntária, determinada pela doença, traindo a luta contra a morte, a ânsia de resistir, a dificuldade de viver. As artérias já sem elasticidade conferiam à fisionomia antes aberta uma rigidez escultural. E, a sua revelia, o duque punha a descoberto, na nuca, nas faces, na testa, sinais da trágica tormenta que lhe sacudiam o ser desesperadamente agarrado a cada minuto, enquanto as mechas brancas, já rarefeitas, açoitavam com sua espuma o promontório invadido do rosto. Assim como a aproximação da procela à qual tudo sucumbirá confere reflexos estranhos, únicos, aos recifes até então de outra cor, o cinza plúmbeo das bochechas duras e gastas, o cinza esbranquiçado e encarneirado da cabeleira revolta, a tênue claridade ainda concedida aos olhos quase sem vista, não eram tons irreais, e sim, ao contrário, muito reais, mas fantásticos porque provenientes da palheta colorida pela velhice, pela morte próxima, cujos terríveis negrumes proféticos são inimitáveis. O duque pouco demorou-se, o bastante para me dei-

xa perceber que Odette, toda voltada para admiradores mais moços, não lhe dava importância. Mas, fenômeno curioso, ele, quase ridículo outrora quando assumia atitudes de rei de comédia, ganhara verdadeira majestade, tal como o irmão, a quem, despidido do acessório, o tornava semelhante a velhice. E antes orgulhoso, era agora quase diferente, ainda nisso parecendo-se com o irmão, embora, ontem como hoje, diferissem suas maneiras. Se não se mostrava tão decadente como o sr. de Charlus, reduzido a saudar com cortesia de enfermo desmemoriado os que antigamente desprezava, estava muito velho, e, quando quis transpor a porta e descer a escada para sair, obrigado a deter-se no caminho da cruz que é a vida dos impotentes sempre ameaçados, a enxugar a fronte molhada, a buscar com os olhos o degrau fugidio, necessitando para os passos incertos, para os olhos enevoados de um apoio que parecia implorar doce e timidamente a velhice, afinal a maior miséria dos homens, a quem precipita do cume de sua grandeza como reis de tragédia grega, mais do que augusto, revelou-o suplicante.

Assim, no *faubourg* Saint-Germain, as posições aparentemente inexpugnáveis do duque e da duquesa de Guermantes, do barão de Charlus haviam perdido sua inviolabilidade, do mesmo modo por que mudam todas as coisas neste mundo, pela ação de um agente interior no qual ninguém pensara: no sr. de Charlus, o amor por Charlie, que o escravizara aos Verdurin, e a caduquice; na sra. de Guermantes, a mania da novidade e da arte; no sr. de Guermantes, uma paixão exclusivista, como já tivera muitas, feita, mais tirânica pela fraqueza da idade, e a cujos desmandos já não opunha seu desmentido, seu resgate mundano o austero salão da duquesa, onde não se via o duque, e que, aliás, quase não funcionava mais. Assim se altera a configuração de tudo, assim o centro dos impérios, e o cadastro das fortunas, e a carta dos privilégios, o que parecia definitivo, é perpetuamente reformado, e um homem vivido vê com seus olhos a transformação mais completa justamente onde a crera impossível.

Não podendo passar sem Odette, instalado em sua casa sempre na mesma poltrona, de onde dificilmente lhe permitiam levantar-se a velhice e a gota, o sr. de Guermantes permitia-lhe receber seus amigos, deslumbrados de serem apresentados a um duque, de lhe cederem a palavra, de ouvi-lo discorrer sobre a antiga sociedade, sobre a marquesa de Villeparisis, sobre o duque de Chartres.

Às vezes, sob os velhos quadros de Swann, cuja arrumação de "coleccionador" rematava o caráter fora de moda daquela cena

onde figuravam um duque "Restauração" e uma *cocotte* "Segundo Império", a dama de cor-de-rosa, vestindo um *peignoir* do gosto do amante, interrompia este com sua tagarelice: ele calava-se abruptamente, deitava-lhe um olhar feroz. Talvez percebesse que também a ela, como à duquesa, acontecia dizer tolices; talvez, por uma alucinação senil, imaginasse ter tido a palavra cortada por alguma graçola intempestiva da sra. de Guermantes, acreditando estar na mansão Guermantes, como uma fera enjaulada que por uma ilusão momentânea se julgasse ainda livre nos desertos da África. Erguendo bruscamente a cabeça, seus pequenos olhos amarelos, de brilho felino, lançavam-lhe um daqueles olhares que tantas vezes, no salão da sra. de Guermantes, quando esta falava demais, me haviam feito tremer. Assim o duque fitava um instante a audaciosa dama rósea. Mas ela o desafiava, encarava-o firmemente, e, ao cabo de alguns segundos, que pareciam longos aos espectadores, a velha fera domada, lembrando-se de que não estava, em liberdade com a duquesa, no Saara cuja entrada era indicada pelo capacho da soleira, mas com a sra. de Forcheville, na jaula do Jardin des Plantes, enfiava nos ombros a cabeça com sua juba ainda espessa, entre branca e loura, e retomava a narrativa. Parecia não ter entendido as palavras da amante, de fato, em regra, sem sentido. Permitia-lhe convidar amigos para jantar. Por uma mania adquirida nos antigos amores, que não devia espantar Odette, habituada a vê-la em Swann, e a mim me comovia, pois me lembrava minha vida com Albertine, exigia que os convivas se retirassem cedo, para ser ele o último a despedir-se de Odette. Inútil dizer que após sua saída ela ia encontrar-se com os outros. Mas o duque ignorava-o, ou fingia ignorá-lo; a vista dos velhos se enfraquece, como se lhes endurecem os ouvidos e tolda a clarividência, a própria fadiga os força a relaxar a vigilância. Em certa idade, Júpiter se torna fatalmente uma personagem de Molière — não o olímpico amante de Alcmena, mas o cômico Géronte. Aliás, Odette enganava o sr. de Guermantes como dele cuidava, sem graça, sem nobreza. Era medíocre nesse papel como em todos os outros. Não que a vida não lhe tivesse dado alguns excelentes, mas porque não os sabia encarnar. Por ora, representava o de reclusa. De fato, muitas vezes quis eu em vão visitá-la, pois o sr. de Guermantes, para conciliar as exigências de seu regime e as de seus ciúmes, só lhe permitia as recepções diurnas, e sem danças. A clausura a que se sujeitava, ela me confessou francamente, por diversos motivos. O principal provinha de tomar-me, embora só tivesse escrito e publicado uns poucos artigos e ensaios, por um autor de fama, chegan-

do a dizer ingenuamente, a propósito de minhas idas à Avenue des Acacias para vê-la passar, e das visitas que mais tarde lhe fiz: “Ah! Se eu tivesse adivinhado que aquele rapazola viria a ser um grande escritor!” Ora, constatando-lhe que os romancistas buscam a companhia das mulheres para documentar-se, ouvir histórias de amor, ela se fazia, junto a mim, novamente uma simples *cocotte*, na esperança de interessar-me. “Olhe, de uma feita enrabichou-se por mim um homem que também amei perdidamente. Era divina nossa vida. Ele precisava ir à América, eu devia acompanhá-lo. Na véspera da partida, entendi que seria melhor não deixar arrefecer uma paixão que não poderia manter sempre o mesmo ardor. Tivemos uma última noite de verdadeira loucura, ele persuadido de minha ida, eu sentindo em seus braços um prazer infinito e o desespero de saber que jamais o reveria. De manhã, saí e dei minha passagem a um viajante desconhecido. Ele quis pagar. Respondi-lhe: ‘Não, presta-me um imenso serviço aceitando, guarde seu dinheiro’.” Contou ainda outro caso: “Estava eu um dia nos Campos Elísios, e o sr. de Bréauté, que eu só vira uma vez, pôs-se a olhar-me com tal insistência que parei e lhe perguntei por que me olhava assim. Respondeu-me: ‘Porque acho ridículo seu chapéu’. Tinha razão. Era um chapéuzinho com amores-perfeitos, da moda horrorosa daquele tempo. Mas enfureci-me e exclamei: ‘Não permito que me fale nesse tom’. Começava a chover. Então disse-lhe: ‘Só lhe perdoaria se tivesse um carro’. ‘Pois justamente tenho um, e vou levá-la.’ ‘Não, aceito seu carro, mas não sua companhia.’ Entrei no carro, e ele lá se foi apanhando chuva. À noite apareceu em minha casa. Tivemos dois anos de amor delirante”. Depois acrescentou: “Venha um dia tomar chá comigo, hei de contar-lhe como conheci o sr. de Forcheville. No fundo”, observou com melancolia, “passei uma vida reclusa, porque meus grandes amores foram por homens muito ciumentos. Não falo do sr. de Forcheville, porque não passava, afinal, de um medíocre, e eu só pude amar de fato homens inteligentes. Mas saiba que Swann era tão ciumento como o coitado do duque; por este, privo-me de tudo porque o sei infeliz com a mulher. Por Swann, fazia-o porque o amava doidamente, e acho fácil sacrificarem-se as danças, as festas, e tudo o mais, para satisfazer, ou mesmo apenas para poupar preocupações a quem se ama. Pobre Charles, tão inteligente, tão sedutor, exatamente o tipo do homem que eu sempre preferi”. E talvez fosse sincera. Houve tempo em que Swann a interessou, justamente quando ela não era “seu tipo” feminino. A bem dizer, o “tipo” de Swann, Odette nunca o foi. Amou-a, porém, então, in-

tensa e dolorosamente. Depois, a ele próprio surpreendia tal contradição, talvez apenas aparente, pois sabemos como avulta na vida de qualquer homem a proporção dos sofrimentos causados por mulheres “que não eram seu tipo”. Diversas causas podem explicar esse fato; primeiro, não sendo elas de nosso tipo, deixamo-nos amar sem amarmos, e assim nos escravizamos a um hábito que não se estabeleceria com rapariga alguma de nosso tipo, a qual, sentindo-se desejada, defender-se-ia, só nos concederia raros encontros, não nos encheria a vida com aquela instalação permanente cujo efeito é, se, mais tarde, por nossa vez amarmos e uma rusga, uma viagem que nos privar de notícias motivar uma separação, o rompimento, não apenas de um laço, mas de mil. Além disso, não nascendo da atração física, esse hábito é sentimental, e, se se transformar em amor, solicitará muito mais a imaginação: trata-se de um romance, e não de uma necessidade. Não desconfiamos das mulheres que não são nosso tipo, deixamo-las amar-nos, e se depois as amarmos, amá-las-emos cem vezes mais do que as outras, ainda sem gozar junto delas a satisfação do desejo aplacado. Por tais motivos e vários outros, o fato de nos virem os maiores desgostos de mulheres que não são nosso tipo não se explica apenas pela ironia do destino, que só nos consente a felicidade sob a forma menos de nosso agrado. A mulher de nosso tipo raramente é perigosa, pois, ou nos repele, ou logo nos contenta e nos deixa, não se instala em nossa vida, e o risco e a fonte dos males não é a mulher em si mesma, mas sua presença diária, o desejo de saber a todo momento o que está fazendo; não é a mulher, é o hábito. Tive a fraqueza de gabar a bondade e a nobreza que Odette revelava ao referir-se a Swann, sabendo imerecido o elogio, e mentirosa sua franqueza. Pensava com horror, enquanto ela me narrava suas aventuras, em tudo o que Swann ignorara, e tanto o teria atormentado, pois fixara sua sensibilidade naquela criatura e lhe descobria com segurança, só pelo olhar, o interesse por algum desconhecido, homem ou mulher. No fundo, confessava-se tão-somente para fornecer-me o que imaginava temas de novelas! Enganava-se apesar de me haver alimentado a imaginação, mas involuntariamente, e por iniciativa minha, que a sua revelia eu extraía dela as leis de sua vida.

O sr. de Guermantes reservava suas fúrias para a duquesa, sobre cuja liberdade de relações a sra. de Forcheville não perdia vaza de lhe chamar a atenção. Era assim muito infeliz a duquesa. É certo que o sr. de Charlus, a quem de uma feita toquei no assunto, pretendia não caberem ao irmão as primeiras culpas, e dever-

se, na realidade, a um número incalculável de aventuras habilmente dissimuladas a lenda de pureza da cunhada. Coisa de que eu nunca ouvira falar. Para quase todo mundo, a sra. de Guermantes era uma mulher à parte. A idéia de que sempre fora irrepreensível dominava todos os espíritos. Eu não sabia qual das duas versões responderia à verdade, a essa verdade que três quartos dos homens quase sempre ignora. Lembrava-me muito bem de certos olhares azuis e errantes da duquesa na nave da igreja de Combray, que entretanto a nenhuma das duas versões desmentiam, ambas lhe podendo conferir um sentido diverso e igualmente aceitável. Em meu pueril desvario eu os tomara, um instante, por miradas amorosas a mim dirigidas. Compreendi depois não serem senão benevolentes olhares de soberana semelhante à dos vitrais, contemplando seus vassallos. Deveria agora acreditar ter sido exata a primeira interpretação, e admitir que, se mais tarde não me falara de amor a duquesa, fora por temer mais comprometer-se com um amigo de sua tia e de seu sobrinho do que com um adolescente desconhecido, encontrado por acaso em Saint-Hilaire de Combray?

À duquesa alegrara um instante sentir seu passado mais consistente pelo fato de ser partilhado por mim, mas quando lhe fiz novas perguntas sobre o provincianismo do sr. de Bréauté, a quem na época eu não achava muito diferente do sr. de Sagan ou do sr. de Guermantes, ela reassumiu seu ponto de vista de mundana, isto é, de denegridora da mundanidade. Enquanto conversávamos, fazia-me percorrer a casa. Nas salas menores encontramos alguns íntimos, que haviam preferido isolar-se para escutar a música. Num salão Império, onde alguns vultos negros, de casaca, ouviam sentados num canapé, via-se, ao lado de uma estatueta representando Psique amparada por Minerva, uma *chaise-longue*, colcada em posição reta, mas interiormente curva como um berço, onde se recostava uma jovem. A atitude langorosa, que não mudou com a entrada da duquesa, contrastava-lhe com o fulgor maravilhoso do vestido Império, ante cuja seda encarnada, onde os floridos desenhos pareciam há muito gravados, tanto se afundavam no tecido nacarado, empalideceriam as mais rubras fúcsias. Para saudar a duquesa, inclinou ligeiramente a formosa cabeça castanha. Apesar de ainda ser dia, tendo ela pedido que cerrassem as cortinas, a fim de melhor recolher-se durante o concerto, haviam, para evitar esbarrões, acendido sobre um tripé uma urna de suave luz iriada. Em resposta a minha pergunta, a duquesa de Guermantes

informou-me ser a sra. de Sainte-Euverte. Indaguei então qual seu parentesco com a sra. de Sainte-Euverte que eu conhecera. A sra. de Guermantes disse-a casada com um sobrinho-neto daquela, e, salvo engano, nascida La Rochefoucauld, mas negou haver tido relações com os Sainte-Euverte. Lembrei-lhe o baile, do qual, é verdade, eu apenas ouvira falar, onde, princesa de Laumes, ela revira pela primeira vez Swann. A sra. de Guermantes afirmou não ter ido a tal baile. Sempre mentira um pouco, e agora mais do que nunca. O salão da sra. de Sainte-Euverte — aliás depois bastante decadente — incluía-se entre os que renegava. Não insisti. “Não, quem você pode ter avistado em minha casa, porque eu o achava inteligente, era o marido dessa a quem se refere, com a qual não me dava.” “Mas ela não tinha marido.” “É o que você pensa, porque estavam separados, mas ele era muito mais agradável do que ela.” Acabei por entender que um homem enorme, extremamente alto, extremamente gordo, de cabelos brancos, que vira em toda parte, e cujo nome nunca soubera, fora o marido da sra. de Sainte-Euverte. Morreria haveria um ano. Quanto à sobrinha, ignoro se se devia a alguma doença de estômago, dos nervos, a uma flebite, a uma gravidez adiantada, a um parto recente ou mal-sucedido, o fato de ouvir música deitada, sem se erguer em atenção a pessoa alguma. O mais provável seria que, vaidosa de suas ricas sedas vermelhas, julgasse produzir na *chaise-longue* uma impressão do gênero Récamier. Mal sabia que emprestava para mim novo brilho ao nome de Sainte-Euverte, o qual, ouvido após tão longo intervalo, marcava a distância e a continuidade do Tempo. Era o Tempo que embalava no berço onde floriam, em rubras fúcsias sedosas, o apelido de Sainte-Euverte e o estilo Império. Estilo que a sra. de Guermantes declarava ter sempre detestado; com isso significava que o detestava agora, e era exato, pois seguia a moda, embora com algum atraso. Nunca ousara falar de David, que mal conhecia, mas, em moça, considerara Ingres, primeiro, o mais fastidioso dos pintores convencionais, depois, bruscamente, o mais saboroso dos mestres da Arte nova, predileção que a levava a negar Delacroix. Não importava saber como voltara o culto à reprovação, já que, essas mesmas variações, os críticos de arte as refletem dez anos antes de transparecerem nas palavras das mulheres superiores. Depois de arrasar o estilo Império, pediu-me desculpas por falar-me de gente tão insignificante como os Sainte-Euverte, e de tolices como o lado provinciano de Bréauté, tão longe de pensar quanto isso me interessava, como a sra. de Sainte-Euverte-La Rochefoucauld, só preocupada com o bem-estar de seu estômago

ou seu efeito à Ingres, de supor que me encantara seu nome — de seu marido, e não o dos gloriosos ascendentes deste — e que eu lhe descobrira uma função naquela peça tão bem apetrechada para acalantar o tempo. “Mas como posso entretê-lo com tais sandices, como lhes pode prestar atenção?”, sussurrou a duquesa. Falara a meia voz, para que ninguém mais a ouvisse. Mas um rapaz (que depois me interessaria, por causa de seu nome, mais familiar a minha mocidade do que o de Sainte-Euverte) levantou-se irritado e afastou-se para escutar livre de importunos. Tocavam a sonata de Kreutzer, mas, tendo-se enganado na leitura do programa, tomava-a por um trecho de Ravel, que lhe haviam dito tão belo como os de Palestrina, mas difícil de entender. Mudando assomadamente de lugar, sucedeu-lhe, na meia-luz reinante, esbarrar numa secretária, ao que se voltaram várias pessoas, contentes de diminuírem, pelo simples gesto de olhar para trás, o suplício de ouvir “religiosamente” a sonata de Kreutzer. Esse pequeno escândalo fez com que a sra. de Guermantes e eu nos apressássemos em passar a outra sala. “Sim, como poderão essas nugas prender um homem de seu valor? É como há pouco, quando o vi conversar com Gilberte de Saint-Loup. Não é digna de você. Para mim, aquela mulher não é nada, nem mesmo uma mulher, é o que há de mais falso e burguês no mundo” (até às suas defesas da atualidade misturava a duquesa preconceitos de aristocrata). “E, aliás, nem deveria vir a casas como esta. Hoje, ainda vá, pois havia o recitativo de Rachel como chamariz. Mas, embora ela tenha sido esplêndida, não pôde dar sua medida diante deste público. Hei de convidá-lo para almoçar só com ela. Então verá quanto vale. É cem vezes superior a todos aqui. E depois do almoço ela recitará Verlaine. Vai ficar deslumbrado.” Gabou-me especialmente suas reuniões durante o dia, às quais não faltaram X. e Y. Adquirira a mentalidade — que outrora desprezava, não obstante o negasse hoje — das damas possuidoras de “salões”, para quem, segundo então dizia, a maior superioridade, o sinal de eleição, se resumia em receber “todos os homens”. Rira-se de minha ingenuidade quando lhe contei que uma dessas senhoras, já falecida, referira-se malevolamente à sra. Howland: “Naturalmente, a outra era procurada por todos os homens que ela tentava atrair”. Agora prosseguiu: “Mas a festanças como esta, não, não posso entender que venha. A menos que seja para documentar-se...”, acrescentou, com ar dubitativo, desconfiado, não querendo avançar mais, pois ignorava em que consistiam exatamente e como se processavam as pouco prováveis operações a que aludia.

“Não acha”, perguntei-lhe, “que deve ser penoso para a sra. de Saint-Loup ouvir, como acaba de fazer, a antiga amante do marido?” Vi formar-se em seu rosto a prega oblíqua, reveladora de um raciocínio que filia a pensamentos desagradáveis as palavras do interlocutor. Raciocínio que não se exterioriza, é certo, mas as coisas graves que dizemos nunca são respondidas, nem verbalmente nem por escrito. Só os néscios insistem em reclamar a resposta a uma carta que não deveriam ter mandado, que era uma gafe; a recepção de missiva assim só se acusa por atos, e a destinatária tida por incorreta, quando encontra o correspondente, trata-o cerimoniosamente de senhor, em vez de chamá-lo pelo nome. Minha referência à ligação de Saint-Loup não era desazo muito sério, e só passageiramente aborreceu a sra. de Guermantes, lembrando-lhe que eu fora amigo de Robert e talvez seu confidente, a propósito das humilhações sofridas pela amante na recepção da duquesa. Esta não se deteve em tais considerações, desfez-se-lhe a ruga tempestuosa e respondeu a minha pergunta sobre a sra. de Saint-Loup: “Digo-lhe que isso deve ser tanto mais indiferente a Gilberte quanto ela nunca amou o marido. É um monstro. Gosta da situação, do nome, de ser minha sobrinha, de sair da lama, à qual depois só pensava em voltar. Confesso que me sentia confragida, por causa do pobre Robert, que podia não ser uma águia, mas percebia essas coisas e muitas outras. Prefiro calar, porque apesar de tudo é minha sobrinha, e não tenho prova positiva de que o enganasse, mas houve vários casos suspeitos. Mas garanto, falo porque sei, Robert quis bater-se em duelo com um oficial de Méséglise. Foi por isso que se alistou. Viu na guerra uma libertação dos desgostos domésticos; minha opinião é que não morreu involuntariamente, deixou-se matar. Ela não o chorou, até espantou-me o raro cinismo com que alardeou a indiferença, espantou-me e entristeceu-me, pois gostava muito de Robert. Talvez não acredite, porque todos me julgam erradamente, mas até hoje ainda penso nele. Não me esqueço de ninguém. Ele nunca me disse nada, mas sabia que eu adivinhara tudo. E veja bem, se tivesse amado ao menos um pouco o marido, poderia ela suportar com tanta fleuma a presença da mulher por quem este vivera apaixonado tantos anos, pode-se dizer até o fim, pois tenho a certeza de que suas relações nunca cessaram, nem mesmo durante a guerra? Devia ter querido estrangulá-la”, exclamou a duquesa, sem perceber que, tendo insinuado o convite a Rachel e portanto tornado possível a cena que julgava inevitável caso Gilberte houvesse amado Robert, agira com crueldade. “Não, francamente não passa de

uma cadela.” Esta expressão parecia admissível à sra. de Guermantes porque, de seu meio ao das comediantes, vinha deslizando num suave plano inclinado, porque a enxertava num gênero setecentista que reputava saboroso, enfim porque se julgava autorizada a tudo. Mas era-lhe também ditada pelo ódio a Gilberte, pela gana de esbofeteá-la, se não fisicamente, pelo menos em efígie. E ao mesmo tempo cuidava legitimar assim toda a sua conduta para com Gilberte, ou, antes, contra ela, na sociedade, na família, até do ponto de vista dos interesses materiais e do inventário de Robert. Mas os julgamentos que proferimos recebem não raro, de fatos que ignoramos e de cuja existência nem poderíamos desconfiar, uma aparente justificação. Gilberte, que sem dúvida herdara alguns traços maternos (para os quais instintivamente eu apelara ao pedir-lhe que me apresentasse mocinhas), depois de refletir sobre meu pedido, chegou, provavelmente a fim de garantir para a família os possíveis proveitos, a uma conclusão cuja ousadia eu estava longe de imaginar, e acercou-se de mim, dizendo: “Se me permite, vou chamar minha filha, para que você a conheça. Está conversando acolá com o jovem Mortemart e outros garotos sem maior interesse. Tenho a certeza de que encontrará nela uma boa amiguinha”. Perguntei-lhe se Robert se alegrara com o nascimento da menina. “Oh! ficou muito ancho. Mas, naturalmente, dados os seus gostos”, explicou ingenuamente, “preferiria um rapaz.” Essa moça, cujo nome e fortuna dariam à mãe esperanças de ver casada com um príncipe de sangue real, coroando assim a obra de ascensão social empreendida por Swann, escolheu mais tarde para marido um escritor obscuro, porque era destituída de qualquer esnobismo, e fez baixar a família a um nível inferior ao de seu ponto de partida. Foi então extremamente difícil fazer as novas gerações admitirem a grande situação desfrutada pelos pais deste casal modesto.

O espanto e o prazer causado pelas palavras de Gilberte logo recuaram, enquanto ela se dirigia a outro salão, ante a noção da fuga do Tempo, que, a seu modo, e antes mesmo de aparecer, me comunicava a srta. de Saint-Loup. Como a maior parte das pessoas, aliás, não representaria ela, na vida, o mesmo que, nas florestas, as clareiras em forma de estrela para onde convergem, de pontos diversos, tantas veredas? Eram numerosas, em meu caso, as que se dirigiam para a srta. de Saint-Loup, ou de seu derredor irradiavam. E, antes de tudo, a ela conduziam os dois grandes “caminhos” de meus passeios e dos sonhos — por seu pai Robert, o de Guermantes, por Gilberte, sua mãe, o de Méséglise, que era o

de Swann. Este, através da mãe da jovem e os Campos Elísios, me levava a Swann, às noites de Combray, no rumo de Méséglise; aquele, através de seu pai, às tardes de Balbec, onde eu o revia junto ao mar ensolarado. Já, entre esses dois caminhos, atalhos se estabeleciam. Porque o Balbec real, o de meu encontro com Saint-Loup, eu o desejara em grande parte conhecer graças ao que me dissera Swann sobre suas igrejas, sobretudo sobre a igreja persa, e, por outro lado, Robert de Saint-Loup, sobrinho da duquesa de Guermantes, me fez descobrir, ainda em Combray, o caminho de Guermantes. Mas a muitos outros pontos de minha existência dava acesso a srta. Saint-Loup à Dama Rósea, sua avó, que eu vira em casa de meu tio-avô. Nova transversal surge aqui, que o criado de quarto de meu tio, o que naquele dia me fizera entrar, e mais tarde pela dádiva de uma fotografia, permitira-me identificar a Dama Rósea, era tio do rapaz amado não só pelo barão de Charlus, mas pelo próprio pai da srta. de Saint-Loup, o causador da infelicidade de sua mãe. E não fora seu avô, Swann, o primeiro a me falar da música de Vinteuil, assim como Gilberte a primeira a me falar de Albertine? Ora, comentando com Albertine a música de Vinteuil é que descobri quem era sua grande amiga, e comeci com ela a vida que a conduziria à morte, e tantos desgostos me daria. Foi, por outro lado, o pai da srta. Vinteuil quem se prontificou a procurar Albertine e fazê-la voltar. E eu revia até toda a minha existência mundana, seja em Paris, no salão dos Swann ou no dos Guermantes, seja no outro extremo, em Balbec, em casa dos Verdurin, alinhando assim, ao lado dos dois caminhos de Balbec, os Campos Elísios e o belo terraço da Raspelière. Qual, aliás, dos seres que conhecemos, não nos obrigará, para narrar a amizade que a ele nos uniu, a situá-lo necessariamente em todos os quadrantes de nossa vida? Pintada por mim, a de Saint-Loup teria por cenários os da minha e a esta se misturaria totalmente, sem exclusão das passagens a que permanecera estranho, com as de minha avó e Albertine. Além do mais, por oposto que fossem, os Verdurin ligavam-se a Odette pelo passado desta, a Robert de Saint-Loup por Charlie, e imensa fora neles a repercussão da música de Vinteuil. Enfim, Swann amara a irmã de Legrandin, o qual conhecera o sr. de Charlus, com cuja pupila se casara o jovem Cambremer. Certamente, considerando apenas nossos corações, não errou o poeta ao falar dos fios misteriosos cortados pela vida. Mas é ainda mais verdadeiro que ela os tece sem cessar entre os seres, entre os sucessos, que os entrecruza e redobra a fim de reforçar a trama, tanto que, entre o mínimo ponto de nosso passado e todos os ou-

tros, uma rede riquíssima de lembranças nos oferece larga escolha de vias de comunicação. Pode-se dizer que, se manejada, não inconscientemente, mas no propósito de recordar-lhe a história, nenhuma das coisas, agora a meu serviço, deixaria de lembrar-me já ter sido viva, dotada a meus olhos de vida própria, só depois, pelo uso, transformada em mero produto industrial: E ia conhecer a srta. de Saint-Loup na casa da srta. Verdurin, feita princesa de Guermantes! Com que encanto eu pensava nas viagens com Albertine — da qual eu ia pedir à srta. de Saint-Loup que fosse um sucedâneo — no trenzinho de Doville, para visitar a sra. Verdurin, a mesma sra. Verdurin que propiciara, antes de meu amor com Albertine, o início e o fim do dos avós da srta. de Saint-Loup. Cercavam-nos os quadros do mesmo Elstir que me apresentara a Albertine. E, para melhor fundir todos os meus passados, a srta. Verdurin, como Gilberte, desposara um Guermantes.

Não poderíamos descrever nossas relações, ainda superficiais, com alguém, sem evocar os mais diversos sítios de nossa vida. Assim cada indivíduo — eu inclusive — dava-me a medida da duração pelo giro que realizava em torno não só de si mesmo como dos outros, e notadamente pelas oposições que sucessivamente ocupava em relação a mim.

E, sem dúvida, todos esses planos diferentes, segundo os quais o Tempo, desde que, nesta festa, eu o recapturara, dispunha minha vida, aconselhando-me a recorrer, para narrar qualquer existência humana, não à psicologia plana em regra usada, mas a uma espécie de psicologia no espaço, acrescentavam nova beleza às resurreições por minha memória operadas enquanto devaneava a sós na biblioteca, pois a memória, pela introdução, na atualidade, do passado intato, tal qual fora quando era presente, suprime precisamente a grande dimensão do Tempo, a que permite à vida realizar-se.

Vi Gilberte adiantar-se. A mim, a quem o casamento de Saint-Loup — com as idéias que então me vieram, as mesmas desta manhã — parecia ter sido ontem, surpreendeu-me ver a seu lado uma donzela de mais ou menos dezesseis anos, cuja estatura elevada marcava a distância que eu me recusara a perceber.

O tempo incolor e fugidio se havia, a fim de que eu o pudesse por assim dizer ver e tocar, materializado nela, modelando-a como uma obra-prima, enquanto em mim, mísero, cumprira sua tarefa. E agora defrontava a srta. de Saint-Loup. Tinha olhos profundos, nítidos, penetrantes, cuja pupila, de tão negra, parecia perfurada. Admirou-me ver seu nariz, como se tivesse sido feito na

forma dos da mãe e da avó, terminar, em baixo, com a mesma pura linha horizontal, sublime apesar de um pouco longa. Traço tão característico por si só bastaria para fazer reconhecer uma estátua entre mil, e pasmou-me ver que a natureza, qual um grande e original escultor, dera, no momento preciso, na neta como na mãe e na avó, o mesmo poderoso e decisivo golpe de cinzel. Esse lindo nariz, cuja proeminência lembrava vagamente um bico de pássaro, não se encurvava como o de Swann, e sim como o de Saint-Loup. Desvanecera-se a alma daquele Guermantes, mas, da ave que alçara vôo para sempre, a bela cabeça de olhos agudos se veio pousar nos ombros da srta. de Saint-Loup, acordando sonhos e saudades nos que haviam conhecido o pai. Achei-a bonita, ainda cheia de esperanças. Risonha, formada pelos anos que eu perdera, assemelhava-se a minha mocidade.

Enfim, a noção do tempo trazia-me uma última vantagem, era um aguilhão, convencia-me da urgência de começar, se quisesse captar o que algumas vezes, no curso da existência, eu sentira em fugazes e fulgurantes intuições, no caminho de Guermantes, nos passeios de carro com a sra. de Villeparisis, e me fizera julgar a vida digna de ser vivida. Assim a considerava, agora mais do que nunca, pois parecia-me possível iluminá-la, ela que passamos nas trevas, fazê-la voltar à verdade original, ela que continuamente falseamos, em suma, realizá-la num livro. Como seria feliz quem pudesse escrever tal livro, pensava eu; e que trabalho teria diante de si! Para dar dele uma idéia, seria mister buscar comparações nas artes mais diversas e mais altas; porque esse escritor, que, aliás, de cada caráter deveria apresentar as faces opostas, para conferir peso e solidez a seu livro precisaria prepará-lo minuciosamente, com constantes reagrupamentos de forças, como em vista de uma ofensiva, suportá-lo como uma fadiga, aceitá-lo como uma norma, construí-lo como uma igreja, segui-lo como um regime, vencê-lo como um obstáculo, conquistá-lo como uma amizade, superalimentá-lo como uma criança, criá-lo como um mundo, sem desprezar os mistérios que provavelmente só se explicam em outros mundos, e cujo pressentimento é o que mais nos comove na vida e na arte. Nos grandes livros dessa natureza, há partes apenas esboçadas, que não poderiam ser terminadas, dada a própria amplitude da planta arquitetônica. Muitas catedrais permanecem inacabadas. Longamente nutrimos um livro assim, fortalecemos-lhe os trechos fracos, mas depois é ele que nos engrandece, que assinala nosso túmulo, que o defende do ruído e um pouco do esquecimento. Mas, para voltar a mim, pensava mais modestamente em meu

livro, e seria inexato dizer que me preocupavam os que o leriam, os meus leitores. Porque, como já demonstrei, não seriam meus leitores, mas leitores de si mesmos, não passando de uma espécie de vidro de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos ópticos em Combray, o livro graças ao qual eu lhes forneceria meios de se lerem. Por isso não esperaria deles nem elogios nem ataques, mas apenas que me dissessem se estava certo, se as palavras em si lidas eram mesmo as que eu empregara (as possíveis divergências não provindo, aliás, sempre de erros meus, mas, algumas vezes, de não serem os olhos do leitor daqueles aos quais meu livro conviria para a leitura interior). Mudando de comparações à medida que melhor, mais concretamente, antevia a tarefa em que me empenharia, pensei que, sentado à grande mesa de pinho, eu escreveria minha obra sob o olhar de Françoise. Os seres simples que conosco convivem possuindo certa intuição de nossas ocupações, e já estando eu suficientemente esquecido de Albertine para perdoar a Françoise o que lhe fizera, trabalharia a seu lado, e quase à sua imitação (ao menos à imitação do que outrora fazia: agora, muito velha, já não tinha vista para nada), pois, pregando aqui e ali uma folha suplementar, eu construiria meu livro, não ousando dizer ambiciosamente como uma catedral, mas modestamente como um vestido. Quando não encontrasse todos os meus papéis, meus papeluchos, como dizia Françoise, e faltasse justamente o mais necessário no momento, ela compreendia que me enervasse, pois repetia sempre ser-lhe impossível coser sem a linha e os botões mais adequados, e também porque, à força de viver minha vida, adquirira do trabalho literário uma tal ou qual compreensão instintiva, mais exata do que a de muitas pessoas inteligentes, e com maioria de razão do que a dos tolos. Assim, antigamente, quando eu escrevia meus artigos para o *Figaro*, ao passo que o velho copeiro, com aquele ar de comisseração por todos assumido para exagerar o aspecto penoso de um ofício que não praticam e nem concebem, até de um hábito que não têm, para dizerem, por exemplo: “Como deve ser fatigante espirrar tanto!”, lamentava sinceramente os escritores, exclamando: “Que quebra-cabeça deve ser isso!”, Françoise, ao contrário, adivinhava meu prazer e respeitava meu trabalho. Só se zangava ao ver-me expor previamente a Bloch meus artigos, temendo vê-lo tomar-me a dianteira, e avisando: “Devia desconfiar de todos esses sujeitos, são uns conspiradores”. E, com efeito, Bloch tinha o cuidado de preparar um álibi retrospectivo, observando, cada vez que eu lhe esboçava algo de seu agrado: “Mas é curioso, escrevi mais ou me-

nos a mesma coisa, preciso ler para ti”. (Leitura no momento impossível, pois ia escrever naquela noite.)

Os papéis que Françoise chamava de papeluchos estavam, de tanto ser colados uns aos outros, rasgados aqui e ali. Françoise poderia, se fosse necessário, ajudar-me a consertá-los, do mesmo modo como remendava seus vestidos, ou, esperando o vidraceiro como eu o tipógrafo, punha na janela da cozinha um pedaço de jornal no lugar de uma vidraça quebrada.

Apontando para meus cadernos, roídos como madeira por cupim, lamentava: “Está tudo bichado, que pena, este canto de página é uma renda” — examinava-o como um alfaiate — “acho que não poderei consertar, está perdido. Que prejuízo, talvez sejam suas melhores idéias. Como se diz em Combray, ninguém conhece as peles tão bem como as traças. Estragam sempre as melhores fazendas”.

Aliás, como as individualidades (humanas ou não) se compoem neste livro de impressões múltiplas, as quais, provocadas por muitas moças, muitas igrejas, muitas sonatas, serviriam para constituir uma única sonata, uma única igreja, uma única moça, eu poderia fazê-lo como Françoise o *boeuf-à-la-mode*, tão apreciado por Norpois, onde tantos pedaços de carne, escolhidos e acrescentados, enriqueciam a geléia. E realizaria o que tanto desejara em meus passeios no caminho de Guermantes, e crera impossível, como crera impossível, de volta, habituar-me jamais a adormecer sem beijar minha mãe, ou, mais tarde, à idéia de Albertine gostar de mulheres, idéia com a qual eu acabara vivendo sem lhe perceber a presença, pois nossos maiores temores, como nossas maiores esperanças, não estão acima de nossas forças, e podemos, ao cabo, dominar aqueles e realizar estas. Sim, a esta obra, a noção do Tempo, que acabava de adquirir, me dizia chegada a hora de consagrar-me. Essa urgência justificava a ansiedade que de mim se apoderara ao entrar no salão, onde as fisionomias retocadas me deram a sensação do tempo perdido; mas já não seria tarde? Eu vivera como o pintor galga a encosta que penetra um lago, cuja vista lhe é vedada por uma cortina de rochedos e árvores. Por uma brecha, divisa-o afinal, tem-no todo sob os olhos, toma dos pincéis. Mas já a noite chega e o impede de pintar, a noite após a qual não haverá mais dia!

Indispensável à obra tal como há pouco a concebera na biblioteca seria a análise em profundidade das impressões, depois de recriadas pela memória. Ora, esta estava gasta. Além disso, estando tudo por fazer, sobravam-me motivos de inquietação, pois

apesar de me permitir a idade a esperança de viver ainda alguns anos, minha hora poderia soar de um momento para outro. Não podia, com efeito, esquecer-me de que tinha um corpo, isto é, de que corria sempre um perigo duplo, exterior e interior. E só me exprimo desta forma por comodidade de linguagem. Porque o risco interior, o da hemorragia cerebral, por exemplo, é também exterior, já que vem do corpo. Possuir um corpo é a grande ameaça que paira sobre o espírito. Tudo se passa, para os seres humanos e racionais (nos quais devemos ver menos um milagroso aperfeiçoamento da vida animal e física do que uma realização tão precária e rudimentar como a existência gregária dos protozoários nos polípeiros, como a baleia etc.) como se, na organização da vida espiritual, o corpo encerrasse o espírito numa fortaleza; assediada esta por todos os lados, não resta àquele senão render-se. Mas, para resignar-me a distinguir duas espécies de riscos para o espírito, e começando pelos de ordem externa, recordei-me de já me ter, várias vezes na vida, nos momentos de excitação intelectual, quando, por qualquer circunstância, se suspendia em mim toda a atividade física, ao deixar, por exemplo, meio embriagado, o restaurante de Rivebelle em demanda de algum cassino vizinho, sucedido sentir nitidamente em mim o objeto atual de meus pensamentos, e compreender que dependera apenas de um acaso, não só a não apreensão, como sua destruição juntamente com meu corpo. Pouco me importara então isso. Minha exaltação não era prudente, não era inquieta. Que, num segundo, essa alegria sumisse, voltasse ao nada, não me preocupava. Já agora não se dava o mesmo; porque a felicidade que experimentava não provinha da tensão puramente subjetiva dos nervos, que nos isola do passado, mas, ao contrário, de um alargamento de meu espírito, no qual renascia, atualizava-se o passado e que me permitia apreender — mas, ai de mim!, fugazmente — o valor da eternidade. Desejaria legá-lo àqueles a quem poderia enriquecer meu tesouro. Certamente, o que sentira na biblioteca e buscava proteger era ainda o prazer, porém não mais egoísta, ou, pelo menos (já que todos os altruismos fecundos da natureza se desenvolvem de maneira egoísta, sendo estéril o altruísmo humano não egoísta, o do escritor que interrompe seu trabalho para receber um amigo infeliz, exercer função pública, escrever artigos de propaganda) por outrem utilizável.

Já não era despreocupado como ao regressar de Rivebelle, sentia-me responsável pela obra que em mim trazia (como por algo precioso e frágil que me houvesse sido confiado e quisesse de por intacto nas mãos de terceiros aos quais se destinava). E dizer

que dentro em pouco, no percurso até a casa, bastaria um choque acidental para aniquilar-me o corpo, para obrigar-me o espírito a abandonar para sempre as idéias que neste momento encerrava, abrigava ansiosamente em sua polpa fremente, e não tivera tempo de colocar em segurança num livro. Sentir-me portador de uma obra fazia-me considerar mais temível e até (na medida em que essa obra me parecia necessária e duradoura) absurdo, tanto contrariava meus desejos e os impulsos de meu pensamento, qualquer acidente fatal, nem por isso entretanto menos possível, pois os desastres, sendo devidos a causas materiais, podem muito bem ocorrer precisamente quando aspirações diversas, que destroem sem conhecer, os tornam mais odiosos, como acontece diariamente, nos fatos mais comecinhos, uma garrafa posta na beira da mesa caindo e acordando o amigo cujo sono tanto quiséramos proteger contra o menor ruído.

Eu tinha a certeza de que meu cérebro constituía uma rica zona de mineração, com jazidas preciosas, extensas e várias. Mas teria tempo de explorá-las? Era a única pessoa capaz de fazê-lo. Por dois motivos: com minha morte, não desapareceria só o mineiro conhecedor exclusivo dos minérios, mas também as próprias minas; ora, dentro em pouco, na volta para casa, o encontro do automóvel onde viajasse com outro seria suficiente para destruir meu corpo e forçar meu espírito a deixar para sempre minhas novas idéias. Coincidência estranha, a de sobrevir-me esse medo lúcido do perigo logo após se me haver tornado indiferente a perspectiva da morte. O receio de deixar de ser o mesmo atormentara-me outrora, sobretudo quando me vinha um novo amor — por Gilberte, por Albertine —, pois era-me insuportável a idéia de vir um dia a evanescer-se o ser que as amava, numa prefiguração da morte. Mas, à força de renovar-se, esse temor se transformara facilmente em calma confiante.

Se de início a obsessão da morte me amargou assim o amor, depois da lembrança do amor ajudou-me a encarar corajosamente a morte. Compreendi que morrer não me seria novidade, que, ao contrário, já morreria muitas vezes desde a infância. Para reportar-me ao período mais próximo, não prezara Albertine mais do que minha própria vida? Poderia então ter-me concebido a mim mesmo sem o amor que lhe dedicava? Ora, já não a amava; não era mais o ente que a amara, porém outro muito diverso; cessara de amá-la quando me transformara. E não sofria por me ter tornado esse outro, por não amar Albertine; certo, deixar um dia de possuir meu corpo não me podia de modo algum parecer tão triste

como outrora me parecera deixar de amar Albertine. E, entretanto, quão pouco me importava agora não amá-la mais! Essas mortas sucessivas, tão terríveis ao ser que hão de aniquilar, tão inócuas, tão suaves uma vez realizadas, quando já não existia quem as receara, me haviam, recentemente, feito entender quão pouco sensato era o medo da morte. Ora, após haver aprendido a considerá-la com sobrançeria, punha-me agora de novo a temê-la, por motivos diferentes, é verdade, não mais por mim, porém por meu livro, a cuja eclosão seria, ao menos durante algum tempo, indispensável esta vida que tantos riscos ameaçavam. Victor Hugo disse: *"Il faut que l'herbe pousse et les enfants meurent"*. E eu afirmo que a lei cruel da arte exige que os seres pereçam, que nós mesmos morramos padecendo todos os tormentos, a fim de que cresça a relva, não do olvido, mas da vida eterna, a dura relva das obras fecundas, sobre a qual as gerações futuras virão alegremente, sem cogitar dos que sob ela dormem, fazer seus piqueniques. Mencionei os perigos exteriores; também os há interiores. Preservado dos desastres vindos de fora, quem sabe não seria eu impedido de aproveitar-me desse benefício por outro ocorrido dentro de mim, alguma catástrofe interna, algum distúrbio cerebral, antes de se completarem os meses necessários à feitura do livro?

Não era mister um acidente cerebral. Certos sintomas, notadamente uma sensação de vazio na cabeça e o esquecimento de tantos fatos, que só por acaso me vinham, como quando, arrumando a roupa, deparamos com uma peça esquecida, que nem pensáramos em procurar, faziam de mim um avaro cujo cofre, furado, ia aos poucos deixando evadirem-se os tesouros.

Esta tarde, ao voltar para casa pelos Campos Elísios, quem me garantia que não seria acometido do mesmo mal que minha avó, quando, para seu derradeiro passeio, lá foi comigo, sem o menor pressentimento, na ignorância, por todos sempre partilhada, de haver o ponteiro atingido precisamente a posição em que, soltando a mola, faz o relógio dar a hora. Talvez o receio de já se haver escoado o minuto antecedente à primeira badalada, de estar esta prestes a soar, talvez esse receio do golpe já em preparação dentro de mim fosse uma obscura preciência do que ia suceder, um reflexo na consciência do estado precário do cérebro cujas artérias já não resistem, tão possível como a súbita aceitação da morte por parte de feridos, que, embora lúcidos, que, embora iludidos pelo médico e pelo próprio desejo de viver, dizem, prevendo o inevitável: "Vou morrer, estou pronto" e escrevem suas despedidas à esposa.

Essa informulada sensação do que me aguardava me foi comunicada por um episódio estranho, ocorrido, de forma insólita, antes de eu ter começado meu livro. Saí uma noite para encontrar alguns amigos, e todos me acharam bem-disposto, melhor do que antes, espantando-se por me verem bastos e negros os cabelos. Mas, por três vezes, quase caí ao descer a escada. Estive fora de casa apenas duas horas, e quando voltei senti-me sem memória, sem força, sem vida. Se me viessem procurar para proclamar-me rei, para se apoderarem de mim, para prender-me, eu me entregaria sem uma palavra, sem abrir os olhos, como os que enjoam a bordo, e que, atravessando o mar Cáspio, não esboçam sequer um gesto de resistência ouvindo que vão ser lançados às águas. Não estava propriamente doente, mas sabia-me incapaz da menor ação, como os velhos, na véspera ainda espertos, que, quebrando uma coxa ou sofrendo uma indigestão, arrastam no leito uma existência que não é senão a preparação mais ou menos longa para a morte de ora em diante inelutável. Uma parte de mim, a que outrora frequentava os bárbaros festins chamados banquetes, onde, para homens de coletes brancos e mulheres empenachadas, meio despidas, os valores se alteram a ponto de parecer mais censurável a falta de um conviva que, tendo aceito o convite, não vem ou mesmo só chega ao servir-se o assado do que os atos imorais levemente comentados, de mistura com os últimos falecimentos, durante o jantar, ao qual só a morte ou uma moléstia grave desculpam a ausência, com a condição de ter sido a agonia comunicada a tempo de descobrir-se outra pessoa para completar os catorze — essa parte de meu ser conservara os escrúpulos e perdera a memória. A outra, a que concebera sua obra, ao contrário de tudo se recordava. Eu recebera um convite da sra. Molé e soubera que morrera o filho da sra. Sazerat. Resolvi empregar uma das horas após as quais, como minha avó moribunda, cuja língua se paralisara, não poderia mais pronunciar uma palavra, ou tomar leite, para apresentar desculpas à sra. Molé e pêsames à sra. Sazerat. Mas logo me esqueci do que pretendia fazer. Abençoado esquecimento, pois a memória de minha obra estava vigilante e ia aproveitar para colocar os primeiros alicerces o tempo de que ainda dispunha. Infelizmente, ao pegar o caderno para escrever, deparei com o cartão da sra. Molé. Logo meu "eu" desmemoriado, mas que, como é de regra entre os bárbaros escrupulosos que frequentam banquetes, tinha precedência sobre o outro, afastou o caderno e escreveu à sra. Molé (a qual, sem dúvida, muito grata me ficaria se soubesse haver a resposta a seu convite preterido meus trabalhos de arquiteto). Uma

palavra de minha carta me lembrou bruscamente que a sra. Sazerat perdera o filho; escrevi-lhe também, e depois, tendo assim sacrificado, para mostrar-me polido e sensível, um dever real a uma obrigação factícia, caí exausto, fechei os olhos, durante oito dias apenas vegetei. Entretanto, se todos os deveres inúteis aos quais imolava o essencial me fugiam da cabeça ao cabo de poucos minutos, a idéia de minha construção não me deixava um só instante. Não sabia se seria uma igreja onde pouco a pouco os fiéis aprenderiam algumas verdades e descobririam certas harmonias, um grande plano de conjunto, ou se, como um monumento druida no meio de uma ilha, permaneceria solitária. Mas estava decidido a consagrar-lhe todas as forças que se sumiam lenta e relutantemente, como se me quisessem dar tempo de, terminados os contornos, fechar “a porta funerária”. Breve pude mostrar alguns esboços. Ninguém entendeu nada. Até os que me aprovavam a percepção das verdades que tencionava gravar depois no templo felicitarame por as haver descoberto ao “microscópio”, quando, ao contrário, eu me servia de um telescópio para distinguir coisas efetivamente muito pequenas, mas porque situadas a longas distâncias, cada uma num mundo. Procurara as grandes leis, e tachavam-me de rebuscador de pormenores. Para que, aliás, o fazia? Jovem, denotara alguns dons, e Bergotte achara “perfeitas” as minhas composições de colegial, mas, em vez de aplicar-me, vivera na indolência, na dissipação dos prazeres, na doença, nos tratamentos, nas manias, e, na véspera de morrer, sem nada conhecer do ofício, empreendia minha obra. Já não me sentia capaz de cumprir minhas obrigações para com os outros, nem meus deveres para com meus pensamentos e meu trabalho, e ainda menos de a ambos satisfazer. Em relação às pessoas, facilitava-me a tarefa o esquecimento das cartas a escrever. A perda da memória me valia, introduzindo em meus compromissos sociais lacunas que meu livro preenchia. Mas, de repente, com um mês de atraso, alguma associação de idéias me trazia, com os remorsos, a lembrança, e a sensação de minha impotência me acabrunhava. Espantou-me minha indiferença às críticas, mas, desde o dia em que minhas pernas fraquejaram ao descer a escada, eu me tornara indiferente a tudo, só aspirava ao repouso, prefigurador do descanso definitivo, que não poderia tardar muito. Nem era por esperar, para depois de minha morte, a admiração devida, segundo me parecia, minha obra, que tão pouco cioso me mostrava dos sufrágios da atual elite. Pensasse a seguinte o que quisesse. Tanto se me dava. Na realidade, se cuidava de minha obra e não das cartas a responder, não o fazia por dis-

tinguir, como no tempo da indolência e, depois, no do trabalho, até o dia em que precisei me amparar ao corrimão, maior diversidade de importância entre as duas empresas. A organização da memória, das preocupações ligava-se-me à obra, talvez porque, enquanto eram logo esquecidas as cartas recebidas, a idéia desta não me saía da cabeça, sempre a mesma, em perpétuo vir-a-ser. Mas também ela se me tornara importuna. Era para mim como o filho, do qual a mãe moribunda precisa ainda cuidar incessantemente, apesar da fadiga, nos intervalos das injeções e das ventosas. Talvez ainda o ame, mas só sente o amor pelo pesado dever que lhe incumbe de ocupar-se com ele. As forças do escritor já não correspondiam em mim às exigências egoístas da obra. Desde o dia da escada, nada no mundo, nenhuma felicidade, vinda dos amigos, dos progressos de meu livro, da esperança de glória, me chegava senão como um sol tão pálido que já não tinha mais a virtude de aquecer-me, de fazer-me viver, de suscitar em mim o menor desejo, mas ainda assim, tão desmaiado, ofuscava-me os olhos, que preferiam fechar-se, e eu me virava para a parede. Parece-me, não obstante, embora mal sentisse os movimentos de meus lábios, que me deve ter errado na boca um ínfimo sorriso diante destas palavras de uma senhora: “*Surpreendeu-me* ter ficado sem resposta a minha carta”. Isso me recordou todavia a carta, a que respondi. Tentava, para que não me julgassem ingrato, manter minha cortesia atual no nível das gentilezas de outrem recebidas. E esmagava-me ter de impor a minha existência agonizante as fadigas sobre-humanas da vida.

Essa idéia da morte instalou-se definitivamente em mim como um amor. Não que amasse a morte: detestava-a. Mas, ao passo que antes só pensava nela de longe em longe, como na mulher ainda não amada, agora sua obsessão aderiu à mais profunda camada de meu cérebro, tão completamente que não podia ocupar de outro objeto sem fazê-lo atravessar a idéia da morte, a qual, até quando me alheava de tudo e permanecia em inteiro repouso, se me tornara tão inseparável como a própria noção de mim mesmo. Não creio que, no dia em que me senti semimorto, tivessem sido os sintomas característicos — a impossibilidade de descer uma escada, de lembrar-me de um nome, de erguer-me — os fatores determinantes, embora por um raciocínio inconsciente, da idéia da morte, de já estar quase morto, e sim que tudo viera junto, o grande espelho do espírito refletindo inevitavelmente uma realidade nova. Não percebia, entretanto, como, dos males que me afligiam, poderia passar, sem ser avisado, à morte completa. Mas pensava

então nos outros, em todos os que diariamente sucumbem sem nada notarmos de extraordinário no hiato entre sua doença e seu fim. Chegava a imaginar que era tão-somente por vê-los do interior (e não por embair-me a esperança) que certos incômodos, considerados isoladamente, não me pareciam mortais, embora estivesse certo de morrer, como os que se sabem desenganados deixam-se facilmente persuadir de que o fato de não conseguirem pronunciar determinadas palavras se deve não a um ataque, a uma crise de afasia, mas ao cansaço da língua, a um estado nervoso análogo à gagueira, ao esgotamento provocado por uma indigestão.

Não eram as despedidas de um moribundo à esposa que eu tinha a escrever, mas algo de mais longo e dirigido a mais de uma pessoa. Demoraria muito. De dia, quando muito tentaria dormir. Se trabalhasse, só seria à noite. Mas precisaria de tantas noites, talvez de cem, talvez de mil. E vivia ansioso, sem saber se o senhor de meu destino, menos indulgente do que o sultão Sheriar, quando pela manhã eu interrompesse minha narrativa, se dignaria adiar minha condenação à morte e permitir-me prosseguir na noite seguinte. Não que de modo algum pretendesse refazer as *Mil e uma noites*, nem as *Memórias* de Saint-Simon, também noturnamente redigidas, nem nenhum dos livros que tanto amara e dos quais, em minha ingenuidade infantil, supersticiosamente apegado a eles como a meus amores, não pudera sem horror imaginar uma obra diferente. Mas, como Elstir, como Chardin, sabia que só renunciando ao que se ama consegue-se refazê-lo. Sem dúvida, também meus livros, como meu ser carnal, pereceriam um dia. Mas devemos nos resignar à morte. Aceitamos a perspectiva de já não existirmos dentro de dez anos, e nossos livros dentro de cem. A duração eterna não foi prometida aos livros mais do que aos homens. Meu livro seria tão longo como as *Mil e uma noites*, porém diverso. Certo, quando amamos uma obra, a tentação nos vem de produzir outra semelhante, mas é mister sacrificar o amor do momento e cogitar, não das próprias predileções, mas da verdade, que não indaga de nossas preferências e até nos proíbe de nelas pensar. E só se a seguirmos é que algumas vezes encontramos o que abandonáramos, escrevendo, porque as esquecêramos, as *Histórias árabes* ou as *Memórias* de Saint-Simon de outra época. Mas ainda teria eu tempo de fazê-lo? Já não seria muito tarde?

Mas, em todo caso, se tivesse forças para realizar o livro projetado, sentia que a natureza das circunstâncias que me haviam hoje mesmo, durante esta recepção da princesa de Guermantes, dado, juntamente com a idéia de minha obra, o receio de não a poder

levar a cabo, lhe imprimiria sobretudo certamente a forma — de ordinário para nós invisível — por mim pressentida outrora na igreja de Combray, em dias decisivos para minha formação — a forma do Tempo. Essa dimensão do tempo, já vislumbrada na igreja de Combray, eu procuraria torná-la continuamente sensível, numa transcrição do mundo por isso mesmo muito diferente da que nos oferecem nossos sentidos tão falazes. Certamente, muitos outros erros dos sentidos — viu-se como mo provaram vários episódios desta narrativa — nos falseam o aspecto real deste mundo. Mas, enfim, eu poderia, a rigor, na transcrição mais exata que tentaria fazer, não modificar o lugar dos sons, evitar desmembrá-los de sua causa, a cujo lado a inteligência os coloca retrospectivamente, embora evocar a chuva cantando no meio do quarto e nossa tisana em ebulição caindo como um dilúvio no pátio não seja, em suma, mais desconcertante do que aquilo que tantas vezes se permitem os pintores, quando situam muito perto ou muito longe de nós, segundo no-los devem mostrar as leis da perspectiva, a intensidade das cores e a primeira ilusão do olhar, um barco a vela ou um cume, que o raciocínio transportará em seguida a distâncias não raro enormes.

Eu poderia, apesar de ser falta ainda mais grave, continuar, como em regra se faz, a desenhar as feições da mulher apenas vista de relance, quando, no lugar do nariz, das faces e do queixo, deveria deixar um espaço vazio, onde no máximo se refletiriam nossos desejos. E até, se não me sobrasse tempo para preparar, coisa mais importante, as cem máscaras que — segundo o sentido emprestado aos traços pelos olhos diversos que os decifram, ou, pelos mesmos olhos segundo a esperança e o receio, ou, ao contrário, o amor e o hábito, graças aos quais se velam por tantos anos as deformações da idade — convém afivelar ao mesmo rosto, mesmo se, enfim, não empreendesse aquilo cuja ausência, como me demonstrara minha ligação com Albertine, torna tudo factício e enganoso, isto é, representar certas pessoas, não fora, mas dentro de nós, onde seus mínimos atos podem acarretar perturbações mortais, e fazer variar a luz do céu moral de acordo com as diferenças de pressão de nossa sensibilidade ou com a serenidade de nossa certeza, que nos faz considerar mínimo um objeto do qual a mais ligeira nuvem ameaçadora multiplica instantaneamente o volume, se não pudesse introduzir tais modificações e muitas outras (cuja necessidade para a pintura do real se há de ter patenteado no curso desta narrativa) na transcrição de um universo a exigir desenho inteiramente novo, ao menos não deixaria, antes de tudo, de des-

crever o homem como se tivesse o comprimento, não de seu corpo, mas de seus anos de vida, como se a estes devesse, tarefa cada vez mais pesada à qual por fim sucumbe, arrastar após si quando se move. Aliás, que ocupamos no Tempo um lugar sempre crescente, todos o sentem, e essa universalidade só me podia alegrar, já que assim só me incumbia elucidar a verdade, a verdade por todos entrevista. Não só todos sabem que ocupamos um lugar no Tempo, como até os mais simples o medem aproximadamente, como mediriam o que ocupamos no espaço. Sem dúvida, enganamos muitas vezes nessa avaliação, mas a haveremos imaginado possível significa que concebemos a idade como algo de mensurável.

Eu dizia a mim mesmo: “Terei não apenas tempo, mas capacidade para realizar minha obra?” A enfermidade que, tal um severo diretor de consciência, me obrigara a morrer para o mundo, me fora útil (pois se o grão de centeio não morrer depois de semeado, permanecerá único, mas, se morrer, frutificará) talvez me resguardasse da indolência, como esta me preservara da facilidade, mas me consumira as energias, até — verifiquei-o ao deixar de amar Albertine — as da memória. Ora, a recriação, pela memória, das impressões que depois seria mister aprofundar, esclarecer, transformar em equivalentes intelectuais, não seria uma das condições, quase a própria essência da obra de arte tal como há pouco a concebera na biblioteca? Ah! se ainda possuísse as forças intatas da noite que então evoquei, sugerida por *François le champion!* Daquela noite, a da abdicação de minha mãe, datava, com a lenta morte de minha avó, o declínio de minha vontade, de minha saúde. Tudo se decidiu no momento em que, incapaz de esperar o dia seguinte para pousar os lábios no rosto de minha mãe, eu me resolvi, saltei da cama e fui, de camisa de dormir, instalar-me na janela por onde entrava o luar, até a saída de Swann. Meus pais o haviam acompanhado, ouvi o portão abrir-se, fazer soar o badalo, fechar-se. Neste momento, na casa do príncipe de Guermantes, o ruído dos passos de meus pais reconduzindo Swann, o tilintar álaçre, ferruginoso, interminável, agudo e claro da sineta, anunciando que afinal a visita se fora e mamãe ia subir, eu os ouvia ainda, distintamente, apesar de já tão remotos. E, refletindo sobre todos os sucessos necessariamente situados entre o instante em que os ouvira e a *matinée* dos Guermantes, pasmou-me verificar ser bem a mesma sineta que ainda repercutia em mim, sem me ser sequer possível atenuar-lhe os sons gritantes do badalo, pois, esquecido de como se extinguíam, para lembrar-me, para melhor escutá-los, precisei fechar-me à bulha das conversas em meu der-

redor mantidas pelos mascarados. A fim de me pôr a seu alcance, foi a meu íntimo que me vi obrigado a descer. Era então que esse tilintar lá estava, e também, entre ele e o presente, todo o passado, que eu não supunha carregar, a desenrolar-se indefinidamente. Eu já existia quando ecoara, e, se ainda o ouvia, era que não houvera a menor descontinuidade, que eu nunca tivera um momento de trégua, nunca deixara de existir, de pensar, de ter consciência de mim, senão esse minuto antigo não se me agarraria tanto, nem o poderia eu recobrar, encontrar mediante apenas uma entrada mais profunda em mim mesmo. Era essa noção do tempo incorporado, dos anos escoados porém inseparáveis de nós que eu tencionava fazer ressaltar em minha obra. E é por guardarem assim as horas do passado que os corpos humanos podem fazer tanto mal a quem os ama, por conservarem recordações, prazeres e desejos, já para eles extintos, mas cruéis para quem contempla e prolonga na ordem do tempo a carne amada, da qual, no desvario do ciúme, chega a desejar a destruição. Porque após a morte o Tempo se retira do cadáver, e as lembranças — tão insignificantes, tão esmaecidas —, assim como se apagaram na morta, breve se retirarão daquele que ainda torturam, perecendo quando não mais as entretiver o desejo do corpo vivo.

Experimentava uma sensação de imenso cansaço ao verificar que todo esse tempo tão longo não só fora, sem interrupção, vivido, pensado, segregado por mim, era minha vida, era eu mesmo, como ainda o devia incessantemente manter preso a mim, pois me sustentava, eu me via jungido a seu cimo vertiginoso, não me podia locomover sem comigo o deslocar.

A data em que ouvira o ruído, tão distante e todavia interior, da sineta do jardim de Combray era um marco na dimensão enorme que eu ignorava possuir. Dava-me vertigem ver, abaixo de mim e não obstante em mim, como se eu tivesse léguas de altura, tantos anos.

Acabava de compreender por que o duque de Guermantes, a quem admirara, vendo sentado, por haver envelhecido tão pouco, apesar de ter sob si muitos mais anos do que eu, mal se erguera e quisera permanecer de pé, logo vacilara nas pernas incertas de arcebispo senil amparado por jovens seminaristas, no qual só é só-lida a cruz metálica, e caminhará a tremular como uma folha no cume pouco seguro de 83 anos, como se os homens se equilibrassem sobre ondas animadas, sempre crescentes, algumas mais altas do que campanários, tornando-lhes difícil e perigosa a marcha, e de onde subitamente caem. Horrorizava-me ver tão elevadas as mi-

nhas, temeroso de já não ter mais forças para manter por muito tempo preso a mim esse passado que se prolongava tanto para baixo, e que tão dolorosamente eu carregava! Se ao menos me fosse concedido um prazo para terminar minha obra, eu não deixaria de lhe imprimir o cunho desse Tempo cuja noção se me impunha hoje com tamanho vigor, e, ao risco de fazê-los parecer seres monstruosos, mostraria os homens ocupando no Tempo um lugar muito mais considerável do que o tão restrito a eles reservado no espaço, um lugar, ao contrário, desmesurado, pois, à semelhança de gigantes, tocam simultaneamente, imersos nos anos, todas as épocas de suas vidas, tão distantes — entre as quais tantos dias cabem — no Tempo.